

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Adilson Januario da Silva

**A CASA, A ESCOLA E AS IDENTIDADES DOS/AS EDUCADORES/AS
AMBIENTAIS**

Linha de pesquisa: Conhecimento e Cotidiano Escolar

Sorocaba/SP
Agosto – 2006

Adilson Januario da Silva

**A CASA, A ESCOLA E AS IDENTIDADES DOS/AS EDUCADORES/AS
AMBIENTAIS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof.Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota

**Sorocaba/SP
Agosto – 2006**

Ficha Catalográfica

S578c Silva, Adilson Januário da
A casa, a escola e as identidades dos/as educadores/as ambientais / Adilson Januário da Silva. -- Sorocaba, SP, 2006. 136 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2006.
Inclui bibliografias.

1. Educação ambiental. 2. Professores - Formação. 3. Educador ambiental – Aspectos sociais. I. Reigota, Marcos Antonio dos Santos, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

A CASA, A ESCOLA E AS IDENTIDADES DOS/AS EDUCADORES/AS AMBIENTAIS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

Orientador: Prof.Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota (Presidente) – UNISO/Sorocaba

1º. Examinador: Profa.Dra. Andréa Focesi Pelicioni – UniFMU/São Paulo

2º. Examinador: Prof.Dr. Pedro L. Goergen – UNISO/Sorocaba

Sorocaba, 28 de agosto de 2006

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda vida, sabedoria e força em minha trajetória;

Aos meus pais, Benedicto Januário da Silva (in memoriam) e Maria de Lourdes Bento da Silva, por todo amor, dedicação, educação e experiências de vida transmitidas em toda minha jornada;

A toda minha família (irmãos, irmãs, cunhados, cunhada, sobrinhos e sobrinhas) pela força e estímulo em todas as horas;

Ao Prof.Dr. Marcos Reigota - mais que um orientador, um amigo - pela dedicação, estímulo e paciência durante todo o processo desta pesquisa e minha iniciação como pesquisador;

A Antonio Carlos de Oliveira, “Jadê” - minha outra metade - por todo o amor e força dedicados a mim durante este último ano do curso;

Aos meus amigos Roberto, Valdete, Apolo, Marcelo, João, Pedro, Fábio – minha família em Sorocaba – pela recepção, aceitação e apoio em todas as horas;

Aos professores, gestores e funcionários da escola Profa. Osis Salvestrini Mendes, minha escola, e todo estímulo recebido durante o curso;

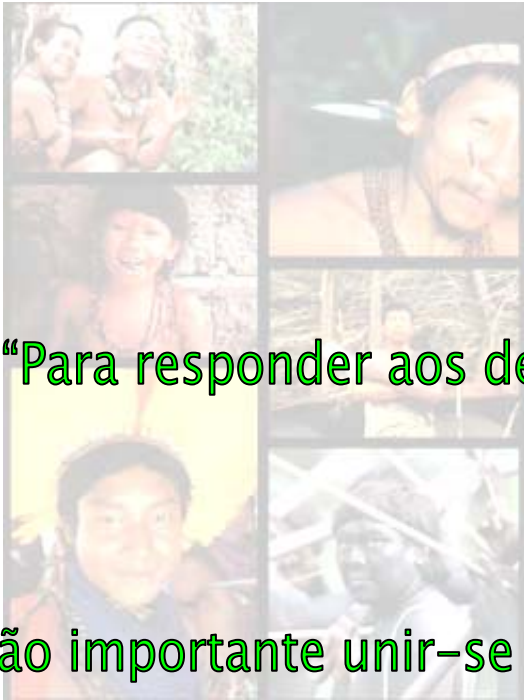
A todos os amigos que encontrei no curso de mestrado, todos os momentos de descontração, os momentos difíceis em que apoiamos uns aos outros, enfim, às amizades que permanecerão, mesmo à distância;

Aos meus irmãos do Ilê Odé Jaguê, São Roque, pelo acolhimento, carinho e todo o axé ali recebido;

Ao professor Álvaro José de Souza (in memoriam) – meu “segundo pai” – por todo o estímulo e dedicação em minha formação acadêmica e construção de minha vida profissional;

À Prof.Dra. Andréa Focesi Pelicioni e ao Prof.Dr. Pedro Goergen, por terem aceitado fazer parte de minhas bancas de qualificação e defesa; por todo auxílio e orientação que só enriqueceram este trabalho;

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISO, pelo empenho na construção de um curso e na formação de pesquisadores, com seriedade e responsabilidade e, acima de tudo, muita amizade e companherismo.



“Para responder aos desafios atuais e futuros, é tão importante unir-se na ação quanto valorizar a

diversidade cultural.”



“Princípio da Carta das Responsabilidades Humanas/ Aliança para um mundo responsável, plural e solidário.”

RESUMO

Educador/a ambiental: quem é este/a profissional? Como ele/ela constrói suas identidades através de suas experiências em todas suas trajetórias? Casa e escola: que influências exercem em todo este processo? São perguntas como estas que norteiam este trabalho de dissertação.

O educador ambiental possui uma história, uma trajetória carregada de vivências que partem de sua “casa”, sua infância, seu mundo particular, passando pela “escola”, pelos espaços públicos, sua convivência com os outros, sua formação acadêmica e suas experiências profissionais. Todo este processo insere este/a profissional em um emaranhado de informações e conhecimentos que estabelecem as “redes de saberes”, por onde trilham e constroem sua vidas profissionais.

Baseando-se em autores como Stuart Hall, Manuel Castells, Pedro Goergen, Marcos Reigota, Andréa Pelicioni, Marília Tozoni-Reis, entre outros, a investigação abarca temas como identidade, casa, escola, redes de saberes, informações e conhecimentos. Uma pesquisa de campo, através de entrevistas realizadas com educadores ambientais formados na 1ª.Turma do curso de especialização em Formação de Educadores Ambientais da Unesp/Campus de Botucatu-SP, nos fornece elementos de trajetórias e experiências reais, para uma fundamentação de nossas bases teóricas.

Palavras-chaves: Educador ambiental, identidade, casa, escola, redes de saberes.

ABSTRACT

Environmental Educators: who is this professional? How does he form his identity by experiences along his trajectories? Home and school - how can they affect the process at all? Questions like these lead this work.

An environment's professional profile starts at home, in the childhood, at school, social contacts, academic knowledge and it expands along his experiences.

Each one of these facts provides an information web that will establish his professional life.

Searching knowledges sources as the authors: Stuart Hall, Manuel Castells, Pedro Goergen, Marcos Reigota, Andréa Pelicioni and Marília Tozoni Reis among others, the investigation embraces subjects as: identity, home, school, knowledge webs and general informations.

A serious research with environmental educators majored in the "1st.Group on Specialization in Environmental Educators", Unesp-Botucatu/SP, provides us ingredients of trajectories and real experiences, in order to validate our fundamental principles and theories.

Key words: Environmental educator, identity, home, school and knowledge

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Minha casa, minha escola, minhas identidades 9

1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: REPRESENTAÇÕES E DESAFIOS 29

1.1 Educadores Ambientais: o ser e o fazer 38

2 SOBRE IDENTIDADES, SUJEITOS E PÓS-MODERNIDADE 42

3 UM MUNDO A CONHECER

3.1 A casa: nosso ponto de partida 50

3.2 A escola: abrindo as janelas para o mundo 55

3.3 As redes de saberes e a formação ao longo da vida 59

4 PESQUISA DE CAMPO 65

4.1 Leitura das entrevistas: buscando aspectos da identidade dos
entrevistados 67

4.2 Análise e reflexões sobre as entrevistas 77

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 82

REFERÊNCIAS 84

APÊNDICE A – Entrevista I: Agrônomo 87

APÊNDICE B – Entrevista II: Advogado 91

APÊNDICE C – Entrevista III: Profa. Matemática/Ciências/
Coordenadora Pedagógica 96

APÊNDICE D – Entrevista IV: Profa. Artes 103

APÊNDICE E – Entrevista V: Bióloga/ Agente de Turismo	106
APÊNDICE F – Entrevista VI: Biomédico	116
APÊNDICE G – Entrevista VII: Sociólogo/Coordenador Pedagógico	108
APÊNDICE H – Entrevista VIII: Prof. Geografia/Gestor Ambiental	133

INTRODUÇÃO

MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MINHA(S) IDENTIDADE(S).

Meu nome é Adilson Januario da Silva, tenho 35 anos, sou formado em Geografia (Licenciatura Plena), especialista em Educação Ambiental. Atualmente sou professor titular de cargo/efetivo na rede estadual de ensino de São Paulo, na cidade de Sorocaba/SP.

Nasci na cidade de Botucatu/SP, aos 17 de fevereiro de 1971. Meus pais, Benedito e Maria de Lourdes, sempre foram pessoas humildes, batalhadoras e, apesar de algumas dificuldades, procuraram construir uma família harmoniosa, honesta, unida... Enfim, uma família fundamentada no amor, na compreensão, na verdade. Oriundos da zona rural, meus pais trouxeram com eles muitos preceitos, conhecimentos, costumes das fazendas por onde passaram – criação de galinhas, cultivo de hortaliças, as comidas, os doces caseiros, além das superstições e crenças; no entanto, adaptaram-se bem à cidade. Trabalharam em fazendas de algodão, café, milho, feijão, arroz; minha mãe trabalhou durante certo tempo na casa dos administradores da fazenda, meu pai foi cocheiro, trabalhou com criação de cavalos, porcos, carneiros, etc. Moraram por certo tempo nas fazendas da família Barros, importantes no cenário político nacional por décadas, como Adhemar de Barros, Reinaldo de Barros, Geraldo de Barros, etc.

Na cidade de Botucatu, meu pai trabalhou durante anos em curtumes, preparando o couro de bois, vacas, para as indústrias de calçados do estado de São Paulo e de outros estados. Trabalhou no Curtume Silva, no Paulista e por último no Pioneiro, da família Losi, tradicional nos negócios de indústria e comércio de Botucatu; família de políticos, como Pedro Losi, ex-prefeito da década de 1990. Meu pai trabalhou na diretoria de um sindicato, que não me recordo agora qual era, mas acredito estar ligado aos curtumes. Era pequeno na época, mas se não me falha a memória, ele foi tesoureiro desse sindicato. O que restou disso para mim, foi que algumas vezes, aos

domingos pela manhã, ele tinha reunião nesse sindicato e diversas ocasiões ele me levava. O sindicato ficava no andar superior do Mercado Municipal, o “Mercadão”, e na rua ao lado, aos domingos, funcionava uma feira, onde comíamos pastel, o famoso “pastel de feira”.

Meu pai era um homem sério, porém não rígido; era calmo, responsável quanto ao seu trabalho. Estudou até a 3ª série primária, mas sabia calcular e escrever muito bem. Gostava muito de futebol e na época de sua juventude, nas fazendas onde morou, participou de alguns jogos amadores. Acredito que uma característica que herdei dele foi o hábito que ele tinha de querer explicar com detalhes certos assuntos que surgiam em conversas conosco em casa ou com amigos. Minha mãe ficava “doida”, pois ele acabava sendo muito repetitivo, às vezes.

Minha mãe sempre foi dona de casa, no entanto, trabalhou como doméstica algumas vezes, foi lavadeira, fez algumas costuras, enfim, “se virou” como pode para ajudar. No entanto, vejo minha mãe como a “grande administradora” da família, a “mãezona”. A construção de minha identidade e de meus irmãos tem muito da Dona Lourdes, uma mulher de fibra, verdadeira, que soube dosar carinho e correção na medida certa.

Tudo o que minha mãe sabe, aprendeu na prática; para não dizer que não freqüentou uma escola, ela o fez quando eu já tinha meus 08 ou 09 anos, no antigo MOBREAL. Aprendeu algumas coisas, mas hoje não gosta de assinar seu nome, pois muitas vezes esquece algumas letras, então, prefere usar as digitais. Ela era a filha mais velha de sua família e por isso desde cedo meu avô a levava para a roça, ajudar nos afazeres das fazendas por onde passaram. Outras horas estava a cuidar de seus irmãos. Ela conta que já moça, almejava trabalhar em um hospital, como enfermeira, mas meu avô não permitiu. Aos 22 anos de idade ela se casou com meu pai. Ótima cozinheira adora fazer seus doces caseiros: doce de abóbora, mamão, banana, cidra, laranja, goiaba, etc. Faz seus crochês, tricôs, colchas de retalhos, tapetes, cuida de suas plantas, dos animais da casa (cachorros, gatos, pássaros), e ainda inventa por vezes de dar uma de pedreiro, encanador, o que precisar de reparos que ela julgue ser possível fazer, sem um profissional. Adora mudar as coisas do lugar, transformar as

coisas, como um armário balcão em gabinete de pia, um pequeno guarda-roupa em armário, etc, etc, etc.

Acho que herdei dela, um pouco dessa inquietude, de não esperar muito as coisas acontecerem, mas correr atrás. Quanto mais velho fico, acho que mais características dela vou adquirindo. Hoje me vejo com uma postura um pouco mais franca, mais decidido; isso é dela. Preocupo-me muito com os que convivo, procuro ajudar ao máximo no que puder, principalmente se percebo que é de extrema necessidade. Mesmo quando não posso resolver, ouço e ofereço meu ombro, minha mão; isso é dela.

Minha mãe é um exemplo de alguém que aprendeu (e continua aprendendo) com a vida, ainda que por amargas vias, e soube construir conhecimentos, vivências e a partir disso compartilhou (e compartilha) sua sabedoria.

Meu irmão mais velho, Alfredo, foi o único que nasceu na zona rural, porém, com 1 ano de idade já estava na cidade. Depois vieram Cleusa, Elza, Vilma e eu. Sou o que se costuma dizer “a raspa do tacho”, com nove anos de diferença entre mim e minha irmã Vilma. Alfredo, meu irmão mais velho, tem 53 anos, é biólogo e trabalha no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Unesp/Campus de Botucatu, na área de Angiografia. É casado com Célia (professora de Matemática na rede estadual de ensino de São Paulo), pai de Janaína (zootecnista, doutoranda na UFMG/Belo Horizonte/MG), Stella Maris (bióloga, doutoranda na Universidade Católica do Chile) e Èrik (estudante de Agronomia na UFSCar/Campus de Araras/SP). Cleusa tem 51 anos, é dona de casa, casada com José Aparecido (eletricista aposentado da CPFL/autônomo e proprietário de uma loja de materiais elétricos); juntos eles são ministros de eucaristia na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Botucatu. Cleusa é mãe de Michelle (odontologista), Everton (Elétrotécnico) e Émerson (responsável pela loja de materiais elétricos). Elza tem 46 anos, é solteira, Técnica em Enfermagem e trabalha no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Unesp/Campus de Botucatu, no setor de Hemodiálise. Vilma tem 44 anos, é dona de casa, casada com Aguinaldo (atualmente desempregado), é mãe de Silvana (funcionária em uma fábrica de roupas) e Silmara (atualmente desempregada).

Desde bem pequeno, estudar, ir à escola, era algo que já me trazia algum fascínio. Eu adorava ir com minha mãe à escola de minhas irmãs buscá-las, ou participar de algum evento, como festas juninas, por exemplo. Recordo-me o quanto me encantavam os cadernos velhos de meus irmãos, mesmo antes de eu entrar na escola; sempre tive meu caderninho de rabiscos e desenhos, minha louzinha de madeira e meu giz; a brincadeira de escolinha.

Em 1978 fui matriculado na primeira série primária (hoje Ensino Fundamental – Ciclo I), no Centro Educacional SESI de Botucatu; minha primeira professora foi Dona Maria Lúcia, uma ótima professora, amável, porém, bastante enérgica quando necessário. Ela ficou conosco apenas por um semestre, e o que nos contaram é que ela havia ido para a França. Em seu lugar veio Dona Sílvia, igualmente amável e enérgica. Anos depois ela tornou-se dona de uma loja de lingerie, que hoje já não existe. Cerca de 6 a 7 anos atrás, encontrei-me novamente com ela em um evento, no qual eu era Coordenador e ela fazia parte de um grupo de teatro que fazia uma participação. O evento foi o Ciclo de Estudos Ambientais – “Água, riqueza de todos”, realizada na UNIFAC – Associação de Ensino de Botucatu, em convênio com a Prefeitura Municipal de Botucatu, no mês de junho de 2001. Eu era Coordenador do Curso de Geografia da faculdade e juntamente com a Prof^a. Marilda Silva e o Secretário de Meio Ambiente da Prefeitura, organizamos o ciclo de palestras sobre questões da água no município, no estado e no planeta. Dona Sílvia participava de um grupo de teatro que encenou uma peça sobre a morte de um rio; ela era a mãe-natureza que chorava pela morte do rio.

Na 2^a. série minha professora foi Dona Norma, excelente professora, enérgica, corrigia a indisciplina com pulso firme, e não tinha qualquer constrangimento em falar sobre assuntos velados para época, como uma vez em que ela desenhou o corpo de uma mulher na lousa e falou sobre sexo, após ter advertido um aluno que “passou a mão” em uma menina da sala. Dona Norma era de família conhecida na cidade, pois eram donos de um supermercado. Na 3^a. série novamente tive duas professoras. No primeiro semestre estudei com Dona Clotildes, que se mudou para São José dos Campos. Encontrei-me com ela novamente anos depois, quando eu e a professora

Marisa, uma amiga da faculdade, fomos convidados a dar uma aula a professores candidatos em um concurso para diretores na rede estadual de ensino. Ela iria prestar este concurso. Quando a vi, perguntei a ela se recordava de mim. Ela disse que sim, e ainda expressou: - “Como é a vida! Como os papéis se invertem!” No segundo semestre quem assume minha classe é a Dona Marilda. O que mais me marcou a convivência com esta professora, foi que ela era também professora de inglês em uma escola infantil particular e, algumas vezes por semana, ao final do período de aulas, ela ensinava musiquinhas e palavras em inglês para nós.

Na 4ª série, Dona Aparecida assume nossa classe. Ela era esposa do Senhor Muniz, que foi Delegado de Ensino da Região de Botucatu. Neste ano eu sou eleito por ela, o “melhor aluno” da classe e juntamente com minha colega, Roseane, eleita “melhor amiga” pelos alunos, fomos receber uma medalha no Botucatu Tênis Clube, juntamente com outras escolas da cidade, oferecida pelo Rotary Club de Botucatu.

Durante este primeiro ciclo (primário), sempre procurei fazer o melhor; a reclamação constante sobre mim, era apenas o fato de conversar muito. Como sempre tive facilidade em entender as explicações dadas pelas professoras, raramente precisava ficar horas estudando em casa para as provas.

Em 1982 inicio o ginásio (hoje Ensino Fundamental – Ciclo II), na mesma escola, SESI. Tudo é muito novo, pois passamos de 01 único professor para 07 professores, com personalidades diferentes, métodos diferentes, representações de mundo diferentes. Entre a 5ª e a 8ª série, alguns professores permaneceram outros foram sendo substituídos, e isso foi trazendo novas experiências para todos. Recordo-me de Dona Ângela, professora de Língua Portuguesa, preocupada com certas regras de etiqueta, posturas, principalmente em relação às meninas da classe, que não se vestiam adequadamente, na visão dela. Sempre falava sobre sua época de escola, em que iam de sapato de salto para aula, enquanto que as meninas de minha sala só usavam tênis. Lembro-me quando ela tirou seu “guarda-pó”, que ia até o joelho, e deu a uma aluna que havia ido para escola de “mini-saia”, o que ela julgou indecente.

Professor Milton, de Matemática e Ciências, era bastante tradicional, porém excelente. Exigia muita dedicação e enfatizava a importância de se manter boas notas.

Todos conheciam sua velha história do “reio de três argolas”, com o qual seu pai lhe deu uma surra, após saber de um professor seu que suas notas haviam decaído por falta de estudo. Ao contar esta história, ele se mostrava grato ao seu pai pelo ocorrido, pois se ele chegou até ali, a “surra” teve um efeito positivo.

Dona Leonor, de Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica e OSPB (Organização Social e Política do Brasil) era muito simpática e um tanto quanto mística. Lembro-me que por diversas vezes ela nos advertiu a não ficarmos com os pés cruzados, pois isso interrompia fluxos de energia. A TV divulgava em propagandas a palavra “axé”, o que nós repetíamos a qualquer instante, de qualquer maneira; ela nos advertia a não banalizarmos esta expressão, que carregava muita energia. Fui colega de trabalho dela, posteriormente, na faculdade.

Dona Erotides, de Matemática, era brava, explodia com muita facilidade; pelo menos por duas vezes a presenciei “batendo” em dois colegas de classe. Uma dessas vezes ela foi provocada, pois meu colega, Rochester, era muito peralta, e mesmo sendo advertido, levando umas “tapas”, ele continuava rindo. Já a Adriana, que levou um “bofetão na cara”, apanhou sem dever, pois Dona Erotides achou que ela estava rindo dela, quando na verdade ela ria de algo que uma outra colega falava com ela.

Dona Marisa, de Inglês e Português, era excelente, e percebendo minha facilidade para escrever, me incentivava muito, como certa vez que me inscreveu em um concurso, que até hoje não sei qual foi o resultado. Com certeza não fui um dos ganhadores. Ela havia morado na Inglaterra por dois anos, quando seu esposo conseguiu uma bolsa para fazer doutorado. Ela costumava contar algumas passagens de sua estadia na Europa, como da vez em que ela foi conhecer a Grécia, convidada pela faxineira de sua casa na Inglaterra, que tinha uma casa na Grécia. Lembro-me que ela disse ter se espantado de ver dois gregos conversando na rua. “Era como se estivessem brigando, disse ela, de tão rápido e alto que falavam”.

Professor Valdomiro, o “Miro”, de Educação Física, deu-me a oportunidade de jogar vôlei pela escola em vários campeonatos, e foi meu instrutor de vôlei em um projeto de esportes da Prefeitura Municipal. Foi ele também quem nos auxiliou com o caixa para a formatura da 8ª série.

Dona Vera, de Língua Portuguesa, foi minha professora somente na 8ª série, mas tenho boas recordações dela. Ela movimentou a escola com seus concursos de beleza, simpatia, cortes de cabelo originais, personagens da novela das oito, dublagem, teatro, etc. Em um concurso de redação, eu fui o único que me inscrevi, com uma redação sobre o Brasil e seus contrastes, mas já não tenho mais cópia dela. Ela também me auxiliou com meu discurso de formatura, quando fui orador da turma. Fiz um discurso sério, falando sobre a importância de nosso estudo e sua conclusão, como ponte para outra fase de nossas vidas. Ela gostou, mas pediu para que eu brincasse um pouco com meus colegas, lembrando certos fatos ocorridos durante aquele ano. Foi o que fiz: lembrei nossas festas, nossa participação nos campeonatos, as briguinhas de namorados, etc e etc.

Professor Edson, de Geografia, este tenho uma recordação muito especial, pois foi ele quem me incentivou em minha escolha profissional, quando lhe revelei meu interesse pela Geografia. Estava eu cursando a 6ª série do antigo 1º grau (hoje Fundamental – Ciclo II), quando tive a curiosidade de perguntar a ele o que tinha que ser feito para se tornar um professor de Geografia. Ele me explicou sobre a faculdade e me perguntou se eu tinha interesse na área. Eu disse que sim e ele para incentivar-me, algum tempo depois dessa nossa conversa, deu-me de presente um Atlas, uma série de fascículos de uma coleção de Geografia Ilustrada que ele não havia concluído, uma série de revistas da National Geographic (este último não foi somente para mim, mas toda minha sala foi presenteada com alguns fascículos da revista). Posteriormente, já em plena atividade, como professor, sempre me encontrava com ele nas orientações técnicas que a Diretoria Regional de Ensino nos proporcionava.

Muitos outros professores ainda “circulam” pelas minhas recordações, mas acredito que os que mencionei já mostram um pouco de minha passagem pelo “ginásio”.

Sempre procurei participar dos eventos: festas juninas, campeonatos esportivos internos e externos (me desenvolvia melhor no vôlei), concursos de redação, eleição para o Centro Cívico, etc. Da 5ª. a 8ª. série fui eleito representante de sala para levar, ao final de cada bimestre, até o Conselho de Escola, as reivindicações dos alunos da

classe, como, atitudes mais enérgicas com alunos indisciplinados, maior diversidade de eventos na escola, enfim, críticas e sugestões aos professores e diretores.

Em 1983, quando eu tinha 12 anos, cursava a 6ª série, meu pai sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral), popularmente chamado de “derrame”, mas, ainda viveu até 1996, quando faleceu às vésperas de completar 70 anos de idade. Em todo este tempo, minha mãe, grande batalhadora, dedicou-se a cuidar dele.

Desde criança sempre fui muito curioso, comunicativo; acredito que nunca tive grandes problemas para fazer amigos. Sempre me senti muito a vontade próximo de pessoas mais velhas; gostava de ouvi-las contar histórias vivenciadas por elas ou por outros. Recordo-me de meu tio Gentil, quando ia de São Paulo para minha casa, e suas longas conversas com meu pai, recordando os velhos amigos das fazendas, episódios de suas épocas de juventude. Ou minha mãe de minha avó... meu Deus, como minha avó Maria gostava de contar suas histórias! Era tudo muito bom!

O SESI não tinha ensino médio (2º. Grau na época), por isso fui para uma escola estadual no centro da cidade, o EECA (Escola Estadual Cardoso de Almeida); a maior escola da cidade e uma das mais velhas também. Tradicional na formação de professores no antigo curso normal que depois virou Magistério; foi uma das primeiras escolas normais do interior paulista. Se não me falha a memória, ela data de 1916. Ali, fiquei os três anos do colegial, no ensino noturno.

Neste período já comecei a trabalhar: oficina de letreiros, por 1 mês; lavador de carros numa revendedora, por 1 ano; atendente de farmácia, por 7 meses e escritório contábil, por 5 anos. Procurei manter meu rendimento mesmo trabalhando o dia inteiro. Algumas vezes minhas notas caíram e tive que recupera-las, mas nunca fui muito preocupado em ser sempre o “nota 10”. Procurava me esforçar para fazer o máximo, mas nem sempre esse esforço representava um 10 de média.

Minha turma do 1º colegial era muito legal; gostava de festas e não tínhamos problemas de atrito. Já no 2º, com a entrada de alguns alunos novos, vindos de outros colégios da cidade, começaram as “picuinhas”, as “panelinhas”. Os novos colegas, vindos de colégios públicos, como os que vieram da escola técnica, ou mesmo os que eram repetentes do 2º ano, logo se aglutinaram ao grupo, mas, outros que vieram de

um colégio particular, foram os “mentores do racha”. No 3º já éramos duas facções rivais, separadas por uma fileira de carteiras vazias. Lembro-me de um episódio em que a professora de Sociologia criou um debate sobre o tema “preconceito” (não me recordo agora, o enfoque principal dessa questão), onde a dinâmica consistia em dois grupos – um contra e outro a favor do preconceito – deveriam expor seus argumentos, defendendo suas posições. É claro que nem precisou dividir a sala. No entanto, como ninguém queria abrir o debate, a professora resolve incendiar a sala trazendo a tona toda a nossa hipocrisia: “Por que nesta sala existe preconceito? Por que existem dois grupos que não se misturam?”

Um tenta desconversar aqui, outro se finge de desentendido ali, até que um amigo meu, parte de minha facção, resolve “por a roupa no tanque” e começar a lavação: “É verdade sim, professora, nosso grupo não suporta o deles, porque eles vivem tirando sarro de nós, se achando melhores... tudo por terem se juntado a fulano, sicrano etc...”. O outro grupo queria ter um colapso ao ouvir tudo aquilo; achavam um absurdo ser julgados, por causa do fulano e do sicrano, que nem estavam na aula naquele dia. O debate não teve um desfecho, as facções continuaram e não tivemos formatura. Meu amigo, o que acendeu o estopim, hoje é artista plástico, professor de arte.

No colegial (hoje Ensino Médio), como já tinha definido fazer faculdade de Geografia, escolhi a Grade B, ou seja, Ciências Humanas. Minha escola, a EECA, naquela época, dividia o colegial em três grades: Grade A (Ciências Exatas e Biológicas), que funcionava só no período da manhã, e era indicado para quem queria estas áreas na faculdade. Puxava os estudos em Matemática, Química, Física e Biologia; Grade B (Ciências Humanas), que só funcionava à noite e puxava muito em Língua Portuguesa, Geografia, História, Sociologia, Educação Moral e Cívica, OSPB, Filosofia. Esta grade tinha apenas duas aulas de Biologia, Matemática, Química e Física por semana; e a Grade C, que era o curso de Magistério nos períodos da manhã e tarde.

Desse período, recordo-me de meus professores de Geografia: Professora Vilma, que só ficou por um semestre e tinha uma aula bastante tradicional, com um livro

didático tradicional; professor Antonio Carlos Bis, o professor “Bis”, que ficou por cerca de um mês e meio, pois se afastou para assumir a vice-direção da escola. Bastante competente, uma aula um pouco mais dinâmica. Esse era outro com quem eu me encontrava nas orientações técnicas, já como professor; professora Shirley, que encerrou o primeiro ano conosco, quase para se aposentar, muito simpática, e bastante tradicional também; professora Maria Gabriel, “tradicionalíssima”, com suas leituras exaustivas do livro didático e a exigência do completo silêncio; professor Gamito (Benedito José Gamito), que em minhas recordações, foi o que rompeu com o tradicionalismo, trazendo para a sala de aula, assuntos mais polêmicos como os “Sem-Terras”, que surgia na mídia naquela época, e os problemas fundiários do país.

Ao final do 3º ano do colegial, tivemos a visita do Professor Álvaro José de Souza, que levou até nós um material sobre o vestibular da UNIFAC, uma faculdade particular de Botucatu, e especialmente sobre o curso de Geografia, o qual ele coordenava. Já havia ouvido falar muito do professor Álvaro, ele era muito famoso na cidade, mas aquela foi a primeira vez que tinha um contato com ele. Aquela visita só reavivou meu desejo pela Geografia.

Terminei o colegial e prestei vestibular para Biologia na UNESP, colocando Zootecnia como 2ª opção. Na verdade, só prestei o vestibular para saber como era; não tinha esperança alguma de passar, e meu interesse ainda era pela Geografia, mas, não tinha condições de arcar com as despesas da faculdade. Trinta dias após a primeira chamada, ligaram-me no escritório, onde trabalhava, avisando-me que eu tinha uma vaga no curso de Zootecnia. Quase tive um treco! Mal sabia o que era o curso, mas lá fui eu para a universidade; por apenas 15 dias, quando descobri que ali não era meu lugar. Um propósito de fazer Geografia desde a 6ª série; um colegial feito na área de Ciências Humanas, tudo pensando e se preparando para a Geografia. Não dava para ir para uma outra área. As aulas de química e matemática do curso eram um verdadeiro terror para mim; não tinha base alguma de exatas. Meu forte sempre foi lidar com textos. Abandonei o curso, e terminei 1989 só trabalhando. As noites tornaram-se meio tediosas, o que eu quebrava apenas quando ia à igreja que eu freqüentava na época, e voltarei a mencionar posteriormente.

Em 1990 prestei vestibular para Geografia na UNIFAC – Associação de Ensino de Botucatu, hoje UNIFAC – Faculdades Integradas de Botucatu, uma faculdade particular de minha cidade. O interessante é que desde o momento em que pisei nesta faculdade, para fazer a inscrição do vestibular, senti-me em casa; ali era meu lugar. Passei em 2º lugar e fiz minha matrícula. Agora, será que iria conseguir arcar com as despesas? Aí entra em cena uma pessoa muito importante neste período: minha irmã, Elza. Foi ela quem bancou minha faculdade durante 3 anos; meu salário no escritório de contabilidade não era o suficiente. Assumi meus gastos no 4º ano, quando já trabalhava no Centro de Saúde Escola, como escriturário, ganhando um salário melhor.

O curso de Geografia era um curso que vivia na eminência de ser fechado, devido à baixa demanda. Comigo entraram apenas mais 4 alunos, sendo que naquele ano, no 2º ano havia apenas 4, no 3º, 5 e no 4º ano, 23. O que não permitia o fechamento do curso, era o fato deste ter sido um dos cursos de maior projeção da faculdade durante muito tempo e a presença do professor Álvaro José de Souza (aquele que foi até minha sala de aula no terceiro colegial) responsável pela elevação do curso e grande militante dentro da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Professor Álvaro foi um dos fundadores do curso de Geografia em Botucatu, no antigo Instituto Toledo de Ensino que passou no início dos anos 80 para UNIFAC. No período da ditadura militar, quando o Ministério da Educação cria a disciplina e os cursos de Estudos Sociais, fechando os cursos de Geografia e História e fundindo estas áreas em uma só, professor Álvaro recusa-se a lecionar neste curso, que representava a repressão, o autoritarismo, e tirava destas áreas de conhecimento o pensamento crítico e libertário, e passa a lecionar Geografia Econômica para o curso de Economia. Passada a fase da ditadura, o curso de Geografia volta a funcionar sob sua coordenação.

Ele foi coordenador nacional de ensino de Geografia da AGB-nacional, na gestão da diretoria nacional do Prof.Dr. Antonio Thomaz Júnior (Unesp/Presidente Prudente); foi um dos fundadores da AGB/Seção Local Bauru e responsável pela organização da revista Ciência Geográfica daquela seção; autor do livro “Geografia Lingüística – dominação e liberdade” publicado pela editora contexto e co-autor em outras

coletâneas organizadas pela AGB/Bauru, como “Milton Santos – cidadania e globalização”, com os trabalhos apresentados no Simpósio do mesmo nome. Ele era amigo pessoal do Professor Milton Santos. Na AGB/Bauru também era responsável pela organização do jornal “O espaço do geógrafo”. Não me recordo agora o nome do prêmio, mas sei que ele recebeu um prêmio por um trabalho enviado à Austrália, para a UGI (União Geográfica Internacional). Eu estava ainda na graduação e me lembro que ele nos comunicou que seu prêmio era uma quantia em dólares para a compra de livros, e ele havia escolhido apenas livros importados que ainda não haviam sido traduzidos para o português.

Professor Álvaro viveu para a Geografia, pelo ensino de qualidade, pela defesa da escola pública de qualidade, pelas classes menos favorecidas, contra as injustiças sociais.

Professor Álvaro foi fundamental em minha vida; meu “segundo pai”, como dizia minha mãe, ao se referir a ele. Ele foi o que me incentivou a lutar por uma bolsa junto à direção da faculdade, quando no 2º ano, com a alta das mensalidades, eu via que não conseguiria prosseguir; ele brigou e ameaçou sair da faculdade, quando se ouviu rumores do fechamento de nossa sala devido os poucos alunos; ele me deu a primeira oportunidade como profissional, ao convidar-me a lecionar no curso de Geografia.

Durante minha passagem pela graduação, procurei ser bastante participativo: semanas culturais, palestras, cursos, congressos, diretório acadêmico, comissão de formatura, etc. No 3º ano, obtive segundo lugar no concurso Artístico-Literário promovido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Botucatu, na categoria pesquisa, onde pesquisei o pensamento popular (donas, de casa, aposentados, etc.) sobre meio ambiente em Botucatu. No 4º ano participei do 1º. Encontro Paulista de Ensino de Geografia, realizado pela AGB, na UNICAMP, onde apresentei o trabalho “A relação aluno-Geografia nas séries do 1º, e 2º. Graus”; ao retornar deste evento, ao prestar contas da ajuda de custo que recebi da faculdade, com o diretor acadêmico, recebi uma proposta para amadurecer a idéia de no ano seguinte tornar-me professor na faculdade. Fiquei meio sem palavras, já que ainda estávamos no mês de setembro e ainda tinha

um bimestre inteiro para fechar, estágio para terminar, monografia de conclusão de curso... Como pensar na proposta, sem a certeza de concluir o curso?

Ao final do ano, concluí meus estágios e concluí minha monografia sobre a estrutura urbana e saúde em Botucatu, a qual foi publicada, posteriormente, na revista *Ciência Geográfica*, da AGB/Seção Bauru. Bem, formei-me em 22 de dezembro de 1993; no final de janeiro de 1994 fui convocado pelo Prof. Álvaro, chefe de departamento, para uma reunião de planejamento; eu já era professor do curso de Geografia.

Iniciei minha carreira ali na faculdade com a disciplina de Geografia Humana, sendo que durante o período em que estive ali, ainda lecionei, História e Evolução do Pensamento Geográfico, Geopolítica, Cartografia, Climatologia e Biogeografia. Fui representante da Instituição no COMDEMA – Comitê de Defesa do Meio Ambiente de Botucatu e no Comitê de Bacias Hidrográficas do Sorocaba-Médio Tietê. Tornei-me coordenador do curso nos seus últimos 4 anos do curso.

Em 1998, convidado pelo Prof. Dr. Luiz Roberto de Oliveira, do departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina da UNESP, participei da seleção do mestrado em Saúde Coletiva que se iniciava naquela instituição. Ele sabia de meu interesse pelas temáticas saúde, meio ambiente, geografia médica, etc. Não consegui como aluno regular, mas ele me aceitou como aluno especial na disciplina dele, Epidemiologia e Saúde Coletiva, onde concluí com um seminário, por sugestão dele, sobre a ocupação do espaço, condições de vida e saúde. Como a instituição onde lecionava incentivávamos a buscar um mestrado em nossa área de graduação, desestimulei-me em tentar entrar novamente neste mestrado.

Em 1998 participei do concurso de efetivação para professores na rede estadual de ensino e fui aprovado, mas a convocação para escolha só se realiza no ano seguinte, 1999, e eu consigo uma vaga em uma escola numa cidade próxima à Botucatu, São Manuel. Assumi as aulas somente em 2000.

Em 1999, também, iniciei o curso de especialização (lato sensu) de Formação de Educadores Ambientais, pelo departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Botucatu. Foi muito bom este período, abriu-se ali, um leque de

novas visões sobre o tema meio ambiente, que até então não havia tido contato. A convivência com profissionais das mais diversas áreas foi enriquecedor. Meu trabalho de conclusão foi sobre os temas Meio Ambiente e Saúde a partir dos PCNs. Conclui este curso no início de 2001.

A participação neste curso foi essencial em minha carreira, pois me proporcionou uma visão mais ampla sobre as questões relacionadas ao meio ambiente, porque apesar de uma formação acadêmica em Geografia, que traz em seus fundamentos os aspectos naturais e sociais do planeta, eu tinha ainda uma noção restrita das questões ambientais, mais pautada nos aspectos naturais. Educação ambiental para mim ainda se baseava em metodologias e estratégias de se ensinar como preservar o meio em que vivemos, como um manual de regras que fariam com que todos, seguindo à risca as normas, estariam criando um mundo ecologicamente correto.

Quando você passa a conviver com outros profissionais, ouvir suas experiências e começa a entender que “meio ambiente” é algo muito mais amplo do que aquilo que você concebe, vive e experimenta, você inicia a construção de um mosaico em sua cabeça, e isso vai se ampliando conforme você vai buscando e vivendo novas experiências. É um novo olhar, uma nova compreensão de mundo, que parte de você, mas traz em seus fundamentos o respeito ao(s) olhar(es) dos/as outros/as.

Em 2002 forma-se a última turma do curso de Geografia; com a baixa demanda, a mantenedora perdeu o interesse pelo curso e não abriu novas turmas. Fui convidado a trabalhar com o curso de Turismo e de Pedagogia. Iniciei meus trabalhos com os dois cursos, mas só permaneci com a Pedagogia. Não tinha experiência para trabalhar com uma Geografia aplicada ao Turismo; minha experiência sempre foi na formação de professores de Geografia, tinha experiência de sala-de-aula; optei por ficar somente com a Pedagogia, na Metodologia de Ensino de História e Geografia de 1ª a 4ª. série. Como a disciplina era semestral, ao final do primeiro semestre de 2003, fui dispensado da faculdade, após 9 anos de trabalho, 13 anos de vivência ali, contanto com minha graduação.

Como já era efetivo na rede estadual desde 2000, a partir daquele instante minha atuação era só na escola pública. Apesar das dificuldades da escola, do sistema do

ensino público, procurei desenvolver ali meu trabalho, auxiliar nos projetos interdisciplinares e dar minha contribuição.

Em 2003 também sou aprovado na seleção do Mestrado da UNISO, e mesmo sem saber se sairia, ou não, a Bolsa que a Secretaria de Estado da Educação, para professores efetivos da rede, eu fiz minha matrícula e comecei a freqüentar o curso. Após longa jornada atrás de mestrados na área de Geografia, encorajei-me a buscar novas áreas e parti para a área de Educação. Um grande incentivo para eu vir para Sorocaba, também, foi a presença no programa do Prof. Marcos Reigota, quem eu conhecia apenas através de textos estudados na especialização. Busquei um contato com ele, obtive auxílio e tornei-me seu orientando.

Como a Bolsa não saiu no primeiro semestre de 2003 e ainda fui dispensado da faculdade onde lecionava, fui obrigado a me afastar do curso. Retornei em 2004, após ter conseguido a Bolsa da Secretaria da Educação e reiniciei meus estudos, meu projeto e a longa jornada que foi a construção deste trabalho.

Um novo concurso na rede estadual de ensino em 2003 e lá vou eu novamente realizar mais uma prova. De início meu interesse era apenas ser aprovado e ganhar mais pontos em minha ficha. No início de 2004, quando contemplado com a bolsa da Secretaria da Educação, vi no concurso uma nova possibilidade: assumir um cargo na cidade de Sorocaba e, assim, me mudar para lá e facilitar meus estudos no mestrado. Foi o que fiz.

Em setembro de 2003 eu chegava definitivamente em Sorocaba. Na primeira semana fiquei num hotel, a procura de um lugar para alugar. Na semana seguinte já estava alugando um quarto em uma casa no centro da cidade, próxima à universidade.

Fui muito bem recepcionado por todos na casa e também na nova escola – EE Profª Osis Salvestrini Mendes – o que me ajudou muito na adaptação. Aliás, não tive grandes problemas para me adaptar, pois já conhecia um pouco a cidade, pelo menos a área central, próximo à universidade, enfim, dava pra me virar. Diga-se de passagem, não tenho grandes problemas de adaptação em lugares desconhecidos; consigo fazer contatos com uma certa facilidade. Como já mencionei anteriormente, sempre procuro ser participativo e tenho facilidade para falar e lidar com o público.

Minha formação religiosa dentro de igrejas evangélicas também sempre me proporcionou condições de trabalhar com pessoas, nas escolas bíblicas, como professor de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Fui Líder de Jovens, Líder do Ministério de Louvor, dirigi grupos de teatro, fiz parte de um grupo de coreografia, fui da diretoria executiva da igreja. Outrora quando me perguntavam sobre minha religião eu respondia que era “evangélico”; hoje digo que “tenho uma formação evangélica”, pois já não participo mais de nenhuma igreja, e tenho uma concepção que não posso *ser*, algo que não pratico.

Um choque muito grande foi confrontar minha religiosidade e minha sexualidade, motivo pelo qual me afastei da igreja, a qual participava antes de vir para Sorocaba. Sempre soube e já vivenciava minha homossexualidade, até que chegou em um ponto em que já não era possível mais viver uma vida dentro das convenções da igreja e da família e outra, clandestina, junto a alguns amigos; era como se vivesse em um grande teatro, representando. As concepções de repulsa ao homossexualismo dentro do cristianismo, principalmente dentro do protestantismo, são muito radicais, inadmissíveis. O impulso inicial para minha auto-avaliação foi minha experiência como supervisor de uma empresa multinacional de produtos alimentares, a Herbalife.

A Herbalife surge em minha vida em um momento em que eu precisava perder peso e ganhar dinheiro. No entanto, o que mais esta empresa contribuiu para mim, além de conseguir controlar meu peso, foi a participação em treinamentos e a convivência com as mais diversas pessoas e suas histórias de vida. Nos treinamentos, éramos levados a refletir constantemente sobre nosso negócio, nossa forma de trabalho, se estávamos no caminho certo ou precisávamos mudar nossas estratégias, novas ferramentas que dinamizassem nosso trabalho. E isso era na verdade uma reavaliação de vida, não somente para nossos negócios. Financeiramente não tive grandes resultados, mas ao buscar entender o porquê, deparei-me com os conceitos de *teoria e prática*.

Comecei a entender que em minha vida – profissional (mesmo como professor), e também religiosa – havia muito de teoria e pouco ou nada de prática. Eu entendia de muitas coisas, mas grande parte destas coisas não era real em minha vida, em meu

cotidiano. Iniciava aí uma tentativa de compreensão de minha identidade, que eu só entenderia mais tarde.

A chegada a Sorocaba despontava como uma chance de realmente entender quem eu era, o que realmente eu queria. Eu estava em busca de minha identidade, mesmo não tendo esta perspectiva. Isso passa a ficar mais claro quando percebo que minha dissertação de mestrado vai nesta direção, da busca da identidade do educador ambiental. A palavra identidade vai ficando cada vez mais forte à medida que avançam minhas leituras e isso faz com que eu vá refletindo cada vez mais sobre minha identidade.

As questões de religiosidade vão assumindo outras formas com o passar do tempo, ainda que guarde muitos preceitos aprendidos e vivenciados ao longo dos anos. Recentemente aproximei-me do candomblé, através de meu relacionamento com um babalorixá (Pai-de-Santo), e isso me tem trazido um grande aprendizado. Sou oriundo de uma família de baixa renda, mas em minha trajetória, sempre convivi com pessoas das mais diversas condições de vida, com as mais diversas vivências e culturas. Tenho convivido atualmente com os filhos-de-santo de um candomblé, pessoas de baixa renda, que vivem com grande dificuldade, no entanto, demonstram uma solidariedade e uma força de luta impressionante. Tem sido uma lição de vida para mim, principalmente por ter sido tão bem aceito entre os mesmos, como eu sou. Aliás, já tenho provado disso desde que cheguei em Sorocaba, ao conviver com pessoas desconhecidas, que não colocaram barreiras em nosso relacionamento, por minha homossexualidade. Isso fez com que eu pudesse finalmente assumir minha identidade, ser verdadeiro comigo, mesmo, para ser verdadeiro com os outros, como ao me expor para minha mãe, revelar meu verdadeiro “eu”, aos 34 anos de idade. Todos os acontecimentos dos últimos 03 anos de minha vida não podem ser descartados dessa dissertação, pois não posso acreditar que minha vida pessoal não influencie minha postura profissional.

O meio ambiente natural, ainda que não visto de uma forma tão técnica, sistematizada, já era meu objeto de contemplação pelas janelas dos ônibus, dos trens e carros, quando viajava; quando realizava os “chamados programas de índios” pelas matas e áreas mais periféricas da cidade. O meio ambiente construído sempre foi

fascinante, através de suas obras de arte, as culturas antigas e misteriosas. O universo e seus enigmas alimentavam minha imaginação. Acredito que tudo isso foi responsável pela minha escolha pela Geografia.

A faculdade e depois minhas leituras, a busca de novos materiais para trabalhar com os alunos, a participação nos eventos e a troca de informações e experiências começam a delinear uma identidade que vai se revelando aos poucos e buscando novos elementos para se estruturar. O curso de especialização vem trazer uma base forte, mas que precisa ser reestruturada a todo instante.

Chego ao Mestrado e aqui preciso desconstruir tudo e reler o mundo a partir de um novo prisma; é preciso por em choque meus conceitos, minha postura, minha identidade; confrontar-se com meu “eu” e identificar meu espaço, meus objetivos e dar nome as minhas “neuras”. É assim que me construo e reconstruo hoje, amanhã, e depois, depois... Conhecendo-me, para conhecer o outro e estabelecer “onde estamos”, “o que fazemos”, “por que fazemos”, “como (des) construímos nosso mundo”.

E é em meio a estas reflexões que busco refletir nas questões que motivaram esta pesquisa: quem é o(a) Educador(a) ambiental? O que pensa? Como constrói sua identidade ao longo de sua trajetória?

Nossa investigação, orienta-se na direção de que a história deste sujeito não se inicia com sua colação de grau, nem ao adentrar os portões de sua escola. Este sujeito constrói sua história e sua formação contínua, envolto em uma “rede de informações” inseridas em seu espaço de vivência, através das relações sociais que mantém com outros sujeitos, na escola e fora dela.

As concepções fundamentadas nesta vivência e na aquisição destas informações constroem neste(a) Educador/a uma “identidade ambiental” que passa a nortear suas práticas pedagógicas, exteriorizando, assim, suas representações de meio ambiente, problemas ambientais, movimentos ecológicos, suas relações sociais cotidianas, etc.

Seguindo esta reflexão, estabelecemos os termos “*casa*” e “*escola*” como categorias para analisar os espaços concretos de atuação e vivência do educador,

sendo a “casa”, a vivência, a existência na intimidade, no privado e a “escola”, o caráter institucional, político e social de sua formação.

Temos então por hipóteses:

- A casa e a escola não se justapõem na formação do educador ambiental, mas se aglutinam e constroem uma “postura política” e pedagógica;
- A formação acadêmica (escola), não se constitui como único meio de formação do/a educador/a ambiental, mas, sim, como um meio de sistematização dos conhecimentos acumulados em suas vivências;
- O cotidiano e sua complexidade, mais que os conteúdos de uma formação, acadêmica, (re) constroem, constantemente, o/a educador/a ambiental enquanto ser social e político.

O presente estudo tem por objetivos principais:

- analisar criticamente a produção sobre a formação de Educadores Ambientais no meio científico, ou seja, nas universidades;
- agregar novas categorias de análise (casa, escola, identidade) para a discussão em questão e com isso provocar e estimular novas leituras sobre o tema;
- investigar como o/a Educador/a Ambiental “interioriza” seu ambiente e como “exterioriza-o” em suas práticas pedagógicas e sociais cotidianas.

Na apresentação, “Minha casa, minha escola, minha(s) identidade(s)”, trazemos detalhes de nossa trajetória e de seus elementos que influenciaram nossa formação e escolha do tema desta pesquisa.

Na Introdução detalhamos nossas hipóteses e objetivos que nos impulsionaram a realizar esta pesquisa.

No capítulo 1, “Educação Ambiental: representações e desafios”, traçamos um panorama de algumas representações sobre as questões ambientais, como um início das reflexões sobre o “Educador Ambiental: o ser e o fazer”.

A seguir, no capítulo 2, “Sobre identidades, sujeitos e pós-modernidade”, iniciamos nosso diálogo com autores que trabalham questões referentes ao tema “identidade” e a constituição dos sujeitos na sociedade atual, visto que a identidade do educador ambiental é o núcleo de nosso trabalho.

No capítulo 3, “Um mundo a conhecer”, trabalhamos a “casa” e a “escola” como *lugar* de vivências, experiências e construção de conhecimentos, que servirão como base para a constituição das identidades. Fazemos neste capítulo também, uma reflexão a cerca das “redes de saberes e da educação ao longo da vida”, como categorias de análise que fundamentam nossas hipóteses.

No capítulo 4, “Pesquisa de Campo”, detalhamos os procedimentos das entrevistas realizadas na cidade de Botucatu/SP, com ex-alunos da primeira turma do curso de Formação de Educadores Ambientais, oferecido pelo Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Unesp/Campus de Botucatu, entre 1999 e 2001, bem como analisamos os conteúdos destas entrevistas, como parte prática que vem corroborar as reflexões teóricas do tema deste trabalho.

Em seguida passamos às “Considerações Finais”, fazendo um balanço de todas as discussões e levantamento de dados obtidos no decorrer desta pesquisa.

1 Educação Ambiental: representações e desafios

Sabemos que a Educação Ambiental veio para ficar e que sua continuidade depende da pertinência das nossas respostas aos desafios que surgem nas escolas, nas florestas, nos sindicatos, nas igrejas, nos movimentos sociais, nas empresas, nas universidades, nos museus, nas ruas, etc..., esperando torná-la elemento intrínseco do nosso cotidiano. (REIGOTA, 1998, p.9)

No meio acadêmico a produção de pesquisas sobre meio ambiente e suas múltiplas questões vem se avolumando desde o fim do último século, seguindo uma tendência mundial, principalmente após a Eco 92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento), no Rio de Janeiro, onde o diagnóstico ambiental do planeta traz à tona dados alarmantes ao grande público, algo que, para os pesquisadores da área, já era conhecida. A urgência de ações minimizadoras para as questões mais urgentes passou necessariamente pela busca de uma ação mais concreta no que diz respeito à divulgação, reflexão e tomada de consciência do contexto vigente, o que se processou através da chamada Educação Ambiental.

Reigota (1992) discute o “pensamento ambientalista” a partir da seguinte crítica:

A expansão do pensamento ambientalista nos últimos anos fez com que praticamente todas as correntes políticas tivessem algo a dizer sobre o assunto. Assim, entre os diversos discursos ambientalistas atuais, creio ser de fundamental importância um posicionamento em relação às diversas correntes. A meu ver, as propostas ambientalistas que buscam a autonomia da sociedade civil frente ao Estado e à realização de uma sociedade mais justa (não só nos seus aspectos econômicos) são as que melhor podem contribuir para a realização da educação ambiental com as características assinaladas. (REIGOTA, 1992, p. 22)

O autor ainda refletindo sobre “o que é a Educação Ambiental”, acredita que esta “deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”. (REIGOTA, 1992, p. 10) E ainda argumenta:

A educação ambiental como educação política, enfatiza antes a questão ‘por que’ fazer do que ‘como’ fazer. Considerando que a educação ambiental surge e se consolida num momento histórico de grandes mudanças no mundo, ela tende a questionar as opções políticas atuais e os próprios conceitos de educação vigentes, exigindo-a, por princípio, criativa, inovadora e crítica. A ética ocupa um papel de importância fundamental na educação ambiental. (REIGOTA, 1992, p.10)

Santos (1989, p. 113) afirma que “o ensino tem um caráter ideológico e, no caso de ensino do que se refere ao meio ambiente, este caráter se amplia, porque a própria questão tem um caráter ideológico [...]”. Para ele a educação ambiental, nos dias em que vivemos, deve formar e não deformar um cidadão em toda sua plenitude, libertando este dos mecanismos da máquina social que corrompem a essência dos indivíduos reduzindo suas capacidades de crítica. A educação deve “melhorar as pessoas” aumentando o seu “grau de cidadania”.(SANTOS, 1989, p.116)

O autor ainda chama a atenção para a escola, dizendo que a mesma

[...] tem como fundamento, exatamente essa capacidade (...) de ir contra-corrente, por mais que os educacionistas, às vezes se queixem do caráter reacionário da escola, - porque ela está sempre atrás em relação à sociedade -, mas você sempre tem liberdade, que pode utilizar no sentido de oferecer uma contra-educação, porque a educação mais importante, hoje, é a educação não formal. (SANTOS, 1989, p. 117)

Muitas são as discussões sobre as “frenéticas” mudanças atuais no mundo todo e seus reflexos na escola e na educação como um todo. O impacto da “cybercultura” nos processos de ensino-aprendizagem é alvo de inúmeras pesquisas, debates e programas de inclusão do aluno, do professor, e outros profissionais da educação no mundo digital e das novas tecnologias. Cardoso (2003) faz referência a Kincheloe (1997)¹ em seus argumentos sobre a necessidade de se assumir o “paradigma pós-moderno crítico, o pensamento pós-formal, que busca o que está implícito, valoriza a desconstrução pós-estrutural, desreifica o conhecimento, procura o sentido da hiper-realidade”.(CARDOSO, 2003, p.32)

Em relação à formação de educadores neste contexto, Cardoso (2003) ainda se baseia em Kincheloe (1997) dizendo que:

Tal postura configura uma tendência atual de formação de professores segundo a qual, ser professor é agir de forma reflexiva e crítica, tanto em relação a ele mesmo, quanto ao mundo em que o cerca. Daí a ênfase no estudo do conhecimento cultural no qual os professores devem apreender, entender e respeitar as diferenças existentes, assumir posturas participativas, criativas e que fortaleçam o diálogo e a democracia. Esse modo de ser professor, implica em domínio de novos instrumentos de análise, busca de caminhos alternativos para ver o mundo, para produzir conhecimento, coragem para admitir as próprias falhas, percepção da sutil interação entre a particularidade (específico/micro) e a generalização (geral/macro), superação de limites do pensamento e da ação. (CARDOSO, 2003, p.32)

¹ KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político**: mapeando o pós-moderno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Reigota (1992) já fazia uma reflexão sobre essa “constante mutação” que segundo ele é “resultado da dialética das relações entre os grupos sociais e o meio natural e construído, implicando em processo de criação permanente, que estabelece e caracteriza culturas em tempos e espaços específicos”. Todas as transformações ocasionadas pelos seres humanos em seus espaços de vivências sejam estas no sentido físico e/ou no campo das idéias, acabam por também transformar estes seres humanos, num movimento interno e externo (subjetivo e objetivo), o que caracteriza a “história social” e a “história individual”. É neste movimento que identificamos as “necessidades, a distribuição, a exploração e o acesso aos recursos naturais, culturais e sociais de um povo”. (REIGOTA, 1992, p.14-15)

Para Reigota (1992) toda este quadro busca uma nova visão em termos de processos educativos; um processo educativo pós-moderno, que ele qualifica como um processo que “não hierarquiza o saber científico e o conhecimento popular e étnico”; um processo educativo onde “razão e subjetividade”, “arte e ciência”, não são entendidos com antagonismos. Este mesmo processo permite “avanços, recuos e paradas”, considerando o “pessoal e intransferível de cada um” tanto do aluno como do professor. (REIGOTA, 1992, p.44-45)

Analisando estas colocações, partimos, então, de um pressuposto que a escola não prefigura o único *lócus* de aprendizagem e educação, e nem ambas são apenas um movimento de fora para dentro, mas antes ela sustenta uma dimensão mais ampla de interconexões. Goergen (2005) cita um pequeno texto sobre educação de Kant ², em que diz que “o homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”. Em seguida comenta:

Kant certamente não usou o termo ‘educação’ pensando naquelas influências (educativas) que nos vêm de fora, sejam elas formais ou informais, mas incluindo também a auto-educação interna dos indivíduos”. (GOERGEN, 2005, p.67)

Desta forma, reforçamos nossos argumentos quanto a importância de se atentar para o que chamamos de “identidade do educador” e em nosso caso, a “identidade do Educador Ambiental”. Este indivíduo, como outro qualquer, é parte de uma cultura, de

² KANT, E. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba : Edunesp, 1996

uma estrutura social, onde nasce, cresce e desenvolve sua cotidianidade; sofre suas transformações conflitos (sociais e subjetivos), e, em meio a tudo isso, procura se posicionar como agente de sensibilização, transformação, protestos, enfim, um ser político. E essa posição, esta postura, que é reflexo de uma identidade, se mostra como uma individualidade, que em momento algum, ignora sua cultura, ou seja, o processo de “acumulação e assimilação de vivências”.

Segundo Goergen (2005)

[...] a nossa identidade, o nosso eu, é engendrado a partir da cultura na qual nascemos, ou seja, daquilo que outros, antes de nós, fizeram e pensaram. Antes mesmo que tenhamos qualquer consciência, imitamos gestos, cumprimos normas, atendemos exigências e, sobretudo, aprendemos pela linguagem a cultura na qual nascemos. Essa cultura é fruto do trabalho imemorial do homem na sua relação com a natureza e com seus semelhantes. Por isso, dizemos que o homem é um ser cultural. (GOERGEN, 2005, p.71)

Então, como educadores ambientais, o autoconhecimento e o conhecimento do outro é imprescindível; as nossas ações e as ações do outro devem ser analisadas de maneira crítica, pois nosso mundo é constituído de práticas coletivas, mas também de práticas individuais, que está contido no coletivo e são influenciadas e influenciam este. Reigota (1997) parte de um princípio que “a nossa relação individual e coletiva com o mundo é o ponto de partida do pensamento ecologista, onde se incluem as características das nossas condições de existência e finitude”. (REIGOTA,1997,p. 23)

A Educação Ambiental emerge num contexto mundial de grandes transformações e questionamentos dos paradigmas que o sustentam. Ela emerge num quadro em que as relações sociais, políticas e econômicas exigem novas reflexões sobre o que se chamou de modernidade. E essas reflexões trazem consigo um embate entre o local e o global, o que se preserva e o que se transforma. A individualidade e a competição ou o coletivo e a solidariedade? Quem sou eu e quem é o outro neste contexto? Podemos falar de uma era pós-moderna?

A Educação Ambiental traz à tona questões como a alteridade, e o educador ambiental não pode eximir-se de atentar para estas questões, já que seu trabalho tem por fundamento a busca de um “movimento social”, a coletividade organizada em busca de suas metas, movidas por um objetivo comum.

Goergen (2005) faz uma reflexão acerca deste assunto e argumenta:

Desde o início de nossas vidas, portanto, respiramos alteridade. É com base no *outro* que nos tornamos, no início e ao longo de toda a nossa vida, aquilo que somos. Sem *alter* jamais existiria *ego*. [...] . Há um condicionamento mútuo entre *ego* e *alter*. Sem o *outro* não se constitui a identidade do *eu*, e sem essa identidade o *eu* não pode abrir-se para o *outro*. O homem que não for único em sua identidade não pode pluralizar-se, não pode aliar-se aos outros, tornar-se um verdadeiro humano. O homem só pode caminhar em direção ao outro a partir de si mesmo, a partir de sua própria identidade; mas a constituição dessa identidade só se dá a partir da inclusão do outro. Ser humano, portanto, implica, por definição, a imbricação originária entre a socialidade e a individualidade. (GOERGEN, 2005, p.71)

Reigota (2001, p.11) fala de uma Educação Ambiental crítica, em que esta esteja “impregnada da utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje, sejam elas entre a humanidade, sejam entre esta e a natureza.” Ele ainda argumenta que “pensar em uma mudança radical da sociedade, tendo por base uma perspectiva ecológica, é uma utopia que não deve ser entendida como ingênua ou impossível, mas como um conjunto de idéias que tendem a gerar atividades visando mudanças no sistema prevalecente.” (REIGOTA,1992, p.22) Segundo este autor

[...] é por intermédio das interações intersubjetivas e comunicativas entre pessoas com diferentes concepções de mundo e relações cotidianas com o meio natural e construído; características de vida social e afetiva; acesso aos diferentes produtos culturais; formas de manifestar as suas idéias; conhecimento e cultura; dimensões de tempo e expectativas de vida; níveis de consumo e de participação política que poderemos estabelecer diretrizes mínimas para a solução dos problemas ambientais que preocupam a todos. O desafio da educação ambiental é sair da ingenuidade e do conservadorismo (biológico e político) a que se viu confinado e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais. (REIGOTA,1992, p.28)

Pensar em Educação Ambiental leva-nos a pensar na formação de agentes para concretiza-la, ou seja, o/a Educador/a Ambiental. Comumente tido como transmissor de conteúdos de Ecologia, este profissional e sua formação têm sido alvos de estudos, pesquisas e críticas por diversos estudiosos, o que mostra a importância do assunto.

A análise da produção bibliográfica das discussões sobre a formação de Educadores Ambientais demonstra uma certa preocupação por parte dos educadores-pesquisadores em se definir o “eu” (se é que isto é possível) deste “profissional”, e com isso subentende-se analisar o “fazer” educação ambiental, entendida aqui como prática social.

Reigota (1992) considera “a noção de meio ambiente uma representação social”, e acredita que “o primeiro passo para a realização da educação ambiental deva ser a identificação das representações das pessoas envolvidas no processo educativo”. (REIGOTA,1992,p. 14)

Em Tozoni-Reis (2004) encontramos a identificação de “três concepções distintas e tendenciais da relação homem-natureza: aquelas que consideram pressuposto básico o *sujeito natural*, o *sujeito cognoscente* ou o *sujeito histórico*”:

Relação Homem-Natureza Concepções	Características
<i>Sujeito Natural</i>	“A primeira concepção indica a igualdade entre todos os elementos da natureza para voltar ao equilíbrio natural. [...] refere-se ao caráter idílico da relação homem-natureza: os sujeitos são representados como vilões que precisam reencontrar seu lugar, naturalmente determinado. [...] concepção romantizada [...] idéia de integração [...] pela <i>volta ao paraíso perdido</i> . Os problemas ambientais e suas soluções estão permeados pela subjetividade; embora a intencionalidade dos indivíduos apareça em suas relações com o ambiente [...]”. (TOZONI-REIS, 2004,p.33)
<i>Sujeito Cognoscente</i>	“Na segunda tendência, encontram-se as representações da relação homem-natureza que, reconhecendo a desigualdade presente nessa relação, aponta a falta de conhecimento sobre as leis da natureza como determinantes dos problemas ambientais. Aqui, o conhecimento aparece como mediador da relação homem-natureza, mas uma mediação imediata, direta, automática, mecânica, como se fosse assim: <i>conheceu...preservou</i> . Essa tendência refere-se ao caráter utilitarista da relação dos indivíduos com o ambiente em que vivem: saber (conhecimentos técnicos e científicos) usar, para poder usar mais e sempre, mas sempre usar”. (TOZONI-REIS, 2004 ,p. 33-34)
<i>Sujeito Histórico</i>	“Ela indica a relação homem-natureza marcada pela intencionalidade dos sujeitos. (...) na relação homem-natureza estão presentes as condições históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Essa relação é entendida pela ótica da relação sociedade-natureza. A idéia síntese é que essa relação é construída pelas relações sociais: a história e a cultura são condicionantes e mediadoras, conferindo-lhe um caráter sócio-histórico. O desenvolvimento da tecnologia aparece como um dos instrumentos dessa relação, pois exige a intencionalidade dos sujeitos para conservar ou impactar, estabelecendo a relação entre cultura e história. A importância dos conhecimentos técnicos e científicos é reconhecida, não numa relação direta e mecânica, mas definida pela vontade intencional – portanto histórica – dos sujeitos”. (TOZONI-REIS, 2004, p.34)

Quadro 1 - Concepções da relação Homem-Natureza segundo Tozoni-Reis(2004)

Nas entrevistas realizadas como base da pesquisa, Tozoni-Reis (2004) “a educação ambiental foi considerada uma dimensão da educação” e “[...] nas representações de educação e de educação ambiental destaca-se “a necessidade de incorporar ‘valores’ e ‘atitudes’ aos conhecimentos sobre os processos ambientais para definir uma relação equilibrada dos indivíduos com o ambiente em que vivem” (TOZONI-REIS,2004,p.71). Na fala dos professores entrevistados aparece com frequência as idéias de soluções para os problemas ambientais “com grande ênfase nos sentidos e subjetividades”; aparecem idéias como “solidariedade” e “humanização”, “consciência de si”, tudo como objetivo da Educação Ambiental. Desta forma, o papel do educador, segundo a autora

[...] é garantir a reflexão dos alunos acerca dos temas relacionados ao ambiente. O tom dessas afirmações revela uma idéia de pedagogia em que a ‘sensibilidade para a percepção dos problemas ambientais’ está muito presente, privilegiando a dimensão subjetiva do processo educativo. (TOZONI-REIS,2004,p.71)

A autora ainda traz “um quadro de tendências” em relação à “pedagogia da educação ambiental”, onde se identificam “três concepções distintas acerca da educação, especialmente em sua dimensão ambiental: a educação como instrumento de *busca do equilíbrio perdido*, a educação mediada pelo *conhecimento conservador* e a educação como um processo que articula *conhecimento, intencionalidade e transformação social*.” (TOZONI-REIS, 2004, p.76) Analisando estas concepções, a autora relata que “a maioria dos professores que trata da temática ambiental nos cursos de graduação, coloca o *conhecimento* como elemento central do processo educacional”:

O conhecimento é considerado instrumento de preparação – adaptação – dos indivíduos à sociedade e, além disso, o conhecimento pode ser mediador da relação dos indivíduos com o mundo; o sujeito histórico pode, pela apropriação do conhecimento, desenvolver-se plenamente como ser autônomo. Temos, em primeiro lugar, a idéia de que a formação dos educadores ambientais é *um processo de desenvolvimento do indivíduo*. A ênfase na transmissão de valores e no desenvolvimento de atitudes como tarefa da educação ambiental, a preocupação com a formação cultural e, principalmente, o *conteúdo* dos valores/atitudes e da formação cultural são os principais indicadores da representação de educação como desenvolvimento *individual*. Aqui, a educação diz respeito a formação, mais relacionada à subjetividade humana. (TOZONI-REIS,2004,p.76)

Na segunda concepção, a autora encontra como “principais indicadores” a “valorização dos conhecimentos técnicos e de suas formas de transmissão, [...] mais especificamente o ensino, tem caráter *informativo*”.

Os conhecimentos têm papel organizador da vida em sociedade, e o indivíduo é educado, segundo esses princípios, para atingir sua realidade como pessoa, pessoa-individual. A idéia de preparação para os papéis sociais já estabelecidos pelos valores universais de organização da sociedade também está presente. A preparação estritamente intelectual dos alunos/indivíduos é a marca desta concepção. À educação, em sua particularidade ambiental, cabe a preparação intelectual dos indivíduos, pela transmissão dos conhecimentos acumulados.(...) Dessa forma, ao se apropriar dos conhecimentos tradicionalmente valorizados – universais – os indivíduos estão preparados para a vida. (TOZONI-REIS, 2004,p.77)

Os conhecimentos, aqui relatados, dizem respeito aos “conhecimentos técnico-científicos”, que devem dar conta de valorizar a “formação profissional para ingresso no mercado de trabalho”, mas, com uma visão “reducionista” da educação ambiental como “conhecimento das normas de segurança nas atividades científicas, pela ênfase no conhecimento da legislação ambiental e, [...], pela abordagem disciplinar da educação ambiental”. (TOZONI-REIS, 2004, p. 77-78)

A terceira concepção “dá ênfase aos aspectos sociais, históricos e culturais do processo educativo”, traz a “idéia de educação como *conscientização*”:

A abordagem sociopolítica parece ser aqui predominante: de valorização do indivíduo em sua dimensão coletiva, de compreensão das relações sociais como tarefa da educação e da educação ambiental. Um outro indicativo dessa abordagem é a forte presença das idéias de integração, de trabalho coletivo, de interdisciplinaridade na organização do ensino em todos os níveis. A articulação entre os conhecimentos e as questões sociais surge em muitas falas. A idéia de aquisição de conhecimentos para a prática social e as idéias sobre a história dos homens em sociedade aparecem como centrais em suas representações de educação. (TOZONI-REIS, 2004, p.78)

Segundo a autora, nesta abordagem, os conhecimentos aparecem com a “função de mediação entre o homem e o ambiente”; “é a educação na perspectiva social, histórica e cultural e educação ambiental na perspectiva socioambiental”. Nesta concepção aparecem, então, “a dimensão política da educação e da educação escolar e a valorização da formação geral, [...] a intencionalidade da ação humana no ambiente” e na educação; “sinais de valorização do pensar e agir autônomo como objetivo do processo educativo [...]”; aparecem também as “questões metodológicas de organização do ensino nas instituições escolares” que “expressam” [...], um movimento

de busca de novos paradigmas para as ações educativas dos professores entrevistados”; a idéia de “interdisciplinaridade” é uma opção de “organização da educação escolar em todos os níveis”, como forma de “articulação entre as áreas do conhecimento”. A supervalorização dos “conhecimentos técnico-científicos é “uma preocupação fundamental do processo educativo” nesta terceira abordagem, que em sua “concepção de formação humana subjacente às representações de educação, coloca-a como um processo essencialmente histórico e social”, mas [...] “na educação escolar, o processo histórico ganha uma abordagem cognitivista”, então a autora conclui a análise das concepções argumentando que

[...] a apropriação dos conhecimentos pelos sujeitos históricos e sociais seria possível em um paradigma de aprendizagem que acrescentasse à abordagem cognitivista do processo educativo uma abordagem histórica. (...) se nos aprofundarmos na compreensão dessas idéias, identificaremos quatro tendências na representação da educação e da educação ambiental: educação como informação, educação como formação dos indivíduos, educação como construção de conhecimentos pelos indivíduos e educação como um processo de formação dos sujeitos sócio-históricos. A problematização dessas questões parece ser o caminho para a compreensão das representações de educação. (TOZONI-REIS, 2004, p.78-79)

As concepções de educação ambiental são de extrema importância para nossas análises da formação dos educadores ambientais, já que suas representações estão intimamente ligadas às suas vivências, suas trajetórias e, isso se reflete em suas práticas. Desta forma se dá o fato de encontrarmos tantas práticas denominadas de educação ambiental, que neste momento não estão em discussão, quanto suas validades ou não, mas são importantes indicativos das representações e da identidade dos educadores ambientais. A seguir analisaremos mais alguns autores que pesquisam a formação de educadores ambientais.

1.1 EDUCADORES AMBIENTAIS: O *SER* E O *FAZER*

Os autores que se seguem são uma amostra do que se tem pesquisado sobre a formação de educadores, especialmente de educadores/as ambientais, que é o nosso objeto de estudos. Com a análise destes autores, procuraremos embasar nossas hipóteses sobre a construção da identidade dos educadores/as ambientais, através das idéias sobre o *ser* e o *fazer* levantadas em suas pesquisas.

Guimarães (2004) vem contribuir à discussão do assunto, após suas vivências enquanto educador e formador de educadores ambientais, a partir de uma análise dialética da formação e atuação destes profissionais. Refletindo sobre o que ele chama de “fragilidade da educação ambiental” ele aponta seu interesse no assunto:

O problema que me move origina-se de minha observação de que, apesar da difusão crescente da educação ambiental pelo processo educacional, essa ação educativa geralmente se apresenta fragilizada em suas práticas pedagógicas, na medida em que tais práticas não se inserem em processos que gerem transformações significativas da realidade vivenciada.
(GUIMARÃES, 2004,p.36)

E ainda questiona as razões pelas quais, os professores “não conseguem ir além de uma proposta de educação – (...) conservadora – mesmo quando sensibilizados...”.
(GUIMARÃES, 2004,p.37)

Para Guimarães (2004, p.68) o educador ambiental é antes de tudo um ser político e, como tal, deve estar atento aos fluxos e conexões que compõem a realidade; baseia-se em Morin e o “pensamento complexo”, pois estabelece que “esse novo paradigma tem a propriedade de rejeitar o que está separado, estabelecendo relações que não sejam simplistas e reduzidas;[...]”. Para ele as questões ambientais é uma das faces da crise do capitalismo, que ao apossar-se de um discurso de modernidade, cria conceitos como o de “desenvolvimento sustentável”, e apresenta o modelo urbano-industrial-informacional-tecnocista, como única realidade possível, o que ele denomina

“caminho único”. (GUIMARÃES,2004,p.31) Baseando-se em Carvalho³, analisa o “campo ambiental” no “movimento contra-hegemônico que se antagoniza aos paradigmas dominantes da sociedade moderna”. Para ele a realização de uma educação ambiental que se pretenda realmente eficaz, deve ser crítica e, portanto, fundamentada em novos paradigmas, que dêem uma nova visão de mundo. Não uma visão fragmentada, como a criada pela ciência moderna, ou uma visão individualizada de ser humano, que, segundo, ele é uma “concepção ‘liberal’ de mundo, centrado no indivíduo, que presume que o comportamento da sociedade [...] é o resultado da soma do comportamento de cada indivíduo que a constitui”. (GUIMARÃES, 2004, p. 29, 76)

Após analisar as representações de meio ambiente, problemas ambientais e posturas políticas nas práticas pedagógicas em educação ambiental e se estas práticas traziam em seus fundamentos a contextualização da realidade ambiental, junto a professores de duas escolas em Xerém (RJ), Guimarães (2004) constata uma “visão antropocêntrica [...] e dicotomizada” de meio ambiente; “uma educação ambiental de caráter informativo” ; “ a modernização era vista como ‘caminho único’ [...]”; e os professores demonstraram-se incapazes(de ter qualquer atitude)0 diante do processo”. Desta forma, o autor acredita na necessidade de formação de educadores críticos, que consigam romper “com a armadilha paradigmática que produz limitação compreensiva e a incapacidade discursiva, gerando práticas conservadoras”. (GUIMARÃES, 2004, p. 104, 106,127)

Em suas considerações finais destaca-se o seguinte trecho:

A formação de educadores ambientais como dinamizadores de um ambiente educativo, fomentada por uma pedagogia do movimento complexo, amplia o ‘campo ambiental’ ao incorpora-los como novos ‘sujeitos ecológicos’, ao movimento contra-hegemônico de uma resistência crítica. Uma formação crítica que não se dá apenas em um momento, mas que de uma forma permanente poderá provocar a ruptura da armadilha paradigmática por parte desses educadores, superando a fragilidade das práticas ingênuas, perpetuadores de uma EA de caráter conservador que vem se consolidando no cotidiano escolar. (GUIMARÃES, 2004, p.158)

Pelicioni (2002, p.128), uma outra pesquisadora, em sua tese de doutorado,aplicou um questionário e entrevistou um grupo de educadores ambientais formados no curso de especialização em Educação Ambiental da Faculdade de Saúde

³ CARVALHO, I.C. de M. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil.** Porto Alegre: UFRS, 2001.

Pública da USP e, dentre as várias questões por ela investigadas, encontramos as “representações sociais sobre o papel e a formação do educador ambiental”. Após a análise do material obtido, a pesquisadora encontra indicações nas respostas dos entrevistados, que colocam como “papel do/a educador/a ambiental”, a função de “facilitador do processo educativo” e para alguns, também, o mesmo dever ser um “agente transformador”, através de sua prática social em nível local. Aparecem ainda idéias como

[...] despertar a consciência das pessoas para as questões ambientais, informar, promover a reflexão crítica dos educandos, desenvolver habilidades, facilitar a internalização de valores sociais positivos, estimular mudanças de comportamentos, construir propostas de forma participativa, organizar ações juntamente com a comunidade para solucionar ou prevenir problemas e formar multiplicadores”. (PELICIONI, 2002, p. 128)

Outra questão levantada na pesquisa foi “se o/a educador/a ambiental deveria ter formação específica para atuar como tal”, onde se obteve “três posicionamentos”:

1 – No primeiro caso, a resposta era negativa e as justificativas apresentadas eram as de que ‘um bom educador seria um educador ambiental também’ e, ainda, de que haveriam pessoas que eram educadoras sem que o soubessem, mas ao lidar com as outras pessoas e com determinadas situações essa faceta se desvelaria. Contudo [...], ressaltaram que a pessoa deveria conhecer com profundidade aquilo que estivesse fazendo.

2 – No segundo posicionamento a resposta era afirmativa e os/as educadores/as justificavam seu ponto de vista, dizendo que consideravam necessário ter uma fundamentação específica na área ambiental para que o/a educador/a ambiental pudesse reconhecer as inter-relações inerentes às questões ambientais e sistematizasse melhor o seu trabalho. Esse posicionamento apresentava-se associado a uma auto-avaliação em que o/a entrevistado/a reconhecia o quanto o curso havia contribuído para o aprimoramento de suas práticas.

3 – No terceiro caso, os argumentos eram semelhantes aos do primeiro posicionamento, porém reconheciam que a formação específica potencializaria as qualidades do educador. Esse posicionamento parecia justificar a própria trajetória do/a entrevistado/a que já atuava na área antes de fazer o curso de especialização. A frase que poderia exemplificar esse posicionamento é: *‘não sei se precisa ter uma formação específica [...] (mas) esse educador tem que ter um espaço para reciclagem, para discussão, para a análise de sua ação, da sua prática’* (PELICIONI, 2002, p.129-130)

Após a análise dos questionários e das entrevistas, Pelicioni (2002), entre outras coisas, concluiu que:

“É preciso ressaltar também que o enfrentamento da problemática e a constituição de sociedades sustentáveis não dependem apenas da construção de conhecimentos e do envolvimento da visão crítica da coletividade a respeito da situação vigente; da organização comunitária e do encaminhamento de ações para a prevenção e resolução de problemas locais;

do aporte de investimentos nos processos educativos; da percepção da organicidade do mundo; da atuação competente dos/as educadores/as; da superação das dificuldades enfrentadas na realização de Projetos de EA ou de medidas de proteção ambiental de cunho tecnocêntrico; mas dependem, sobretudo, de transformações concomitantes em três esferas na vida social: na esfera da subjetividade individual, ou seja, na forma de pensar e sentir, na esfera micro-social do relacionamento interpessoal, ou seja, nas práticas cotidianas, e na esfera da ação política”. (PELICONI, 2002,p.183)

A conclusão da autora vem corroborar com nossas argumentações de que o educador ambiental não pode ser visto como um mero transmissor de conteúdos relativos às questões ambientais, mas antes, deve ser entendido como um ser humano, participante de uma sociedade, com uma cultura que lhe confere uma identidade coletiva, mas também, uma individualidade, que o impulsiona às ações cotidianas com seus pares em seu ambiente, resultando em uma postura política.

Antes de seguirmos com este trabalho e passarmos a relatar o trabalho de campo que vem dar sustentabilidade às nossas argumentações, fiquemos com uma reflexão de Valadares (1999):

Não sabemos, de início, nada sobre o *Espaço* onde estamos e o *Lugar* que ocupamos entre eles com os quais convivemos: *saber* tem a mesma raiz da palavra *sabor*, e o verdadeiro saber depende da experiência. Mas depende, também, além de ser valorizada, da sua capacidade de aprender a valorizar essa experiência, sempre única para cada sujeito e, por isso, a importância de sua contribuição no delineamento daquilo que, para o homem, realmente, é o mundo. Dessa singularidade da experiência humana ‘sabe’ cada pessoa. A condição de sujeito humano, de não assujeitado, vem de uma insistência, impossível de afastar de nós mesmos, naquilo que ‘sabemos’, naquilo que a vida nos deu. Por isso é impossível um *programa de bons comportamentos* relativo ao ambiente. O próprio corpo – *Espaço* inaugural de todo ‘saber-sabor’ e *Lugar* de início e fim de nossa situação – não permitirá que, por exemplo, pescadores famintos não pesquem, em ocasião de desova. Algo deve ser feito pela *sustentação* e **Situação do Sujeito**, que é mais que a possibilidade de sobrevivência – é possibilidade de **vida**, de história e histórias, e para isso, precisa ele de convívio. Somente se *sustentado*, acolhido, o *sujeito* pode começar a pensar em *auto-sustentação* do ambiente. (VALADARES, 1999, p.37)

2 SOBRE IDENTIDADES, SUJEITOS E PÓS-MODERNIDADE

Agora mais do que nunca somos seres mutantes, nossos neurônios sendo constantemente bombardeados por *inputs* do mundo que passa alucinado em nossa existência, camaleões cibernéticos da era da informação. Informação que é a hóstia sagrada deste pós - tudo eletrônico... tudo sendo projetado em nós, de olhos bem abertos e impedidos de dormir, nessa espécie de estupro mental imaginado por Anthony Burgess, em ' Laranja Mecânica'. (FONSECA JÚNIOR, 2001,p.97)

Quem sou eu? Onde estou? Para onde vou? Talvez estas questões sejam os maiores clichês das dúvidas e incertezas da existência humana. Se considerarmos que tais questões obedecem esta ordem, podemos então estabelecer um juízo de que saber decifrar o “eu”, ou seja, responder tal pergunta e desvendar o “ser”, é o primeiro passo para estabelecermos o “onde” e o “para onde”. Mas, será possível responder tais perguntas com precisão? A idéia de quem nós somos, de onde estamos e para onde vamos, é clara o bastante para nós, ou será que visualizamos nossa existência a partir da realidade em que nos inserimos? Somos apenas um produto de nosso meio ou nosso meio é um espelho de nossa personalidade?

Fonseca Júnior (2001) na citação acima analisa este tempo em que vivemos e nos denomina “seres mutantes”, “camaleões cibernéticos da era da informação”, pondo em discussão a velocidade com que somos “bombardeados por *inputs* do mundo”, nas mais diversas formas, dentro de nossas próprias casas (onde, teoricamente, é nosso território), nas ruas, em nossos espaços de trabalho, estudo, lazer, enfim, onde quer que estejamos.

Mais que simples dados e fatos, esta informações são capazes de interferirem em nosso cotidiano de tal forma que nos leva a refletir de forma mais profunda até que ponto nosso “eu” não é um produto do que Fonseca Júnior chamou de “estupro mental”, já que na maioria das vezes não temos condições de selecionar estas informações. E

esta condição de “seres mutantes” nos remete à outra reflexão a cerca de nosso “eu”: nossa IDENTIDADE.

A discussão sobre “identidade” pode ser um verdadeiro “pano pra manga”, como se diz popularmente, principalmente nestes tempos, denominado por muitos, “pós-modernos”. Tempos estes em que já não é mais possível falar “eu sou”, que pressupõe, “eu penso que”, “eu acredito que”, “eu imagino que”, como algo já consolidado, impossível de sofrer alterações. Fonseca Júnior (2001) continua suas reflexões dizendo que:

Mudamos tantas vezes em nossa curta existência que é uma temeridade acreditar que há alguma unidade em nosso eu. E as crianças, esses moles suscetíveis à menor pressão, que já cedo parecem ter existido mil vezes? Seus dedinhos urgentes apertam os controles do futuro, ligam tudo em todo lugar, põem a andar, a falar, a piscar... Seus dedinhos mágicos parecem não perder um único movimento, uma única incerteza, um fio de luz qualquer”. (FONSECA JÚNIOR, 2001, p.97-98)

Ao buscarmos compreender as noções de *identidade*, nossas análises vão ao encontro dos elementos que caracterizam e identificam um indivíduo ao longo de sua trajetória. Podemos levantar algumas questões para nossas reflexões:

- 1 – Como se constrói a identidade de um indivíduo?
- 2 – Que elementos interagem para essa construção?
- 3 – Podemos falar em *identidades* ou uma identidade já pressupõe flexibilidade, adaptabilidade a novas situações?

Toda esta análise sobre as questões que envolvem a temática Identidade, têm por objetivo, neste trabalho, dar subsídio às análises sobre a(s) trajetória (s) e a formação de Educadores Ambientais. Partindo do pressuposto que estes profissionais não são somente frutos de uma estrutura acadêmica, mas carregam em sua (s) trajetória (s) de vida, toda uma história, rica em elementos que se aglutinam para sua formação, buscamos, no “particular” e em suas vivências, quais são estes elementos e o que estes representam nesta construção.

O ponto de partida para nossas análises será baseado nas reflexões sobre identidade nos estudos culturais de Stuart Hall (1992), que argumenta, sobre a chamada “crise de identidade”:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘ crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1992, p.7)

Hall distingue “três concepções muito diferentes de identidade: a) sujeito do Iluminismo; b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno”. O sujeito do Iluminismo para Hall, traz como características “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior”, que de seu nascimento até sua morte “se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele”. “O centro essencial da pessoa era a identidade de uma pessoa”. (HALL, 1992, p.10-11)

Já a identidade do sujeito sociológico

É formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito tem ainda um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que estes mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e mundo público. (...) projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, (...). A identidade, então, costura (...) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis. (HALL, 1992, p.11-12)

O sujeito do Iluminismo para Hall é um ser já pré-estabelecido em sua essência, com um grau de mutabilidade muito pequeno, talvez mediado somente por uma questão cronológica e/ou por apropriações de posturas inerentes a sua posição social. O sujeito sociológico é entendido como um ser em relação aos outros, seus pares, de

onde adquire seus “valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitavam.” (HALL, 1992, p.11). Nesta concepção, o indivíduo não pode ser entendido sem sua estrutura social e toda sua bagagem cultural, que determinam sua identidade.

Para Hall, a questão de identidade e suas *metamorfoses* “está relacionado ao caráter da mudança na modernidade tardia”, a ‘globalização’ trouxe grande “impacto sobre a identidade cultural”. (HALL, 1992, p.14).

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. O (...) processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 1992, p.12)

Neste contexto, segundo Hall, “se produz o sujeito pós-moderno, [...] não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. A história aparece aqui como um elemento importante na construção da identidade em contraposição a um conceito puramente biológico. Nesta noção “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, [...] que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. (HALL, 1992, p. 12-13).

Ele conclui sua explanação sobre a identidade do sujeito pós-moderno dizendo:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1992, p.13)

Enquanto Hall analisa a (des)construção e as mudanças das identidades pessoais, encontramos em Manuel Castells (2001) uma argumentação sobre “a construção da identidade” dizendo que “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. (CASTELLS, 2001, p.22)

O objetivo de Castells (2001) ao abordar este tema em “A era da Informação: economia, sociedade e cultura”, no segundo volume, “O poder da Identidade”, não é de dar ênfase à identidade do indivíduo, mas sim na identidade coletiva, de um grupo,

inserido nas chamadas “*sociedades em redes*” da atualidade. No entanto, em suas reflexões, encontramos informações importantes para nossas análises.

Uma primeira noção importante que Castells (2001) nos traz é a questão da identidade atrelada à cultura:

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. (CASTELLS, 2001, p.32)

Este autor também traz à discussão o fato de que “essa pluralidade é fonte de tensão e contradição, tanto na auto-representação quanto na ação social”. (CASTELLS, 2001, p.22) Desta forma, procura fazer uma “distinção” entre “identidade” e “papéis e conjunto de papéis”(por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista , jogador de basquete, freqüentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo”) que estão atrelados às “normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade” e “depende de negociações e acordos” entre os atores envolvidos. Já as identidades, “constituem fontes de significados para os próprios atores”, pressupondo um “processo de individuação”. (CASTELLS, 2001, p.21-23). Apesar do caráter intrínseco e subjetivo na definição de identidade dada por Castells, este não descarta a idéia de que “as identidades possam ser formadas a partir de instituições dominantes [...]”, a partir do momento que “os atores sociais a internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização”. Ele atribui à identidade maior importância, uma vez que esta carrega mais “significados do que papéis, por causa do processo de auto-construção e individuação que envolvem”. Enquanto “identidades organizam significados”, [...] papéis organizam funções”. Para Castells, “toda e qualquer identidade é construída” e o que resta saber é “como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece”. (CASTELLS, 2001, p.23) Para esta construção ele aponta elementos que se integram e se interagem, criando um processo de construção contínuo:

A construção de identidades vale-se de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos,

grupos sociais e sociedades, que reorganizam seus significados em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. (CASTELLS, 2001, p.23).

Seguindo esta linha de raciocínio, ele propõem uma “distinção entre três formas e origens de construção de identidades:”

- *Identidade legitimadora*: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação atores sociais, [...], e se aplica a diversas teorias do nacionalismo;
- *Identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo agrupados a estes últimos, [...];
- *Identidade de projeto*: quando os atores sociais utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda estrutura social. (CASTELLS, 2001, p.24)

Castells afirma que estas formas de construção de identidade não se estruturam de forma isolada, sendo que uma pode ser resultado de outra, como por exemplo, “resistência [...] acabar resultando em projetos, ou tornam-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação:”

De fato, a dinâmica de identidades ao longo desta seqüência evidencia que do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra, per se, valor progressista ou retrógrado se estiver fora de seu contexto histórico. (CASTELLS, 2001, p.24.)

Um ponto importante nas reflexões e análises de Castells é quando ele associa estes tipos de “processo de construção de identidade” e a “constituição da sociedade” como resultado daqueles. Para ele a “*identidade legitimadora* dá origem a uma *sociedade civil*, ou seja, um conjunto de organizações e instituições”, como na “concepção de Gramsci, [...] constituída de uma série de ‘aparatos’ (igrejas, sindicatos, partidos, cooperativas, entidades cívicas etc. que, se por um lado prolongam a dinâmica do Estado, por outro estão profundamente arraigados entre as pessoas”. (CASTELLS, 2001, p.24-25)

Citando Etzioni (1993)⁴, Castells diz que “*identidade destinada à resistência*, leva à formação de *comunas*, ou *comunidades*”, o que ele acredita “que (provavelmente) seja o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade”.

Ele dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades, que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência. Por exemplo, o nacionalismo fundado na etnia (...), o fundamentalismo religioso [...]. (CASTELLS, 2001, p.25)

Outro processo, “a *identidade de projeto*, produz *sujeitos*”, e o autor cita a definição de Alain Touraine (1995)⁵:

Chamo de sujeito o desejo de ser de um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo conjunto de experiências da vida individual... A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades, e dos indivíduos contra o mercado. (ALAIN TOURAINE apud CASTELLS, 2001, p.26)

Toda esta discussão sobre identidade formulada por Castells, tem por objetivo situar os sujeitos na *sociedade em rede*, o que ele compara “à caracterização de identidade elaborada por Giddens (1991) durante a [chamada] ‘modernidade tardia’:

[...] Giddens afirma que ‘a auto-identidade não é um traço distintivo apresentado pelo indivíduo. Trata-se do próprio ser conforme apreendido reflexivamente pela pessoa em relação à sua biografia’. De fato, ‘o que define um ser humano é saber... tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo algo... No contexto da ordem pós-tradicional, o próprio ser torna-se um projeto reflexivo’. (CASTELLS, 2001, p.26-27)

Segundo Castells no período denominado “modernidade tardia” “processos de construção de identidade” induzem “novas formas de transformação social”, que vão sendo revelados com o “surgimento da sociedade em rede”, que segundo o autor, “está fundamentada na disjunção sistêmica entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e grupos sociais, [...] na separação, em diferentes estruturas de tempo/espço, em poder e experiência”. (CASTELLS, 2001, p.27)

⁴ ETZIONI, A. **The spirit of community**: rights, responsibilities an the communitarian agenda. NY: Crown, 1993.

⁵ TOURAINE, A. **La formation du sujet**, in: Dubet e Wieviokka (orgs.), p.21-46, 1995

Podemos também incluir em nossas análises, Goergen (2005) e suas reflexões sobre o poeta grego Píndaro ao dizer “torna-te o que és!”:

Mesmo que sejamos seres humanos desde o nascimento, podemos admitir, sem contradição, que ao nascermos não somos seres humanos em plenitude, pois não temos uma identidade. Somos apenas seres abertos ao vir-a-ser humano. O que torna o ser humano verdadeiramente humano, ou seja, em plenitude, não é o fato de nascer filho de humanos, mas a construção de sua identidade. (...) tornar-se um ser humano implica construir a própria identidade, que é tarefa de cada um. (GOERGEN, 2005, p.61)

Este autor considera o ser humano como “artífice, escultor de si mesmo”, e trabalha com a noção do “duplo movimento de socialização e individuação”, através do qual ocorre a adaptação do indivíduo a um meio e a uma cultura, construindo sua “própria individualidade” em meio aos outros da mesma cultura. (GOERGEN,2005,p.61)

Para Goergen (2005), a “memória” está “na raiz de todo o conhecimento” e é “pela memória que se distingue e é pela distinção que se conhece, também é o fundamento da constituição da identidade”:

[...]; identidade não só das coisas, mas identidade consigo mesmo, enquanto ser social e individual. Sem memória não saberíamos quem somos e nem o que queremos ser. De outra parte, o homem jamais teria memória se ele não nascesse no interior de uma cultura à qual se integra, tornando-se, ele mesmo, um ser cultural. A cultura de um povo é eternamente a obra de si mesmo e os indivíduos nascem no interior desse processo, com toda a sua carga histórica. (GOERGEN, 2005,p.63)

Pós modernidade, globalização, sociedade em rede, o local e o global, o passado, o presente, o futuro... . Vivemos tempos insólitos! As perguntas iniciais de nossa análise talvez tornem-se cada vez mais difíceis de serem respondidas, tamanha a velocidade com que tornam-se desatualizados os conceitos e suas bases de sustentação. Em todo este contexto, a “crise das identidades”, seja ela individual ou coletiva, parece estar cada vez mais presente em nosso cotidiano.

3 UM MUNDO A CONHECER

3.1 A CASA: NOSSO PONTO DE PARTIDA

Casa. Morada, residência. Casa de esquina, morte ou ruína. Casa do meio, vida sem receio. Quando se muda de residência, o dono da casa deve fechá-la e ele próprio abrir a nova e entrar com o pé direito. Não abrir a porta do quintal antes da porta principal. Não passar alimentos preparados pela janela. A primeira coisa que se manda para a casa nova é o sal; a segunda é o carvão; a terceira, a farinha. Varre-se a casa com a vassoura nova e quem varreu levanta o lixo. Duas vassouras varrendo a mesma casa varrem toda a felicidade. Quem apanha o lixo que outra pessoa varreu leva todo o bem que possa acontecer à primeira. A mudança de uma casa para outra é no sábado, porque o primeiro dia da nova residência deve ser o dia de Deus (domingo). Para saber se será feliz, contam-se os caibros da coberta, dizendo: 'ouro, prata, cobre'. A felicidade será correspondente ao metal citado no final. Não se varre à noite para não se morrer inchado (Studart). 'Quando alguém muda de uma casa para outra, tratará de fazer logo o fogo' (Studart). Varre-se a casa direcionando o lixo para dentro e nunca para fora, apanhando-o, para não enxotar a felicidade. Sair de casa ao toque do meio-dia traz desgraça (Studart). Se o batente da casa tiver mais de um palmo, ela será inadequada para o comércio: quem nela se estabelecer não fará negócio e abrirá falência em pouco tempo (Studart). Dispõe-se antes a cozinha do que a sala de visitas. Caso contrário não haverá demora na casa. O oratório deve ficar voltado para a rua. Essas superstições foram trazidas pelos portugueses e suas variantes são populares toda a Europa (Paul Sébilhot, *Lê Paganismo Contemporain chez lês Peuples Celtolatins*, 'Les Maison', Paris, 1908; Studart, in *Antologia do Folclore Brasileiro*). (CASCUDO, 2001,p.120).

O que acabamos de ler é uma mostra do imaginário popular sobre a “casa” e todo o universo que ela representa a nós, seres humanos. “Berço” de nossa socialização, a casa é o arcabouço das essências que compõem nossas intimidades; é o sítio onde se constroem fundamentos de nossa história; é o ponto de partida de nossas trajetórias e constituição de nossas identidades.

Em nossas análises, o “particular” é a “casa”. A casa com suas múltiplas realidades, personalidades e saberes hereditários; como “lugar dos meus”, meu cantinho minhas memórias; o ponto de partida de minha trajetória. As experiências vividas na intimidade da casa, onde começamos a abrir nossos olhos para o mundo e, desvendar seus segredos ou simplesmente aguçar nossa curiosidade pelas coisas,

engendram “marcas” em nossa história que, ora são arquivadas junto às boas recordações, ora junto às más recordações. O fato é que, seja boa ou má, a experiência não pode ser deletada de nossa história. Desta forma, essas experiências passam a ser elementos importantes na construção de nossas identidades.

Bosi (1979) em seus estudos sobre a memória e a “lembrança de velhos”, escreveu:

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto. (BOSI, 1979, p.435)

A autora ainda continua suas reflexões conjugando a casa à “paisagem que a rodeia” numa “comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas”. (BOSI, 1979, p.442)

Em Da Matta (1997), encontramos a “casa”, bem como a “rua” [como contraste da casa] como categorias sociológicas. Em seus estudos de Antropologia Brasileira este autor traz o seguinte argumento:

Quando digo então que ‘casa’ e ‘rua’ são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simples espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DA MATTA, 1997, p.15)

A casa, no entanto, extrapola seu aspecto físico de obra de engenharia e assume múltiplos significados, como é o caso de nos referirmos a casa como um “espaço íntimo e privativo” (como nosso dormitório), ou até mesmo ao nos referirmos a um espaço público ou “ao Brasil como nossa casa”, tudo dependendo dos pontos de referências que tomamos. (DA MATTA, 1997, p.16)

O vínculo que criamos com nossos espaços de vivência no cotidiano congrega elementos objetivos e subjetivos, funcionais e emocionais. A intensidade com que estes elementos se (re)arranjam em nosso viver diário, dão esta ou aquela característica à nossa relação com o espaço em que nos inserimos. E é aí que estabelecemos o grau

de identificação ou identidade que temos com este espaço; criamos então um ambiente o qual identificamos como “nosso ambiente”. É muito comum ouvirmos alguém dizer: “aqui não é ambiente para mim”, ou “não me ambientei neste lugar”, denotando uma desarmonia entre a perspectiva do indivíduo e o espaço onde ele se encontra. Não se criou aí um vínculo com pessoas e/ou objetos, situações, idéias, comportamentos, enfim, não se criou aí, identidade.

Da Matta (1997) faz uma comparação entre os ambientes da casa e da rua, dentro de uma perspectiva de identidade, ao escrever que “limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo”. Para ele só conseguimos “projetar (nossa) casa na rua” efetivamente, quando “recriamos nos espaços públicos o mesmo ambiente caseiro e familiar”. (DA MATTA, 1997,p.20)

Da Matta (1997) ao trazer à discussão a questão do *recriar* “o mesmo ambiente caseiro e familiar”, remete-nos à uma reflexão ontológica, já que este movimento de tentar trazer nossa casa para a rua, recriando um espaço mais íntimo, mais “nosso”, é uma tentativa de mantermos nosso “eu”, nossa identidade.

É a idéia que Bosi (1979) trabalha ao dizer que “o espaço que encerrou os membros de uma família durante anos comuns, há de contar-nos algo do que foram essas pessoas. Porque as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos”. (BOSI, 1979, p.443)

Valadares (1999) faz uma reflexão acerca do “*Espaço-Ambiente*” e da “*casa*” como este espaço:

Espaço como lugar de corpos em sua inquietude e procura de *homeostase*, que seria um apaziguamento para sua inquietude: **espaço** com suas infinitas possibilidades de complementações, mas também do diverso e do divergente. **Lugar** de lutas, de conflitos próprios da vida. Não pensemos em *equilíbrio*, mas em múltiplos equilíbrios, que se retomam, se desfazem, se repetem, independentemente de nossa pretensão de controle *científico*, e se transformam sem saber como. (...). E **Ambiente**, lugar de sustentação, de *holding*, de aconchego, de acolhimento, sobretudo do inesperado, da perplexidade, do novo, do susto, da **Vida** portanto. Pensemos na casa – em grego *oikos* – no mundo e no saber – *logos* – sobre essa casa; saber que se convencionou chamar de *ecologia*(...). Pensemos a casa desde a cabana primitiva, feita de peles de animais e depois, com a técnica, desde a pele e o suor dos operários, onde a habitação do mundo é costurada, tecida, cultivada, enquanto o homem tece suas ligações às suas histórias e geografias. Sobretudo pensemos nesse “umbigo” e nas separações, para que consideremos nossos instrumentos de habitar. Uma teoria da habitação somente pode ser construída a partir de uma percepção da “des-habitação”. (VALADARES, 1999, p.16-20)

Em um outro momento, Bosi (1989) ao participar no Simpósio Estadual sobre o Meio Ambiente e Educação, que ocorreu em setembro de 1988, em São Paulo, faz a seguinte colocação:

O espaço deve ser sempre entendido como uma dimensão de existência. Temos uma experiência profunda do lugar; e a identidade se forma dentro dessa experiência. Os caminhos que nos levam da casa ao trabalho, de casa aos pontos da cidade, os trajetos para o encontro dos amigos, são carregados de significados. (BOSI, 1989,p.75-76)

A pesquisadora afirma ainda que “quando elegemos no ambiente um lugar para viver, estamos criando um espaço experimentado e concreto; [...], um espaço expressivo”, e conclui dizendo que “o ambiente é um aspecto de condição do ser no mundo”. (BOSI,1989, p.75-76)

Estabelecemos que os espaços de vivências, ou seja, os ambientes em que vivemos estão carregados de significados, e estes significados corroboram para a construção de nossa identidade. Podemos então concluir que, quer seja na intimidade de nossa “casa”, que segundo Da Matta (1997) “distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação, hospitalidade [...] tudo aquilo que define nossa idéia de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘calor humano’,” quer seja na “rua” que “pertence ao ‘governo’ ou ao ‘povo’ e que está sempre repleta de fluidez e movimento,” (DA MATTA, 1997, p.57), nosso cotidiano é construído a partir de aprendizagens contínuas. Consciente ou inconscientemente nossas práticas sociais são reflexos de nossas apreensões cotidianas, advindas das experiências e seus significados que se acumulam em nossas trajetórias.

Valadares (1999) considera o “espaço-ambiente” como “*Lugar do Sujeito*” pois argumenta que

[...] é espaço de convívio, de possibilidades e impossibilidades, de encontros e desencontros, seja o quarto, a sala, a praça, a escola ou a linguagem. E são lugares de memórias esses espaços, porque ficamos ali com eles, pois estão sempre em nossas vidas como ‘rastros de recordação’, do nascer ao morrer, ou seja, a todo instante. Não há memórias sem imagens, metáforas, e não existem imagens sem *Espaço-Ambiente*. (VALADARES, 1999,p.21)

Da casa, em minha trajetória, eu parto para o conhecimento do mundo, “lá fora” onde encontro o “outro”, onde vivo e escrevo histórias. Lá fora eu tenho a “escola”. A

escola e o encontro das múltiplas realidades; a escola e *sua* realidade, *sua* construção de saberes, *seus* conflitos, *sua* leitura de mundo. Abramos nossas portas, então, e saiamos para fora, para a “rua”, onde encontramos os *outros* e *suas casas*. Nosso ponto de encontro: a escola.

3.2– A ESCOLA: ABRINDO AS JANELAS PARA O MUNDO

Desde que me conheço por gente, a escola ocupa um lugar proeminente em minha vida. Eu ainda nem tinha idade para freqüenta-la regularmente, e meus pais já anunciavam, das mais diversas formas, que ela seria um lugar incomparável para abrir meus olhos e minha mente, e fazer de mim uma pessoa bem-sucedida, digna e preparada para enfrentar o mundo. (MARISA VORRABER COSTA, 2003, p.11)

Quem de nós não tem histórias sobre nossas trajetórias na escola? Do início do ensino fundamental à universidade, muitas vezes demarcamos os acontecimentos de nossas vidas de acordo com fatos ocorridos na escola. Ainda que criticada severamente por alguns, por representar um espaço de obrigatoriedades e “prisão”, contrária à idéia de “liberdade”, que o estar fora de lá representa, os momentos vividos no interior daqueles muros não podem ser ignorados em nossa história de vida.

A construção de nossa sociedade, ou do chamado “mundo moderno” está intimamente ligado à escola e à (re)produção/manutenção do conhecimento dito “moderno”. E sua importância é de tal magnitude que, o fato de não ter passado pelos seus bancos, cria no indivíduo um sentimento de perda, de vazio, de algo incompleto, uma vez que este vive hoje em uma sociedade regida pela “informação” e pelo “conhecimento”.

Sobre o papel da escola em nossa sociedade, nós buscamos em Veiga-Neto (2003) a seguinte noção:

[...], quero sublinhar o papel da escola na construção de um mundo que declarou almejar a ordem e a vida civilizada. Um mundo que foi projetado para se afastar daquele estado que muitos chamam de natural, ou bárbaro, ou selvagem, ou primitivo. Quero salientar o papel da escola como a grande instituição envolvida na civilidade, ou seja, envolvida nas transformações dos homens: de selvagens em civilizados. A escola como o lugar capaz de arrancar cada um de nós - e, assim, arrancar a sociedade de que fazemos parte - da menoridade e nos lançar num estágio de vida mais evoluído, criando uma sociedade formada por cidadãos que, por estarem na ‘mesma cidade’, estão num ambiente comum e, por isso, têm de aprender a viver minimamente se tolerando, em cooperação mútua e sem se barbarizarem. Esse talvez seja o sentido mais radical da escola moderna. (VEIGA-NETO, 2003,p.104-105)

Veiga-Neto (2003) busca em autores como Foucault, Deleuze, Bauman, Guattari, Stuart Hall, David Harvey entre outros, novas formas de se pensar e analisar a modernidade e todas as transformações pelas quais passamos cotidianamente, e que nos leva a constantes (re)significações do tempo e do espaço em que vivemos. Ao fazer uma conexão entre o interesse dos autores com os quais dialoga e os seus interesses na análise da escola na modernidade, o autor relata:

[...] aqui entra a escola, entendida como uma maquinaria capaz de moldar nossas subjetividades para algumas formas muito particulares de viver socialmente e espaço e o tempo. [...], não se trata de pensar a escola como um lugar em que se inventaram novas formas de viver o espaço e o tempo, ou seja, não se trata de dizer que a escola originou essas novas formas. Trata-se, sim, de pensa-la como uma instituição que se estabeleceu e se desenvolveu em conexão indissolúvel, imanente com as novas práticas - sociais, culturais, religiosas, econômicas - que se engendravam no mundo europeu pós-renascentista. O elo entre escola e sociedade moderna é a disciplinaridade - [...] disciplina - corpo, [...] disciplina - saber. [...] boa parte das práticas que se dão na escola não foram simplesmente criadas com o objetivo de que as crianças aprendessem melhor. [...] bem antes de funcionar como um aparelho de ensinar conteúdos e de promover a reprodução social, a escola moderna funciona - e continua funcionando - como uma grande fábrica que fabricou - e continua fabricando - novas formas de vida. (VEIGA-NETO, 2003,p.107-108)

Dentro dessas análises, o pesquisador fala sobre a chamada “crise na escola” na atualidade, relatando que “a escola está em crise porque percebemos que ela está cada vez mais desencaixada da sociedade”, que em constante mutação, cria um descompasso com o ritmo da escola, ainda fundamentada em uma estrutura disciplinar, inserida numa “sociedade de controle”. (VEIGA-NETO, 2003, p.110-111)

Insiro-me, então, em uma realidade que sofre mutações constantes e, as relações sociais se (re)arranjam a todo instante. Economia, política, cultura em geral são solapadas pelas mais diversas ideologias, levando-nos à releituras das configurações mais recentes do espaço social e natural. As instituições sociais necessitam se auto-avaliarem constantemente dentro de toda esta dinâmica, e a escola não foge à regra.

A grande questão que fica neste contexto de mudanças para a escola é: *como entender esta instituição nestes tempos pós-modernos?*

Veiga-Neto (2003) explica que ao falar em “descompasso” entre o mundo atual e a escola “é preciso tomar dois cuidados”:

[...] primeiro[...] não imaginar que a escola esteja aí para necessariamente dar respostas ao mundo. Não existe um mundo *lá* e uma escola *aqui* que dê respostas a esse mundo que parece estar lá. Existe, certamente, uma instituição chamada 'escola' que está implicada neste mundo no sentido mais profundo, [...] mais íntimo, [...] até de estabelecer o que é este mundo. [...] o segundo cuidado: [...] devemos deixar bem claro que não se trata simplesmente de voltar a aqueles discursos que lamentam o fato da escola não ter se atualizado, [...] não lançar mão de recursos que as modernas tecnologias nos oferecem. [...]. Não é só uma questão de usar ou não usar novas tecnologias [...]. A questão é mais radical. (VEIGA-NETO, 2003,p.113)

Portanto, a discussão é bastante vasta, já que vai de uma visão de alienação à uma visão tecnicista, passando por um saudosismo, muitas vezes exacerbado, da escola de nossos pais. Vivemos novos tempos que empreendem novos ritmos ao cotidiano, e isso faz com que se busque novas respostas às questões que se impõem a cada mudança. A escola tem suas questões e as respostas não podem ser encontradas a partir de uma visão que se restrinja aos metros quadrados de construção desta instituição. A escola é parte de uma realidade social, com seus elementos culturais, econômicos e políticos e, os sujeitos que nela atuam se deslocam de “dentro para fora” e de “fora para dentro” cotidianamente. Portanto, não é possível pensar a escola como um espaço “isolado”, “esterilizado”; um mundo à parte.

Alves (2003) através de um trabalho de pesquisa com professoras e suas memórias, buscou a “história não-oficial da escola”, e concluiu que “existe, [...], uma escola sem muros, que precisamos aprender a ver, sentir, compreender.” Entendeu também que

se os *praticantes* encarnam os múltiplos cotidianos em que estão, quando eles entram na escola isso os acompanha. O que aprenderam na televisão, trazem para dentro da escola, e o que aprenderam na escola entram nas críticas que fazem à televisão. Esse tipo de situação mostra como existem relações entre os múltiplos contextos cotidianos em que os sujeitos vivem. (ALVES, 2003,p.88)

Alves (2003, p. 94) constatou com suas pesquisas que “de fato, a escola nunca teve grades e nem muros, pois quem está lá dentro são os sujeitos sociais, e eles carregam com eles tudo aquilo que têm e são”.

Dos sujeitos sociais que atuam na escola, nos interessam, em particular, os/as professores/as. Alves (2003) ainda fazendo menção às suas pesquisas junto às professoras, faz a seguinte crítica à maneira como estas profissionais não são consideradas nas propostas pedagógicas oficiais:

Há algo interessante que as pesquisas vêm mostrando, por exemplo, que é fato de as propostas oficiais sempre destacarem que é preciso respeitar a realidade do aluno, mas não há menção alguma à realidade da professora. A professora aparece nestas propostas, simplesmente, com o dever de fazer isso ou aquilo, jamais com sua própria realidade existindo, também, concretamente dentro da escola. É como se fosse um sujeito inexistente nessas propostas”. (ALVES, 2003, p. 94-95)

A pesquisadora chama a atenção para o fato das professoras aparecerem como sujeitos, somente “no sentido de ter que prestar atenção ao outro praticante, que é o aluno [...]”, sem que se considere “suas circunstâncias de vivência”. (ALVES, 2003, p. 95) Ela conclui sua crítica da seguinte forma:

Há uma idéia de que a professora é uma pessoa de pátria inexistente. Ninguém se preocupa com o tipo de preparo que tem e de que recursos efetivos dispõe para levar adiante os múltiplos processos dentro da escola. Não se considera o que ela sabe, em que ela acredita, entendendo-se que assumirá, sem resistência, o que outros pensaram e querem que execute. [...] Em documentos oficiais, [...] é um sujeito descarnado – ‘o professor’ -, como se nada das circunstâncias que lhe dizem respeito existissem” (ALVES, 2003, p.95)

Num constante movimento sistêmico, os *inputs* (a casa, a escola, os espaços entre a casa e a escola, as representações) alimentam o *processo* (a construção do “ser”), produzindo *outputs* (sujeito – educador com sua identidade), resultando num *feedback* (o movimento cíclico de entrada/saída dos espaços de vivência), tornando o sistema dinâmico. Isto constitui “redes de saberes”.

Como se constituem essas redes de saberes? De que saberes nós falamos? Nesta noção de redes, como se analisa a formação de educadores, e particularmente, educadores ambientais? Passemos, então, a discutir estes temas.

3.3 AS REDES DE SABERES E A FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA

As redes de saberes que tecemos ao longo de nossas vidas, nos múltiplos espaços em que vivemos e interagimos, são tecidas através das aprendizagens formais às quais somos submetidos desde que nascemos e, também, através dos processos cotidianos vivenciados em nossas práticas e nas daqueles com quem convivemos, nos diversos espaços nos quais estamos inseridos. (OLIVEIRA e SGARBI, 2001, p. 7)

Os autores acima conseguiram sintetizar nesta frase os dois pontos fundamentais que analisaremos neste tópico: *as redes de saberes e a formação ao longo da vida*.

Sabemos que a partir do momento que nascemos começamos a aprender. Como seres sociais, nossa sobrevivência depende da aquisição dos elementos culturais que identificam a sociedade em que vivemos. Os instintos naturais que trazemos em nosso código genético não dão conta de constituir-nos “sujeitos”. Assim, desde o primeiro suspiro, o primeiro choro, o primeiro contato com o toque da mãe, acionamos nosso sentidos para entrar em contato com o mundo. Nosso primeiro mundo é a nossa “casa”, e , a partir daí, tecemos nossas redes de conexões.

O contato com a família (pai, mãe,irmãos, irmãs, agregados que habitam minha casa) e parentes (parte da família que não habita em minha casa) criam as primeiras condições para as redes de saberes que ampliaremos no decorrer de nossas vidas. A identificação de “quem é quem” na família, o que fazem, o que estabelece minha relação com eles, entre outros fatores, já instigam nossa curiosidade por informações. Isso sem falar nos hábitos e costumes da família, o contato com objetos novos a cada dia, a cada novo espaço que vamos nos apropriando.

Ainda que de uma forma mecânica, muitas vezes, reproduzimos gestos, sons, palavras e buscamos um sentido para cada ação. Este sentido se desvela com o passar do tempo, de acordo com as conexões que estabelecemos entre a ação que praticamos e os resultados que delas advém. A observação do agir dos “outros” também é uma fonte estratégica de aprendizagem.

Nosso mundo se amplia, ultrapassa os limites de nossa “casa” e ganha a “rua” e os limites da “casa do outro”. Nossas redes criam novos fluxos por onde passam novas informações, que num primeiro momento podem ser confusas e sem sentido, mas também se desvelam conforme estabelecemos as devidas conexões com a “nossa casa”. Adicionamos mais informações à nossa rede, que comportam elementos mais *concretos* – quando num contato direto, com nossos colegas da rua, a paisagem natural ou construída de nosso bairro, etc – quanto elementos *imaginários* – quando adquiridos através de histórias que os pais contam, as figuras de um livro, a televisão, o rádio, o computador, etc.

Chegamos à “escola” e ocorre ali o que podemos chamar de “o encontro dos múltiplos mundos”; é o encontro das “múltiplas redes”, dos “múltiplos saberes”, portanto, uma zona de tensões e conflitos. Os confrontos aí estabelecidos ora produzem relações harmônicas, ora relações desarmônicas, mas, no entanto, em qualquer dos casos, produzem aprendizagem e conhecimento.

Estabelecemos então um panorama geral de nossas reflexões: vivências, contatos, informações, aprendizagens, conhecimentos e práticas sociais. Um universo de ações que constituem nossas trajetórias de aprendizagens, e que não se esgotam com a chamada “formação profissional”, onde se inicia um novo ciclo que contém e está contido nos ciclos anteriores, configurando mais uma ampliação das redes de saberes.

Azevedo (2001) trabalha a noção de redes de conhecimento numa perspectiva de que estes proporcionam um acúmulo de saberes e significados na construção de nossas identidades. Inicialmente ele faz algumas provocações:

[...] o que é o conhecimento historicamente acumulado? Camadas que se superpõe uma às outras, sem comunicação? Gavetas de uma cômoda, de um arquivo? Ou serão fios que vão sendo puxados e tecidos formando novas significações, alguns abandonados para mais adiante, às vezes muito mais adiante (anos, séculos, milênios), serem atados a fios mais recentes e os nós, então constituídos, conferir um outro olhar sobre o mundo, tal como os seres humanos o entendem? (AZEVEDO, 2001, p.56)

Continuando, Azevedo (2001) detalha sua noção de “rede como metáfora”, dizendo que:

A rede como metáfora, com seus fios, seus nós e seus espaços esgarçados, nos permite historicizar a nós mesmos, os nossos pensamentos e a nossos atos, se entendemos que nada surge do nada, que tudo, de alguma forma, está ligado a tudo, aí incluídos os imprevistos, os acasos, os lapsos, as fraquezas. Se por historicizar entendemos puxar os fios, desenovelar, desdobrar as redes, ou, ao contrário, enredar fios, a metáfora escolhida ajuda, como tantas outras usadas, a organizar os conhecimentos. Sua riqueza maior, no entanto, está em que permite a possibilidade de trançar um número infinito de fios, como exige a opção teórica pela noção de complexidade. Alguns desses fios, também chamados conhecimentos, são fornecidos pelo viver cotidiano, em seus múltiplos contextos, tanto como outros são permitidos pelos conhecimentos científicos que vamos adquirindo em pesquisas que fazemos. (AZEVEDO, 2001, p.60-61)

Manhães (2001) contribui com esta análise dizendo que:

A metáfora da rede implica pensar, desde um ponto de vista epistemológico, na possibilidade de interação de diversidades, isto é, em buscar as formas de articulação entre o local e o global, entre o particular e universal, entre o uno e o diverso, ou seja, entre cada escola e a rede escolar, entre a formação realizada coletivamente pelos professores de uma mesma escola e programas mais amplos, inclusive aquela propiciada pelos cursos de formação. A tessitura do conhecimento em rede reconhece que nenhuma análise pode espelhar a realidade, nem é produto de um sujeito radicalmente separado da natureza. O observador é participante e criador do conhecimento, sendo, cada um, responsável pela inclusão de novos nós a própria rede. (MANHÃES, 2001, p.71)

Isso nos remete a uma análise da aprendizagem contínua; uma *aprendizagem ao longo da vida*.

Valente(2004) analisa este assunto a partir de uma questão: “Educação ou aprendizagem ao longo da vida?” Baseado no estudo “Quanta informação? 2003”, realizada pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, que mostrou “que a quantidade de informação dobrou nos últimos anos 3 anos”. Valente comenta que “esse fato não implicou necessariamente um aumento do número de pessoas com mais conhecimento nem influenciou na capacidade de resolverem os problemas da sociedade atual”. (VALENTE, 2004, p. 13)

Segundo o autor sempre se faz necessário um questionamento sobre o significado de “educação” e “aprendizagem”, já que a sociedade torna-se cada vez mais dependente de conhecimento. Para ele a aprendizagem é “uma atividade contínua, que

se estende ao longo da vida”; “a educação tem de criar condições para o aluno desenvolver a habilidade de aprender a aprender”, ou seja, “continuar sua aprendizagem mesmo depois de deixar a escola”. É isto o que alguns autores chamam de “educação ao longo da vida e outros de aprendizagem ao longo da vida ou lifelong learning. Ele ainda continua chamando atenção para que se possa “ entender a diferença entre os termos educação [...] e aprendizagem ao longo da vida”, dizendo que “é necessário entender as diferenças entre informação e conhecimento, bem como as diferentes concepções que são atribuídas ao conceito de aprendizagem”. (VALENTE, 2004, p.13) Segundo ele:

A informação pode ser vista como os fatos que se encontram nas publicações, na internet ou mesmo o que as pessoas trocam entre si. O conhecimento é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação. É algo construído, intimamente relacionado com a experiência de vida de cada indivíduo e impossível de ser passado – o que é passado é a informação que advém desse conhecimento, porém nunca o conhecimento em si. (VALENTE, 2004,p. 13)

A partir dessas noções, Valente (2004) trabalha os “diferentes significados atribuídos aos conceitos de aprendizagem”:

Um significado pode ser o de memorizar informação. [...] está relacionado com a capacidade de reter a informação que foi transmitida. [...] a educação [...] como processo de ‘depositar a informação’ no aprendiz – a educação bancária, que foi criticada por Paulo Freire (1970). [...] outra interpretação [...] é o construir conhecimento – do latim, *apprehendere*, que significa apanhar, apreender, apropriar-se, compreender. Para que essa apropriação aconteça, o aprendiz deve processar a informação que obtêm na interação com o mundo dos objetos e das pessoas. (VALENTE, 2004,p.13)

O autor ainda continua dizendo que a “atribuição de significados” à informação que foi “interpretada e processada” pelo aprendiz é extremamente importante, pois “aprender, significa apropriar-se de informação segundo os conhecimentos que o aprendiz já possui e que estão sendo continuamente reconstruídos”. (VALENTE, 2004,p.13)

Belluzzo (2004) analisa o conceito de aprendizagem ao longo da vida, fazendo a seguinte proposição:

A Sociedade do Conhecimento também chamada de Sociedade da Aprendizagem, requer uma nova leitura do mundo em que vivemos. Entretanto,

difícil é nos despirmos dos velhos conceitos, velhas linguagens, dos paradigmas passados, quando eles ainda são naturalmente uma parte de nós mesmos. Para nos tornarmos aprendizes, precisamos desaprender, recuperando a capacidade, que as crianças naturalmente possuem, de nos surpreendermos com as coisas, a admiração na qual Aristóteles identificou a origem da Filosofia. (BELLUZZO, 2004,p.149-150)

Belluzzo (2004, p. 150) analisa ainda nossa condição de seres biológicos com duas “funções básicas: a necessidade de sobrevivência, que nos leva à adaptação e a necessidade de se ter uma estrutura interna ordenada, que faz com que voltemos à organização”. Segundo ela, “devemos sempre buscar o equilíbrio, a assimilação e a adequação para gerenciar conflitos relativos a tais funções.”

Ao se efetuar a transferência desses princípios para a aprendizagem, pode-se dizer que, enquanto seres humanos, precisamos adquirir conhecimento sobre o nosso meio ambiente e nossas relações durante toda a vida. Assim, como resultado de experiências, fazemos as associações entre os eventos do mundo ao nosso redor. Isso nos leva a considerar que a aprendizagem somente acontece quando ocorre a mudança de comportamento do ser humano, em resposta a uma experiência anterior. Requerendo a existência de um significado efetivo para o aprendiz. Propiciar uma aprendizagem significativa, consiste em considerar a maneira própria de pensar das pessoas e perceber as contradições e inconsistências, buscando saber o que sabem e o que precisam saber”. (BELLUZZO, 2004, p. 150)

A autora ainda escreve que “aprender é um processo complexo”, e neste processo o “ser humano deve ser o sujeito ativo na construção do cotidiano”, o que se “dá a partir da ação do sujeito sobre a realidade”; um “conhecimento que não é constituído de verdades estáticas, mas um processo dinâmico”, durante toda a “vida humana e não constitui em mera cópia do mundo exterior, sendo um guia para a ação”. (BELLUZZO, 2004, p. 150-151)

Para Belluzzo (2004) “ a educação tem elos entre o passado e o futuro, entre os sujeitos e as sociedades, entre o desenvolvimento de competências e a formação de *identidades*.” Desta forma, a autora discorre sobre a construção histórica das sociedades, criando suas culturas e a influência que estes exercem sobre a construção da “identidade própria” dos indivíduos e “que os distinguem em seu trajeto de vida.”

Considera a “atividade educativa como uma responsabilidade das famílias, da sociedade e do Estado”:

Quando nos referimos às famílias, estamos enfatizando tanto sua função socializadora primária, como o dever de buscar todos os meios para que seus integrantes possam ter acesso aos bens culturais e às ofertas que cada sociedade disponibiliza aos seus cidadãos. Ao Estado, é confiada a responsabilidade de oferecer possibilidades concretas, para que todos tenham acesso, permanente e alcancem os melhores resultados em cada contexto. Às sociedades, é solicitada de maneira difusa, que apostem, tanto na instrução como na formação de valores, por intermédio dos meios de comunicação e das diversas formas de cooperação. (BELLUZZO, 2004, p. 152-153)

Para Manhães(2001) “o conhecimento não é mera repetição, ou resultado da aplicação ‘correta’ de métodos e técnicas”, mas o autor vai mais longe:

O ruído, o acaso, o outro e o diferente são fontes de conhecimento, e até mesmo as principais, até porque os acontecimentos não estão pré-determinados. Pensar, por exemplo, a formação de professores a partir da idéia de tessitura do conhecimento em rede, é, em primeiro lugar, investir no saber da experiência e numa pedagogia interativa e dialógica, como um processo investigativo constante que se faz solidariamente com parceiros na própria caminhada. A troca de experiências e de saberes tece/destece/retece espaços/tempos de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente o papel de formador e de formando, em *redes coletivas de trabalho* (Nóvoa, 1992), nas quais também outros sujeitos são chamados de diferentes e múltiplos espaços para ajudar nessa formação. (MANHÃES, 2001, p.72)

O autor coloca-se nessa “rede de saberes, com seus riscos e desafios”, e descobre que

[...] uma identidade é resultado provisório de relações complexas que se tecem na percepção do *eu* e do *outro*, entre o subjetivo e o objetivo, entre o pessoal e o social. Nessa tensão constante, que, afinal, é a vida cotidiana se fazendo, considero que tecer a si próprio já é, por si mesmo, um processo de formação. E mais ainda, só é possível se tornar, verdadeiramente, um formador se me reconheço incompleto e aprendiz do/no mundo, capaz de encontrar e dar sentido às múltiplas relações que atravessam a vida profissional e pessoal. (MANHÃES, 2001, p.73)

Toda esta discussão sobre as questões de informação, conhecimento, aprendizagem e educação, ajuda-nos a refletir sobre a construção da identidade do Educador Ambiental, como um processo contínuo. *Informação*, é elemento indispensável à qualquer formação profissional; *conhecimento*, mais que retenção da informação, é a *inter/exteriorização* da mesma, em fluxo contínuo, ou seja, uma *aprendizagem* dinâmica em busca da construção de uma *educação*.

4 PESQUISA DE CAMPO

A presente pesquisa de campo foi realizada na cidade de Botucatu/SP, durante o mês de janeiro de 2006, por meio de uma entrevista semi-estruturada com profissionais de áreas diversas, que participaram da primeira turma do curso de Formação de Educadores Ambientais, promovido pelo Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP/Campus de Botucatu, através da FUNDIBIO, entre 1999 e 2001. O curso contou com a participação, em seu início, de um total de, aproximadamente, 46 alunos/as, sendo que este número foi reduzido ao longo de seu desenvolvimento por diversas razões, entre elas, a incompatibilidade de horários, notas abaixo da média mínima, surgimento de novos compromissos, etc.

Nesta pesquisa de campo, foram contatados 8 ex-alunos que concluíram integralmente o curso, que residem em Botucatu, sendo que havia muitos dos participantes do curso que residiam e residem em outras localidades; outros residiam em Botucatu na época do curso e atualmente residem em outras cidades. Sete dos participantes da pesquisa foram entrevistados, sendo suas falas gravadas e posteriormente transcrita; um participante, devido a indisponibilidade de horários para a entrevista, concordou em enviar a mesma por e-mail. Todos os participantes autorizaram por escrito a utilização dos dados das entrevistas.

As entrevistas foram estruturadas em um roteiro de 9 perguntas abertas, onde os entrevistados puderam livremente responder sobre suas trajetórias de vida pessoal e profissional, detalhando suas explicações como assim desejassem, sendo as perguntas, em muitas ocasiões, refeitas e esmiuçadas quando da não compreensão das mesmas, ou complementadas, quando as respostas não contemplavam todos os assuntos solicitados. O fato de permitir a liberdade de resposta ao entrevistado, teve por objetivo buscar os mais diversos detalhes de suas trajetórias, os mais relevantes – na ótica do entrevistado –, elementos que compõe suas identidades. Após a transcrição das entrevistas, passamos a realizar uma análise de conteúdo das falas e a captação dos trechos que serviram como citações para este trabalho.

O roteiro básico das entrevistas foi o seguinte:

- Formação e atividade atual;
- Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela;
- O que representa(ou) nesta fase de sua vida, a casa e a escola?
- Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?
- Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou esse período para você?
- Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?
- Para você, quem é o Educador Ambiental?
- Você é um Educador Ambiental? Por quê?
- Fazendo um balanço, como suas vivências todas, trajetórias mais formação acadêmica influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

4.1 Leitura das entrevistas: buscando aspectos da identidade dos entrevistados

A diversidade de vivências e formações encontradas entre os entrevistados desta pesquisa, trouxe elementos bastante ricos para nossas análises. Para iniciar, identificamos os participantes, a partir de suas formações e atuações.

Quadro 2 – Identificação dos entrevistados

FORMAÇÃO	ATUAÇÕES
1 - Agronomia/Mestrado em Nutrição Animal	Pesquisador na área de parasitologia veterinária Proprietário de academia de ginástica
2 – Direito/ Tecnologia com ênfase em transportes (em curso) ⁶	Setor de patrimônio da Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Est. de SP) – Superintendência de Botucatu
3 – Ciências/plenificação em Matemática	Coordenadora pedagógica na rede estadual de ensino em Botucatu.
4 – Artes Plásticas e Artes Visuais	Professora em escolas municipais e estaduais em Botucatu.
5 - Biologia	Agente de Turismo
6 – Biomedicina/Mestrado em Agronomia	Aposentado pela CESP Ex-biólogo da CETESB
7 – Ciências Sociais	Professor e Coordenador Pedagógico na rede estadual em Botucatu
8 – Geografia e Gestão Ambiental/ MBA em Gestão Ambiental (em curso)	Supervisor ambiental na Centroflora em Botucatu

⁶ No período de realização do curso, o entrevistado já era formado em Direito. Na época da entrevista, o entrevistado cursava Tecnologia com ênfase em Transportes.

Quando solicitados a fazer uma narrativa sobre suas origens - onde nasceram, o lugar, a casa, a escola onde estudaram – encontramos participantes oriundos tanto da zona rural como da urbana. Encontramos relatos interessantes, de uma infância saudável, livre, em contato com um meio ambiente diferente do que se vê hoje. Chamou-nos a atenção, alguns relatos que, não só revelaram fatos como crescer “num ambiente cercado de matas, árvores, [...] sítios, [...] em contato com animais”, mas também “aquela brincadeira de criança com bolinha de gude, de amarelinha, [...] aquela inocência de criança de cantigas de roda, brincadeiras de corda, futebol no campinho do bairro, [que] hoje em dia não existe mais.” Notamos no saudosismo, um elevado grau de importância que estas atividades representaram para os entrevistados, sendo que encontramos um relato em que o entrevistado associa sua formação “ambientalista”, às ações desta fase de infância:

Talvez [...], minha atividade ambientalista tenha sido já, desde esta época, desenvolvida. [...] era uma cidade pequena, não tinha asfalto na época em que eu morava lá, [...] nossa atividade era mais rural. A gente era campestre, vivia nadando no rio, correndo atrás de passarinho, fazendo um monte de algazaras. E nós, desde pequeninhos – a minha turma [...], a minha gang, [...] – já éramos preocupados com isso, [...] tinha uma cachoeirinha lá, queríamos preservar a cachoeirinha, os peixinhos que haviam lá..., enfim, talvez esta seja uma das coisas que vem enraizadas em mim. (Biomédico)

O contato com o meio ambiente natural é bastante presente nos relatos, e representam, nas concepções dos entrevistados, um ponto importante em suas formações.

Ao serem questionados sobre o que representou a casa, nesta fase da infância, em diversos momentos ela vai aparecer associada à família e à “educação (que) vem da casa”. Relataram sobre a simplicidade da casa, como morar numa “casa feita de tábuas”, ou uma “casinha, [...] de sítio”, mas contudo, sem revelar qualquer sentimento de angústia ou sofrimento por este passado. Pelo contrário, o que fica claro é um sentimento de riqueza pelas vivências, como ao dizer: “eu agradeço muito meus pais pela educação que eu tive. Eu acho que eles... eu acho não, eu tenho certeza que eles proporcionaram o melhor” .

Apareceram também, relatos que recordaram a casa com “um quintal enorme, um pomar com frutas”; uma casa em que “desde pequenininho ganhava livros”; “uma

casa limpa (que), não tinha entulhos, tinha um galinheiro no quintal, e a gente buscava ovos”, o que leva-nos a fazer uma leitura de uma representação daquilo que se concebe como uma ação ou comportamento mais **natural**, mais **politicamente correto**, em detrimento, talvez, da **artificialidade** em que vivemos hoje.

Junto com a representação da casa, questionamos a representação da escola Na mesma fase. Apareceu um relato em que a “ligação” com a escola sempre foi tão forte, que a mesma é vista “quase como uma igreja, [...] uma coisa quase sagrada.” Existe menção também da escola como um lugar em que se “encontrava vários amigos, era onde você até brincava”; e aparece também um relato interessante da escola como a casa:

Eu praticamente fui criado sozinho. Vim interno para o colégio com dez anos de idade, e então, o que eu me lembro, posso dizer, o seguinte: minhas dúvidas escolares eu tinha que esclarecer com meus amigos mesmo; pai e mãe estavam longe, não estavam presentes naquele momento. Então, no meu caso, a minha casa... eu já mudei, me separei de meus pais aos dez anos de idade; só voltei a viver com eles cerca de seis anos depois. (Biomédico)

Recordar a escola faz com que alguns se recordassem também de seus professores, vistos “como um pai”; resgataram coisas da “formação pelos professores que, foram mais do que fraternos, eles foram, digamos assim, paternos.”

Um relato resume essa questão das representações da casa e da escola:

Traz recordações muito boas. O que tenho na vida hoje, foram ensinamentos que recebi nesta etapa da vida, inclusive isso se manifesta em minhas relações com pessoas, naquilo que penso e minha formação, aquilo que tenho de mais essencial adquirir nesta época. (Profa. Arte)

Questionados quanto à formação acadêmica, como se deu a escolha, apenas dois dos entrevistados cursou a faculdade da primeira escolha; os outros, partiram para outras faculdades afins, ou pela falta do curso desejado mais próximo de onde moravam, ou pela concorrência nos vestibulares. No entanto, nenhum demonstrou insatisfação nas escolhas que fizeram.

Além das causas da escolha, os participantes deram alguns detalhes sobre o período de graduação. Dois participantes revelaram que escolheram e fizeram os cursos de graduação como primeira opção. O agrônomo relatou que:

Minha família foi sempre dona de terras, sítios, fazendas; sempre tive um contato grande com terras, por isso escolhi a área de agrônômica. (Agrônomo)

E a professora de arte relatou que:

A escolha tem haver com a questão estética, que é algo que me interessa muito. Gosto muito de coisas bonitas, inclusive pensando na natureza, que é bonita, no sentido do perfeito, do ideal. (Profa. de Arte)

Os relatos revelaram muitas vivências e experiências, que enriqueceram suas formações. Ampliando suas visões de mundo. As participações em atos políticos apareceram de forma muito relevante; a “vida estudantil não se limitava em só sentar-se na cadeira e ficar, nós tínhamos atividades políticas muito grandes”; “para tudo, então, nós brigamos muito na faculdade, pela melhoria do ensino. Eu participava de várias assembleias, sempre fui da diretoria do centro acadêmico na parte da Biologia [...]”; sempre li muito História, sempre me interessei muito por política e o curso que eu fiz foi ótimo. [...] peguei aquela época da revolução; houve aquele grande problema na PUC, que a polícia andou batendo em gente lá. A minha escola estava no meio e eu não fui por um acidente [...] acabei não indo com o pessoal”; são alguns exemplos dos relatos. Destacamos um relato bastante pitoresco:

Eu participei de várias atividades políticas na época, uma delas foi quando veio... como se chamava o governador?... Abreu Sodré. Ele veio para Botucatu e, naquela época a faculdade estava pleiteando um monte de coisas e o governador não dava nada para nossa cidade. Nós demos uma “salva de ovos”... jogamos, não só eu, mas vários estudantes que estavam lá, tantos ovos no Abreu Sodré que, o mesmo tirou tudo de Botucatu na época: delegacias regionais, correios, etc., foram todos para Bauru. (Biomédico)

O próximo questionamento foi em relação à formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou este período. Algo muito comum nas respostas é o fato do curso ter sido oferecido na cidade onde residem, o que despertou o interesse e facilitou sua realização. No entanto, o interesse maior de todos estava na temática do curso e o fato de muitos deles já estarem envolvidos em projetos afins, como relatou um dos participantes:

Eu me formei e andei sempre muito ligado, trabalhei com ONGs aqui da cidade, até que abriu este curso. Por ser Educação Ambiental na UNESP, me

interessei bastante. Pensei: “quem sabe é este o caminho, é o que eu gosto, mexer com esta área. (Agrônomo)

A busca de um aprofundamento nos conteúdos da área ambiental também aparece nas respostas:

O interesse pela Educação Ambiental surgiu na observação de mais indivíduos na sociedade. Pelo simples fato de uma pessoa estar no seu automóvel e lançar para fora um papel de bala, uma embalagem de cigarro vazia ou uma embalagem de chocolate. Eu prestava atenção nisso e não me conformava com certas atitudes que as pessoas tinham. Se é tão fácil você separar o lixo, você reaproveitá-lo, por que não coloca-lo no lugar correto. Então surgiu este exercício de cidadania, que é essa observação do errado e que os adultos principalmente praticam. Então eu entrei nesse curso de Educação Ambiental, mais com o intuito de educar, mostrar para as crianças, que só através delas nós atingiríamos o público adulto. (Advogado)

Eu sempre fui, assim, preocupada com relação ao ambiente, então, independente de ter essa perspectiva de fazer o curso em Educação Ambiental, enquanto eu estava numa sala, eu sempre procurava levar essa conscientização para os alunos com relação ao ambiente, tanto do lar deles, como o ambiente na escola, e com relação ao planeta, então eu sempre, sempre a minha proposta era essa de trabalhar com eles a interdisciplinaridade, antes de conhecer essa palavra, como ela é falada e conhecida. Quando eu tive notícias, através de um folder do curso, eu me interessei, me inscrevi e participei da primeira turma. (Profa. Mat/Cien/Coord. Pedagógica)

Busquei este curso, porque justamente estava retornando para Botucatu, minha cidade natal, por ter nascido nas fazenda e ter esta preocupação com o meio ambiente, no sentido de preservação, na adequação do meio ambiente construído, ter relações saudáveis no meio ambiente construído e pelo fato de dar aulas para crianças de 5ª a 8ª séries, para conhecer um pouco mais alguns conteúdos... para poder trabalhar em sala de aula. (Profa. Arte)

O que marcou mais o período do curso para os entrevistados revelaram-se das mais variadas formas; encontramos desde o fato de ali se “achar pessoas de todos os níveis, formações diferentes, idades diferentes, mas, a cabeça é a mesma, o mesmo sentido”, até os “autores que foram trabalhados no curso”, “professores excelentes”, as “atividades práticas” e algumas disciplinas específicas como a de “Direito Ambiental”.

Questionamos, a seguir, sobre o pós-curso, o que mudou e/ou somou-se às concepções dos participantes, no cotidiano, no trabalho, junto à família, etc. Destacamos aqui três relatos que ilustram bem as respostas obtidas:

Olha, eu acho que principalmente a sensibilidade, que, como eu falei, os profissionais hoje, você pode pegar um médico, um engenheiro, que as vezes não têm esta noção; eles não tratam o meio ambiente com a mesma visão que a gente ficou. Acho que foi mais a sensibilidade, várias coisas que a gente

estudou, que fez com que, pelo menos, aqui, dentro de minha casa todo mundo é ambientalista, todo o mundo tem esta visão; já começou em casa, essa sensibilidade.. E mudou porque, eu mudei também, o estilo do turismo que a gente sempre. Nossa agência já fazia este turismo receptivo e eu acabei dando este enfoque mais detalhado sobre o meio ambiente. Realmente não dá para você, numa viagem de um dia, dar uma Educação Ambiental completa, mas acho que as noções... tem que especificar, sensibilizar, e é o que eu estou tentando sempre, sensibilizar o turista pra esse fato. (Bióloga/Agente de Turismo)

É uma pergunta muito interessante, porque aqui em casa, se você visse as mudança que aconteceu...! Eu sempre fui ambientalista; minhas crianças cresceram me vendo assim. Aqui em casa nós mudamos nosso comportamento; minha esposa que nunca ligou para isso, tornou-se também uma ambientalista. Hoje ela faz separação de todo o material; quando não passa o pessoal para coletar aqui, ela coloca ali fora tudo separadinho, vidro, plástico, etc., fora as coisas que ela reaproveita. Então, em nossa casa nós fizemos um elo, digamos assim, entre nós, a educação e o meio ambiente. Não só em minha casa, mas, minha família praticamente mudou com isso aí; eu consegui fazer todo mundo ficar “cri-cri” com relação ao meio ambiente. Aqui na vizinhança, meus irmãos, todos fazem isso, na casa de meu sogro, todos fazem isso. Então, foi o curso que me fez isso? Provavelmente ele veio somar as coisas; ele organizou mais a minha cabeça. Eu já era ambientalista, sim, mas o curso me propiciou mais uma organização. Então, realmente, foi salutar. (Biomédico)

[...] estava desempregado, fui atrás de uma empresa com um projeto de implantação da educação ambiental num ambiente industrial, onde essa proposta seria o meu objeto de estudo para a minha monografia, onde apresentei essa proposta a empresa Centroflora, e ali comecei a trabalhar, onde estou até hoje. Conseqüentemente tudo o que me cercava (família, cotidiano trabalho) mudou, minhas concepções relacionadas a empresa, meio ambiente teve uma brusca mudança em razão da própria ideologia que os diretores da empresa defendiam, e que acabava calhando com os meus propósitos. Diante disso foi um grande passo para meu aprimoramento e minha ascensão dentro da empresa. (Prof.Geografia/Gestor Ambiental)

Fica claro nos relatos que estes participantes passaram por todo um processo de reavaliação no decorrer do curso, mesmo já com toda uma bagagem de conhecimentos dentro da temática ambiental. O curso veio como um processo de sistematização das informações recebidas ao longo de suas vidas e nos programas desenvolvidos durante a especialização, construindo uma nova postura, alicerçada em novas bases, mais fortes, que partiram para novas metas, novas responsabilidades. A identidade desses educadores ambientais começava a tomar uma forma mais “lapidada”.

A partir disso questionamos: quem é o educador ambiental?

A gama de respostas se assemelham em muitos pontos, e praticamente todos concordam que o educador ambiental não é somente aquele que tem um certificado de

um curso de especialização ou coisa semelhante; antes, ele é alguém com sensibilidade, visão, ética, responsabilidade, ideologia, entre outras qualidades, como relatam os participantes:

Acho que pessoas que têm esse mesmo pensamento. O Educador Ambiental, ele tem que ter esse pensamento de mudança, de conscientização das pessoas e, ser realmente, posso até chamar, de um grande político, um idealizador. Mas eu acho que tem que por em prática; não adianta você falar sou Educador Ambiental e não colocar isso na prática. Se não essas coisas vão ficar pra você e você não vai formar outras pessoas, ou pelo menos conscientizar outras pessoas no sentido da preocupação com o meio ambiente. (Bióloga/Agente de Turismo)

Educador Ambiental para mim é o profissional que trabalhará através do uso de seus conhecimentos e informações na conscientização das pessoas (apesar que esse termo muito usado não concordo muito) porém muito mais na mudança de hábito de sua clientela (seja ela de escola, trabalho, universidade, centros, etc). Ela levará conhecimentos a essas pessoas para que elas consigam modificar seus hábitos diários em prol de um meio ambiente mais equilibrado e em prol de uma população mais ciente do seu papel na sociedade. A sua arma é a quebra de paradigmas e conceitos pré concebidos. (Prof.Geografia/Gestor Ambiental)

O Educador Ambiental não é uma pessoa que precise ter, em si, uma formação acadêmica. É uma pessoa consciente, é aquele tiozinho do sítio que corrige na hora que você vai fazer alguma besteira: “ah! Vou cortar isso aqui”; “não, não é assim ...” Acho que é aquela pessoa que está sempre cobrando uma postura correta do outro: no jogar o lixo, “ei, vamos jogar no lugar certo; aqui é o lixo”; acho que este é o verdadeiro educador ambiental. (Agrônomo)

Para mim, são todas as pessoas conscientes, que respeitam o próximo, que sabem até onde chegar, nos limites do outro, ou seja, aquelas pessoas que exercem sua cidadania, pessoas que não jogam papel no chão, não jogam lata de cerveja na rua, porque sabem o tempo que a natureza vai levar para deteriorar aquele papel, aquela lata de cerveja. Então, é uma pessoa que tem uma visão além do tempo dela, que pensa nas gerações futuras, que hão de vir. Todos nós somos responsáveis que meio em que vivemos. (Advogado)

O Educador Ambiental começa do pai, da mãe, a própria criança, o inspetor do aluno, o funcionário da escola, alguém na rua que passa...O Educador Ambiental pode ser qualquer um e deve, deveria pelo menos, ser todos nós. Não precisa necessariamente ter um título. Agora, se você falar o profissional Educador Ambiental, aí esse tem uma responsabilidade muito grande porque além de ser o que todo mundo deve ser, ele tem que buscar mecanismos para que consigas solucionar alguns problemas, como é meu caso na escola. Eu me sinto responsável por muitas coisas, apesar de ainda não conseguir. (Profa.Mat/Cien/Coord.Pedagógica)

Em seguida, complementando o pensamento dos participantes, perguntamos se estes eram educadores ambientais e por quê. Encontramos declaradamente muitos que disseram que sim, são educadores ambientais, porque são “chatos” com questões

ligadas ao ambiente; cobram, “pegam no pé”, policiam os que os rodeiam. Outros não foram tão contundentes mas responderam afirmativamente e justificaram suas posições:

Me considero, sim, porque eu estou o tempo todo fazendo com que através das minhas ações eu possa mostrar aos outros como a gente pode cuidar do meio ambiente em que nós vivemos, seja aqui em casa, seja com meus netinhos. Eu tenho uma netinha de 2 aninhos e ela pega papelzinho de bala e já sabem que não podem jogar no chão. Sempre eu estou tentando fazer a coisa da melhor maneira possível, não com perfeição, porque não somos ainda, mas sempre buscando por esse lado. Ou na escola, eu estou andando no corredor da escola, indo da minha sala para outra sala de aula, instintivamente, automaticamente eu me abaixo e pego um papel que está no chão. Eu não consigo passar por um local em que eu estou vendo que tem alguma coisa e não me abaixar, pegar e colocar no lixo; uma planta com galho quebrado, uma planta que está precisando de água, qualquer coisa, não é só em relação com a sujeira; qualquer coisa do ambiente. Me preocupo com a devastação, assisto, leio quando tem alguma reportagem na revista, eu mando e-mail. Sabe, então, todos os setores; eu procuro, quando eu sei de cursos, palestras, participar, incentivar os alunos, professores a participarem também. (Profa.Mat/Cien/Coord.Pedagógica)

Sim me considero além de um ambientalista um Educador ambiental, pois ações em prol da defesa do meio ambiente, tem que estar atreladas a transmissão de conhecimento, é um dever do cidadão ser um educador ambiental seja ele formado ou não, pois a educação ambiental tem que estar caminhando em paralelo com a cidadania. Em resumo todos somos um pouco educadores ambientais. (Prof.Geografia/Gestor Ambiental)

Com certeza, eu sou até chato com as pessoas. Cigarro no chão, não jogar papel de bala, eu estou sempre chamando a atenção, mesmo de meus pais, dos amigos, e não é fácil. Quem está nisso fica em cima das pessoas para que tenham esta consciência, fica cobrando. Você vê que não adianta muito, que nós temos que agir na base mesmo, com as crianças. Depois daquela coisa que se está velho, acostumado, é difícil mudar essa concepção na cabeça das pessoas. Mas, eu sou sim. (Agrônomo)

Um relato nos chamou a atenção, porque o participante, mesmo tendo a formação no curso e no decorrer de sua trajetória, sempre ter trabalhado a temática ambiental na sala-de-aula, sempre ter tido uma postura de defesa do meio ambiente, até como educação que adquiriu da família, não se considera um educador ambiental, por achar que deveria ser mais atuante.

Eu não sou um Educador Ambiental. Eu tenho uma boa noção, eu fiz o curso, mas eu acho que poderia ser mais do que eu sou. Eu sempre procuro, tanto dando aulas de História como de Geografia, falar de Educação Ambiental; mesmo dando aula de Sociologia, que é minha matéria... tenho poucas aulas de Sociologia. Mas, por exemplo, eu dei aula de Sociologia em Pardinho, em

Conchas e propus para os alunos alguns trabalhos voltados para a Educação Ambiental; sobre a história da cidade, falando dos monumentos históricos das cidades deles. Então, eu não perdi o compromisso com o curso e com aqueles alunos que já tinha antes do curso, embora eu acho que poderia fazer mais; um educador ambiental mais atuante. Por isso não me considero um Educador Ambiental, pois, poderia estar fazendo mais. (Sociólogo/Coord.Pedagógico)

Enfim, para concluir as entrevistas, solicitamos que os participantes fizessem um balanço de suas vivências, suas formações e como tudo isso influenciou suas concepções, seus trabalhos, como educadores ambientais. Destacamos três relatos para exemplificar as respostas obtidas, já que a riqueza de detalhes, que muitos dos participantes, trouxeram a esta pesquisa, inviabilizaria a transcrição de todas.

Olha, eu acho que é a própria formação, porque se eu fosse depender, por exemplo, dos meus pais... meu pai é filho de italianos e minha mãe é filha de sírios; na cultura deles não tinha nada haver; tanto que eu me lembro que meu pai caçava. Eu acho que essa formação foi dos próprios professores que eu tive, porque, naquela época, a gente se virava muito sozinho, não tinha a quem recorrer. O que eu sou hoje, acho que devo à minha formação que eu fui adquirindo ao longo dos anos. Não falo nem de amigos, nem nada, mas eu acho que já é uma ideologia que você vai adquirindo no decorrer de sua vida. Por exemplo, eu tenho uma ideologia diferente das minhas irmãs; cada uma tem sua formação. Eu sou bem radical, porque eu acho que tudo o que eu pensei, até hoje, tentei colocar em prática. Eu acho que a formação mesmo, veio da própria educação que eu tive, na época, nas escolas. ...eu acho que a formação é tudo, e começa, de alguma forma, em casa. Mas, no meu caso, eu acho que... lógico, tive uma boa formação em termos de ser honesto, mas na área de formação ambiental e da formação também ideológica, eu adquiri mesmo, com a vivência. (Bióloga/Agente de Turismo)

Se uma criança for “adestrada”, a gostar da natureza ela gostará da natureza, se ela for “adestrada”, a degradá-la, será perfeitamente normal a ela quando adulta, derrubar uma árvore ou caçar um animal, ou até jogar resíduos em rios, parques, etc. A minha infância tem um papel extremamente preponderante para a minha formação como cidadão (a educação familiar é o alicerce da formação de um cidadão) o meio ambiente externo influencia e muito, mas não modifica totalmente, principalmente se essa educação familiar foi eficiente. Sempre tive uma aversão ao abate de pássaros, nunca matei passarinhos apesar de possuir estilingue, meus amigos o faziam, o que fez com que a minha ação fosse diferente de meus amigos? Minha formação familiar, sabia que um pássaro poderia significar a morte de outros, pois poderia ser uma mãe levando o alimento ao seu ninho. A minha formação escolar me deu várias possibilidades de seguimento, porém meu foco sempre foi o meio ambiente. As duas faculdades e mais a especialização me deram a base necessária para começar a criar, transmitir, informar e principalmente transformar o que achava de certa forma não correto, numa ação correta baseada nos preceitos ambientais. (Prof.Geografia/Gestor Ambiental)

Os pais ensinam, a família ensina e eu acho que aprendi desde pequeno. Vai passando para os filhos, os filhos vão passando para aos netos e depois é todo um processo, não é? O lugar que eu fui criado, independente de ter tido uma infância pobre, sempre foi falado sobre isso. Eu acho que influi sim ,

minha criação, a escola, os professores que eu tive desde o primário, a 5ª série do fundamental, que naquela época era a primeira do ginásio e mais o curso, é claro, outros cursos que gente fez. Eu acho que alguns programas, até da mídia, da televisão, por exemplo, os programas da Cultura também ajudam a gente a formar, mudar de opinião, a ter uma opinião desses problemas. Mas é todo um processo, sim, que vem, vem, vem da infância, sem dúvida. (Sociólogo/Coord.Pedagógico)

Com as entrevistas, além de confirmar muitos de nossas hipóteses (como a casa e a escola aglutinando-se na construção da identidade, a escola como sistematizadora dos conhecimentos acumulados e o cotidiano e sua complexidade construindo e reconstruindo constantemente o ser social), pudemos aprender a observar e buscar além das palavras; analisar com maior critério cada conteúdo das informações que nos foram reveladas. Podemos concluir que na trajetória de cada participante existem elementos que são “pontos-chaves” para suas identidades e isso não deve e não pode ser ignorado, se quisermos entender quem é este profissional. Para fecharmos este tópico, deixamos uma reflexão de um dos participantes da pesquisa:

(...) eu falo de expectativa. Eu li a pouco tempo uma frase que a gente tem que separar expectativa de possibilidade. Quando a gente faz um curso e isso vai para a expectativa de poder transformar alguma coisa, você acaba se frustrando. Então, eu aprendi que eu estava com uma expectativa, depois que eu terminei o curso, de revolucionar, de transformar e eu me deparei com muitas dificuldades, muitas barreiras. Eu aprendi que se eu considerar a possibilidade de transformar pouco a pouco, eu não vou sofrer frustrações. Porque a expectativa chega num ponto que você sofre, a possibilidade não. Você sempre vai ter aquela possibilidade de poder fazer qualquer coisa, então, é em cima disso que eu venho me expressando, trabalhando. Quando a gente tem a fé só em algumas áreas de conhecimento, a gente pensa que é fácil transformar o mundo, mas se você tem dentro de si essa vontade, esse querer-fazer, você não vai conseguir mudar o mundo. Então, você tem que primeiro buscar o que aquele outro tem pra te oferecer e começar a trabalhar em cima disso. (Profa.Mat/Cien/Coord.Pedagógica)

4.2 ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE AS ENTREVISTAS

Muitos aspectos importantes foram levantados nas entrevistas, o que nos forneceu um material muito rico para analisar. Muitas categorias, além da casa, da escola, da identidade, podem ser observadas na falas dos/as entrevistados/as, proporcionando uma gama muito ampla de assuntos para outros trabalhos. No entanto, nas reflexões que faremos, procuraremos nos conduzir pelas categorias que nos propomos no início desta pesquisa.

A categoria “casa” aparece nas respostas, em sua maioria, como espaço físico e/ou atrelada à idéia de família. Ainda que em vários momentos apareçam informações acerca das dificuldades desta família, do período da infância, em geral, a imagem retratada nas palavras dos/as entrevistados/as, passam uma idéia de uma casa muito harmônica, de uma infância muito feliz, realçando os aspectos mais positivos deste período. É importante ressaltar que os/as participante desta pesquisa são pessoas bem sucedidas em suas profissões e de acordo com alguns elementos levantados nas entrevistas, possuem famílias bem estruturadas. Este fato, talvez, seja um fator importante na construção da idéia de casa, como família, encontrada nas falas daqueles/as.

Assim também, a idéia ou a representação de “escola”, aparece carregada de um certo saudosismo, de uma escola quase que “perfeita”, que já não existe e, portanto, já não cumpre o mesmo papel que cumpria em épocas passadas, como em suas infâncias. A figura do professor como um ser “superior”, muitas vezes temido, demonstra bem a idéia de uma educação tradicional, de um professor detentor do conhecimento e da passividade dos educandos. No entanto, fica claro a importância que os/as entrevistados/as atribuem à escola em suas vidas, suas trajetórias.

Se casa e escola aparecem como fatores preponderantes na formação e na construção da identidade de cada um/a, não é difícil perceber, também, a influência que as experiências de vida, pelas quais cada um/a vai passando, exercem em todo o processo de construção de conhecimento. E isto se dá a partir dos relatos onde encontramos a relação dos/as entrevistados/as com o entorno de suas casas (desde

sua infância até a atual), as relações pessoais em casa e na escola, as relações profissionais, bem como a busca de novos conhecimentos através de leituras, novos cursos de formação, participação em ONGs, o “por em prática” de seus conhecimentos teóricos, entre outros.

Ainda que alguns dos/as entrevistados/as revelem suas participações em atos políticos no decorrer de sua formações, principalmente no período acadêmico, não fica muito evidente, em suas representações sobre a educação ambiental e o trabalho do educador ambiental, o caráter político em que se insere esta área. As ações práticas encontradas nas falas, possuem um caráter muito carregado de senso-comum, como ao utilizarem expressões como “conscientização”, “sensibilização”, “trabalhar com as novas gerações (crianças)”, “instrumentalizar”, entre outras. Por diversas vezes, as questões do lixo e da limpeza, tanto da casa como dos espaços públicos, aparece como o exemplo de educação ambiental, reforçando uma prática que é muito comum nos projetos escolares e nos programas sobre ecologia e meio ambiente da mídia, principalmente a televisiva.

Os resquícios de um certo engajamento político encontrados nas entrevistas, só são supostos, quando os/as entrevistados/as relatam suas participações na ONGs, assim mesmo, fica algo muito velado. Muitas perguntas podem ser aqui levantadas para tentar entender este fato:

- A ênfase do curso de especialização, que os entrevistados participaram, foi mais voltado à execução de projetos escolares e/ou comunidades, mas centrados em atividades práticas, sem uma reflexão teórica e política mais profunda?
- Os/as entrevistados/as entendem que suas práticas já carregam em si um ato político?

Voltando às pesquisas utilizadas como base teórica neste trabalho, temos Pelicioni (2002) com as representações de EA “conservacionista”, “romântica”, “tecnocêntrica” e “ecossocialista”; temos Tozoni-Reis (2004) com a educação como “a busca do equilíbrio perdido”, “mediada pelo conhecimento conservador”, e a que “articula conhecimento, intencionalidade e transformação social.” Ambas pesquisas nos dá a noção da diversidade e complexidade da temática ambiental, o que se reflete nas

representações dos atores sociais envolvidos. Em nossas entrevistas, podemos notar representações e práticas que podem ser classificadas dentro destas noções. Por vezes, nas falas do/a mesmo/a entrevistado/a, podemos identificar cada uma destas noções, o que nos coloca diante de questões cada vez mais complexas quanto identidade do profissional Educador Ambiental.

Guimarães(2004) também encontra uma certa passividade nas respostas dos/as professores/as entrevistados/as em sua pesquisa em Xerém/RJ, que percebiam sua realidade e as transformações causadas por uma suposta modernidade, como fato já consumado, o que os colocava numa posição de incapacidade de ação. Entre nossos entrevistados não detectamos propriamente uma visão de incapacidade, porém, cada um/a dos/as participantes mostraram-se limitados às suas áreas de atividades, o que explica, em partes, suas representações e práticas, ainda que demonstrem possuir uma visão mais ampla. Acabam por ter uma ação circunstancial, com práticas que atendam à realidade imediata de cada um, seja na escola, em casa junto à família, ou aos seus vizinhos, na empresa, entre outros. A busca de novos comportamentos e a influência de outros para tal, é uma das formas mais comuns de práticas entendidas como EA. O exemplo de atitudes, como não jogar lixo na rua e nos rios, não desperdiçar água, proteger a vida silvestre, aparecem por diversas vezes em nossas entrevistas, e, apesar de prefigurarem ações individuais, não podem ser descartadas como ações que promovem um certo tipo de EA, pois as questões ambientais são diversas e complexas, portanto, exigem ações diversas e complexas, que vão do individual ao coletivo e vice-versa.

As questões ecológicas, como já ditas, emergem num cenário mundial de freqüentes transformações, o que exige uma constante releitura de seus aspectos. Novas leituras pressupõe novas ações, o que exigem novas posturas dos atores sociais envolvidos. Não podemos descartar dentro de todo esse processo, as questões da identidade de cada indivíduo. Apesar de cada trajetória, analisada nesta pesquisa, ter um ponto de partida diferente no tempo e no espaço, em diversos momentos apresentam elementos muito próximos, até se cruzarem no curso de formação de educadores ambientais. A partir deste ponto, ainda que todos tenham participado das

mesmas atividades de formação no curso, a assimilação das informações ali obtidas não foram processadas da mesma forma. Estas informações e o conhecimento produzido pelo processamento destas, associado à formação acadêmica de cada um, acabam por subsidiar e nortear as práticas destes educadores ambientais. O meio em que se inserem e desenvolvem suas atividades cotidianas, servem como substrato para suas práticas. Apesar de possuírem uma visão ampla das questões ambientais, é no local, no “lugar” onde vivenciam sua experiências, que procuram exercer todo ou parte de seus conhecimentos.

Podemos utilizar as noções de “sujeito pós-moderno” de Hall (1992) e a “identidade de projeto” de Castells (2001), como uma leitura possível das identidades dos/as educadores/as ambientais. Enquanto o primeiro preocupa-se com a formação individual e as metamorfoses que as identidades sofrem com as transformações culturais, o segundo vem com uma noção de identidade coletiva, de grupo, que buscam a transformação da estrutura social, com base nos elementos de sua cultura. Este movimento indivíduo-grupo-indivíduo pode ser analisado nas entrevistas a partir daquilo que cada entrevistado/a revela como sendo ações suas, individuais, como as atitudes aprendidas com a família, o cuidar da casa, a valorização dos espaços naturais, da vida selvagem, que se agrega, aos valores do grupo em que vive, os valores aprendidos na escola, a sistematização de seus conhecimentos e a busca de sua exteriorização através de ações mais efetivas de intervenção nas questões ambientais. Além disso, o processo ainda leva em consideração a transmissão destes valores e atitudes (se é que valores e atitudes podem ser transmitidos) aos pares.

Muitas conclusões podem ser tiradas nas análises dos materiais obtidos na entrevistas, porém o que nos interessa nesta pesquisa são os elementos que nos dá subsídios para entender as diversas faces do/a profissional Educador/a Ambiental. Não é possível falar em identidade, mas sim, IDENTIDADES, visto as múltiplas experiências e práticas em que se inserem estes/as profissionais, envoltos nas mais diversas redes de informações e conhecimentos. Não é objeto de análise, desta pesquisa, dizer se é válido ou não, as práticas desenvolvidas por estes sujeitos, mas sim, buscar elementos

que nos ajudem a entender, pelo menos em parte, quem é, o que fazem, o que pensam e por que pensam, estes sujeitos denominados Educadores Ambientais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação ambiental é tema polêmico, mesmo no meio acadêmico onde se desenvolvem pesquisas e projetos da área e assim se denominam. Os profissionais que se envolvem nesta temática, os educadores ambientais, por assim dizer, ora tidos como visionários, ora como simples transmissores de conteúdos de Ecologia, vêm-se, muitas vezes, envoltos nas mais diversas visões e concepções de meio ambiente e de interesses, o que influencia diretamente em suas atuações.

Agora, quem é este profissional? O que pensa? De onde veio? O que tem feito?

Seja ele um professor, com a responsabilidade de desenvolver projetos que não foram por ele concebidos; seja um gestor em uma empresa, com suas políticas empresariais; seja um militante de uma ONG; um político; um líder religioso; ou um pai ou uma mãe de família; qualquer indivíduo tem uma identidade. E esta identidade não se constitui de elementos estáticos no tempo e no espaço, mas, antes, é passível de mudanças e rearranjos no decorrer da vida.

Os espaços e os tempos que habitamos desde nossos primórdios até o fim de nossos dias nos fornecem informações, nos proporcionam vivências, troca de experiências... e, assim, construímos o nosso “eu” e a nossa visão do “outro”, e reconhecemos quem sou “eu” e quem é o “outro”. Isto é fundamental em nosso processo de aprendizagem.

Estamos inseridos em espaços que são culturais e possuem seus aspectos naturais, sociais, políticos e econômicos; fazemos parte de uma grande massa com suas manifestações, hábitos, costumes e tradições, mas, essa coletividade não anula nossa condição de seres individuais, únicos, com uma trajetória própria e representações de mundo particulares.

Nossa “casa”, nossa “escola”, constituem pilares fundamentais de nossa construção enquanto seres humanos, participantes de uma sociedade com suas características, que nos influenciam e são influenciadas, num movimento constante de energia, conhecimento e construção da realidade.

O meio ambiente não se resume ao que se apresenta aos nossos olhos, às paisagens que se descortinam ao nosso redor, mas, extrapola nosso raciocínio e nos lança em desafios, cada vez mais complexos. Conhecê-lo requer olhar, antes, para dentro de nós mesmos e identificarmos quem somos. Nossa visão pode estar limitada a um mundo que construímos e nos interessa porque é o que nos identifica, enquanto profissionais. Quebrar barreiras, ir além das convenções pré- estabelecidas, questionar os paradigmas que sustentam as “verdades” vigentes, mostram-se necessários, constantemente, pois o mundo não dá uma “pausa” para se avaliar; o que se viu ontem, hoje já é ultrapassado e não espere revê-lo amanhã.

Mundo pós-moderno, velocidade descontrolada da tecnologia, desconstrução de paradigmas; crise ou resgate das identidades?

Tudo o que construímos até hoje é digno de ser avaliado e reavaliado e retomado, como parte fundamental de nossas identidades; nunca esquecidos.

Os autores nos quais buscamos subsídios para a fundamentação teórica deste trabalho, muitas vezes de correntes filosóficas diferentes, por estas diferenças, proporcionaram um leque maior de concepções, para uma temática que não pode ser analisada por uma única vertente filosófica, mas, antes, ao nosso ver, comporta um caráter multifacetado. Educação Ambiental e a formação do Educador Ambiental é um assunto complexo.

As entrevistas realizadas, ainda que sejam em pequeno número, nos forneceram subsídios para sistematizarmos nossas idéias e reflexões sobre as nossas hipóteses que fundamentam este trabalho. Podemos, portanto, afirmar que, o educador ambiental não se constitui somente por ter uma formação acadêmica, pois suas vivências assumem papel importante quando da escolha pela atuação na área ambiental. Então, a formação acadêmica reforça e sistematiza sua postura e conhecimento prévio sobre o assunto, que são construídos constantemente e no decorrer de sua vida, desde sua casa, passando pela escola e preparando-o para a vida, em seus múltiplos espaços e tempos, em suas múltiplas vivências; construindo e reconstruindo sua identidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora. In: COSTA, M.V. (org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP& A. 2003

AZEVEDO, J.G. de. A tessitura do conhecimento em redes. In: Oliveira, I.B.de e Alves, N.(orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes.** Rio de Janeiro: DP&A. 2001

BELLUZZO, R.C.B. A aprendizagem ao longo da vida: um desafio para a educação na sociedade do conhecimento. In: RIVERO, C.M.L. e GALLO, S. **A formação de professores na sociedade do conhecimento.** Bauru, SP: Edusc. 2004

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** 3ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994

_____ O Meio ambiente e a formação de profissionais de relações humanas e sociais. In: **Simpósio Estadual Sobre Meio Ambiente e Educação Universitária – Área de Ciências Humanas (1: 1988: São Paulo-SP).** Anais. SP: Secretaria de Meio Ambiente. 1989

CARDOSO, L.A.M. Formação de professores: mapeando alguns modos de ser professor ensinados por meio de um discurso científico-pedagógico. In: PAIVA, E.V. de (org.) **Pesquisando a formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A. 2003

CASTELLS, M. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura.** 3ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, vol.2 (O poder da identidade). 2001

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10^a.ed, São Paulo: Global. 2001

COSTA, M.V. A escola rouba a cena: um início de conversa. In: In: COSTA, M.V. (org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP& A. 2003

DA MATTA, R. **A casa e a rua**: cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco. 1997

FONSECA JÚNIOR, F.M. A incerteza do mundo e você amanhã... In: REIGOTA, M. **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A. 2001

GOERGEN, P. Ética e educação: o que pode a escola? In: LOMBARDI, J.C. e GOERGEN, P. **Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas**. Campinas,SP: Autores Associados:HISTEDBR. 2005

GUIMARÃES, M. **A formação dos educadores ambientais**. São Paulo: Papirus. 2004

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5^a.ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2001

MANHÃES, L.C.S. Rede que te quero redes: por uma pedagogia da embolada. In: **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes**, Rio de Janeiro: DP&A. 2001

OLIVEIRA, I.B. de, SGARBI, P. Imagens e aprendizagens cotidianas. In: _____(orgs). **Fora da escola também se aprende**. Rio de Janeiro: DP&A. 2001

PELICIONI, A.F. **Educação Ambiental: limites e possibilidades de uma ação transformadora**. 2002. Tese (Doutorado em Saúde Ambiental) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.'

REIGOTA, M.(2001) **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense. 2001

_____ **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez. 2002

_____ **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez. 2002

_____,M. POSSAS, R. RIBEIRO. A.(orgs), **Trajetórias e narrativas através da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A. 2003

SANTOS, M. O Meio ambiente e a formação de profissionais de relações humanas e sociais. In: **Simpósio Estadual Sobre Meio Ambiente e Educação Universitária – Área de Ciências Humanas (1: 1988: São Paulo-SP)**. Anais. SP: Secretaria de Meio Ambiente. 1989

TOZONI-REIS, M.F. de C. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. Campinas: Autores Associados. 2004

VALADARES, J. de C. Espaço-ambiente e comportamento humano. In: MELLO FILHO, L. E. (org.) **Meio ambiente & educação**. Rio de Janeiro: Gryphus. 1999

VALENTE, J.A. Educação ou aprendizagem ao longo da vida? **Pátio Revista Pedagógica**, Ano VIII, nº 31, Ago-Out/2004, p.12-15. 2004

VEIGA-NETO, A. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. In: In: COSTA, M.V. (org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP& A. 2003

APÊNDICE A

I – Entrevista/ Agrônomo

Formação e atividade atual.

Formado em Agronomia em Espírito Santo do Pinhal, com mestrado aqui (em Botucatu), na área de nutrição e produção animal. Estou trabalhando agora em minha academia de ginástica e também na Unesp, com pesquisa na área de parasitologia veterinária, que é uma porta que me abriu por causa do mestrado.

Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e o lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela.

Eu nasci em Botucatu; sempre morei no centro da cidade, estudei a maior parte de minha vida no Colégio La Salle. A partir do 2º Colegial até o 3º eu mudei para algumas escolas: Santa Marcelina, EECA, Anglo; dei uma disvirtuada até o 3º colegial. Me formei, fiquei dois anos parado e daí fui fazer faculdade; senti que era necessário estudar. Fora isso, na minha vida sempre fui... por ser Botucatu uma cidade bonita, um meio ambiente cheio de cachoeiras, matas, eu sempre andei bastante, sempre fiz caminhadas, pedalei bastante bicicleta por estas trilhas e isso me levou a fazer esse curso de Educação Ambiental. Tenho alguns amigos que trabalham com ecoturismo, então foi essa coisa, foi caminhando até que eu cheguei a essa formação de educador ambiental.

O que representou nesta fase de sua vida, a casa e a escola?

A casa é muito importante, a educação vem da casa e, a escola também; não se por ser particular... não acredito ter sido isso, mas mais as amizades dentro da escola também. Sempre fui muito ligado em esporte, minha família também, tanto que temos

uma academia. Um esporte não só indoor, mas também outdoor, o esporte ao ar livre. A maioria das minhas amizades também estão ligados a estes tipos de esportes; têm pessoas que participam até de competições, corridas de aventura, ecomotions, todas estas corridas. Então, quando eu não estou participando, que isso já exige muito, eu estou acompanhando na parte técnica. E a parte da educação é muito importante pela conscientização ambiental, principalmente.

Mas isso é da pessoa, da família, vem da casa. Tem muita gente que eu conheço que tem a mesma formação que eu e não tem tanta consciência do que é a natureza, o que está acontecendo, entendeu? Acha que jogar um lixo no rio não vai atrapalhar em nada, porque é só um lixo dele. Então acho que isso daí é bem de casa mesmo, tem que ter um alicerce bom, porque não é a escola que vai mudar isso.

Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?

Minha família foi sempre dona de terras, sítios, fazendas; sempre tive um contato grande com terras, por isso escolhi a área de agrônômica. Fui para lá (Espírito Santo do Pinhal), foram os melhores anos de minha vida, com certeza, como de todo estudante.

Espírito Santo do Pinhal fica na divisa de São Paulo com Minas Gerais, também um lugar muito bonito, como aqui, muitas cachoeiras; o povo lá diferente, tinha esse lance de natureza também. Então, eu continuei minha vida, o que eu fazia aqui, eu fazia lá também; não teve muitas mudanças, a não ser a liberdade, né, longe dos pais; isso aí engrandece muito o ser humano.

Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou este período para você?

Eu me formei e andei sempre muito ligado, trabalhei com ONGs aqui da cidade, até que abriu este curso. Por ser Educação Ambiental na UNESP, me interessei bastante. Pensei: “quem sabe é este o caminho, é o que eu gosto, mexer com esta

área.” Entrei no curso e foi muito bom, porque é diferente achar pessoas de todos os níveis, formações diferentes, idades diferentes, mas, a cabeça é a mesma, o mesmo sentido; foi bem legal.

Sinto muita saudade. Gostaria de fazer outro curso com essas mesmas pessoas, sabe, agora um mais avançado, porque não? Acredito que foi muito importante.

Não continuei na mesma área de Educação Ambiental, mas abriu portas para mim no mestrado dentro da UNESP também, com animais. Tentei entrar nesta área ambiental, área de conservação, não teve como; trabalho com pesquisa não é fácil, sem bolsa; eu tenho que caminhar mais para o lado que, digamos, a verba é mais para os educadores, entendeu, mas para mim foi ótimo.

Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?

Eu não diria que mudou, mas parece que aumenta a consciência da gente. Têm coisas que antes não percebia e hoje eu percebo; fazem parte dos estudos que nós fizemos. Eu acho que enriqueceu bastante minha formação, mesmo o que eu já disse, das diferentes idades, formações... foi nesse sentido que foi muito bom e abriu a consciência; lidar com pessoas, não só olhando o mundo em si, a natureza, mas todos os tipos de pessoas.

Para você, quem é o Educador Ambiental?

O Educador Ambiental não é uma pessoa que precise ter, em si, uma formação acadêmica. É uma pessoa consciente, é aquele tiozinho do sítio que corrige na hora que você vai fazer alguma besteira: “ah! Vou cortar isso aqui”; “não, não é assim ...” Acho que é aquela pessoa que está sempre cobrando uma postura correta do outro: no jogar o lixo, “hei, vamos jogar no lugar certo; aqui é o lixo”!; acho que este é o verdadeiro educador ambiental.

Você é um Educador Ambiental? Por que?

Com certeza, eu sou até chato com as pessoas. Cigarro no chão, não jogar papel de bala, eu estou sempre chamando a atenção, mesmo de meus pais, dos amigos, e não é fácil. Quem está nisso fica em cima das pessoas para que tenham esta consciência, fica cobrando. Você vê que não adianta muito, que nós temos que agir na base mesmo, com as crianças. Depois daquela coisa que se está velho, acostumado, é difícil mudar essa concepção na cabeça das pessoas. Mas, eu sou sim. Devido a isto, eu sempre estou visitando os lugares, parques e percebendo as mudanças, lugares que já fui a alguns anos e estou voltando... você vê que vai se deteriorando, mesmo tendo uma parte ambiental correta, trilhas, tudo certinho, você vê que vai se destruindo tudo com o tempo, mesmo tendo pessoas acompanhando. Eu acho que notando isso, pelo simples fato de se estar notando, acho que já é alguma coisa, uma consciência, e mostrando, pelo menos: “olha, eu conheci aqui assim (mesmo não fazendo nada), e agora está ‘assado’; era muito mais bonito antigamente”. Eu acho que era isso que as pessoas tinham que perceber e ver que está terminando, acabando.

Fazendo um balanço, como suas vivências todas, suas trajetórias mais formação acadêmica, influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

Praticamente o esporte é bem ligado à natureza, à qualidade de vida, e, qualidade de vida não é só viver em academia e fazer um esporte; sair e respirar um ar todo poluído de uma selva de concreto. Eu acho que é aí que entra a Educação Ambiental, porque você tem que sair num lugar livre de poluição. Não adianta estar com um corpinho sarado e andar num lixão. Mas eu acho que tem tudo haver, temos que tomar cuidado com o meio ambiente, estamos passando por mudanças radicais, todos estão percebendo e ainda há tempo de se fazer alguma coisa. Infelizmente não podemos esperar isso de nossos governantes, então, acho que cada um tem que fazer um pouquinho, que o resultado vai ser muito grande.

APÊNDICE B

II - Entrevista /Advogado

Formação e atividade atual.

Formado em Direito pela ITE de Bauru, fiz o curso de especialização em Educação Ambiental na UNESP e estou concluindo o curso de Tecnologia com ênfase em Transportes na FATEC. A minha atividade aqui na SABESP é relacionada ao patrimônio, ou seja, bens e imóveis, desapropriação de áreas, regularizações de áreas para a engenharia construir as obras.

Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e o lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela.

Eu sou natural de Botucatu, tenho 37 anos, resido lá no Jardim Paraíso. A minha formação, como já disse, é na área de Direito. Eu estudei em escola do governo toda a vida. Depois eu fui para o 2º grau, fiz a faculdade, voltei para a UNESP e agora estou na FATEC.

Eu lembro de minha infância, foi uma infância muito rica. A gente morava às margens do rio Lavapés. Naquela época o rio não tinha a poluição que tem hoje, os esgotos eram menores, não tinham lançamentos direto no rio. Hoje temos uma perspectiva maior, já está quase concluída a nossa estação de tratamento de esgotos, depois de muito tempo. Nada mais justo, o poder público fornecer esse tipo de serviço para a população que vai melhorar em tudo a vida das pessoas, a mortalidade infantil cai, as doenças hídricas vão ter um baixo índice.

O que representou nesta fase de sua vida, a casa e a escola?

Eu vou falar primeiro da escola. Como nós somos um pouco mais velhos, somos saudosistas; o mestre, o professor, ele tinha uma bagagem maior de experiência, no sentido de educador. Pai, mãe, as pessoas respeitavam mais os professores do que hoje em dia. Hoje, para o professor repreender o aluno, conforme for a sua indagação, ele pode até responder judicialmente, perante algum órgão competente: juizado de

menor, conselho tutelar, juiz da infância... O que eu me recordo, era uma aproximação maior, com um professor que nem era professor, era um pai, uma mãe; a gente chamava de mestre, mestra, pelo grau de importância que ele tinha e que as pessoas classificavam.

A minha casa no tempo de infância? Foi uma infância muito alegre, produtiva, e como eu já disse, a gente morava numa casa feita de tábuas, próxima ao ribeirão Lavapés. Haviam brincadeiras didáticas, brincadeiras assim, nada a ver como é hoje. As crianças hoje perderam aquela inocência, aquela brincadeira de criança com bolinha de gude, de amarelinha, trocando tudo isso aí por jogos eletrônicos, vídeo game, que por sinal é muito importante também, mas aquela inocência de criança de cantigas de roda, brincadeiras de corda, futebol no campinho no bairro, aqui hoje em dia não existe mais.

Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?

A escola se deu por eu gostar muito de História. Como na época, na minha cidade não existia curso de História, eu gostava de ler e identifiquei-me mais com o curso de Direito. Até na época eu fiz um teste vocacional e me direcionou mais para isso, para a área de humanas. Como agora na faculdade eu estou fazendo outro curso, totalmente o contrário, na área de exatas, tecnologia, eu tomei mais um desafio para mim; até resgatar um pouco daquele medo que eu tinha quando criança, da matemática e cálculos. Então, primeiro a faculdade de Direito foi mais por amor, foi por gostar. Essa segunda, está sendo, assim, para curar alguns medos que eu tive dessa matéria, como todo mundo tem, a matemática. Eu terminei a faculdade de Direito em 4 anos, gostava muito de Direito Civil, Direito Constitucional, principalmente Direito Trabalhista, que eu me identifiquei mais. Depois do término da graduação, fiz o exame da Ordem dos Advogados do Brasil, que me dá a habilitação para poder advogar. Advoguei bastante na área trabalhista, civil, inclusive aqui, na Sabesp, tanto por conta, desses que são autônomos, mas hoje eu estou voltado mais para a área de engenharia.

Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou este período para você?

O interesse pela Educação Ambiental surgiu na observação de mais indivíduos na sociedade. Pelo simples fato de uma pessoa estar no seu automóvel e lançar para fora um papel de bala, uma embalagem de cigarro vazia ou uma embalagem de chocolate. Eu prestava atenção nisso e não me conformava com certas atitudes que as pessoas tinham. Se é tão fácil você separar o lixo, você reaproveitá-lo, por que não coloca-lo no lugar correto. Então surgiu este exercício de cidadania, que é essa observação do errado e que os adultos principalmente praticam. Então eu entrei nesse curso de Educação Ambiental, mais com o intuito de educar, mostrar para as crianças, que só através delas nós atingiríamos o público adulto. Porque a partir do momento em que a criança está ali fiscalizando o adulto, o adulto vai ter vergonha de jogar um papel fora do carro ou jogar um lixo onde não é permitido. Então, a criança é um ponto principal porque a gente só atinge a consciência do adulto através da criança. O adulto, pai ou mãe, vai pensar assim: “olha, eu que tenho tantos anos, estou aprendendo com uma criança”... e ele vai se policiar para não deixar a criança se melindrar, não deixar a criança perplexa com o pai e mãe tomando aquela atitude.

O que me marcou mais no curso foram essas aulas com o Prof. Newton Dezzotti, de Direito Ambiental, porque até então, as técnicas de como você dar aula, as temáticas, os artigos, foram muito importantes, mas, o que focou para mim foi o Direito Ambiental. Porque, até então, eu sabia, por exemplo, eu vou fazer tal atividade ambiental ou outra atividade..., o que eu não sabia é se, eu não fizesse aquela atividade ou se transgredisse alguma norma de Direito Ambiental, o que aconteceria comigo? Eu teria que pagar uma multa? Teria reclusão? Teria que ficar em sursis? Então, foi isso que me marcou mais: as aulas de Direito Ambiental.

Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?

O que trouxe de novo é uma conscientização maior do que seja a Educação Ambiental, em si. Até nosso trabalho, teve diversas reuniões nesse sentido,

principalmente em coleta seletiva, separação do que é plástico, do que é aço, do que é vidro, separando todos esses subprodutos, do material orgânico. Então, teve uma visão maior, de não tirar mais da natureza, do que ela pode nos dar, e, sim, de aproveitar aquilo que já foi dado por ela. Então, essa visão foi uma das principais que eu tive depois do curso de Educação Ambiental.

Para você, quem é o Educador Ambiental?

Para mim, são todas as pessoas conscientes, que respeitam o próximo, que sabem até onde chegar, nos limites do outro, ou seja, aquelas pessoas que exercem sua cidadania, pessoas que não jogam papel no chão, não jogam lata de cerveja na rua, porque sabem o tempo que a natureza vai levar para deteriorar aquele papel, aquela lata de cerveja. Então, é uma pessoa que tem uma visão além do tempo dela, que pensa nas gerações futuras, que hão de vir. Todos nós somos responsáveis que meio em que vivemos. As pessoas deveriam se conscientizar mais e saber, principalmente, o quanto um aço, o quanto um plástico, um alumínio, um vidro, demora para se decompor na natureza, para não se tomar certas atitudes incorretas com o meio ambiente.

Você é um Educador Ambiental? Por que?

Eu acredito que eu seja, não só pelo curso, mas pela educação que a gente recebe, desde os primórdios, de nossos pais; esta conscientização, independe do curso de Educação Ambiental, que vem nos regando por toda a vida. Essa conscientização de não poluir o meio ambiente, de não repreender as pessoas, mas conscientizar, principalmente, as crianças e daqui para frente não poluir mais a natureza. Por isso é que eu digo para você que eu me considero, como nós todos devemos nos considerar Educadores Ambientais.

Fazendo um balanço, como suas vivências todas, suas trajetórias mais formação acadêmica, influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

Contribuiu muito após o curso de formação de Educação Ambiental, até, inclusive, a gente anteriormente possuía um projeto denominado “Novos Rumos” e dentro desse projeto havia um subprojeto de Educação Ambiental. A nossa função era, através de vídeos insitucionais, mostrar às crianças, conscientiza-los da importância de se preservar o meio ambiente, no que tange a água, que é um produto nosso, da natureza, e que é finito. Muito diferente do que se pregava anteriormente, que era infinita, ela é finita, ela pode durar 30, 40, 50 anos, mas ela é finita.

Como a gente passa para as crianças, a maioria do volume de água do nosso país se localiza mais na região Norte, ou seja, no Amazonas e seus afluentes. E esse trabalho de Educação Ambiental nas escolas públicas e particulares são muito positivos, porque as crianças poderiam observar o uso racional das redes de esgotos. Até policiando seus pais e irmãos mais velhos a usar devidamente o esgoto, pois se ele for mal utilizado, se for destruído, ele retornará a sua casa. Então, todo este trabalho junto às escolas, o que nos deu base foi o curso de Educação Ambiental, porque aprendemos de forma objetiva a montar o material didático nas aulas do professor Gilberto, aprendemos a trabalhar com multimídias e outros instrumentos tecnológicos de educação e foi muito importante nesse âmbito desse programa de Educação Ambiental para as crianças.

APÊNDICE C

III – Entrevista/ Profa. Matemática e Ciências – Coord. Pedagógica

Formação e atividade atual.

Formada em Ciências, licenciatura curta e plenificação em Matemática. Atualmente estou como coordenadora da EE Dom Lucio Antunes de Souza.

Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e o lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela.

Eu sou de Minas Gerais, do Triângulo Mineiro, Uberlândia. Fiz meu primário, na época chamava primário no externato e depois voltei para a escola pública onde fiz de 5ª a 8ª série; depois fiz o curso normal, na época, no Instituto Estadual de Uberlândia. A faculdade de licenciatura curta eu fiz na Faculdade de Nossa Senhora Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia; foi a primeira turma do curso. Não cheguei a exercer a profissão de professora primária na época. Casei-me e vim para Botucatu e por uns dez anos eu fiquei cuidando de filhos e não me dediquei à profissão. Tenho quatro filhos e quando o meu caçula, Gabriel, estava com dois anos e meio eu voltei a trabalhar. Aí comecei na UNIFAC, dando aulas de Ciências primeiramente. Comecei a me interessar por Matemática e comecei a dar aulas, também na UNIFAC. Logo após, iniciei minhas aulas na rede estadual, de Ciências e, por incrível que pareça as coisas foram me direcionando para a Matemática; fui tendo a oportunidade de escolher aulas de Matemática e gostei. A partir de então só dei aulas de Matemática. Fiz o concurso público e atualmente sou efetiva na mesma escola em que sou coordenadora pedagógica e acho que estou, vamos dizer, muito feliz por ter chegado até aqui.

O que representou nesta fase de sua vida, a casa e a escola?

Da escola eu não tenho muitos momentos gravados na memória. A minha casa era uma casa simples; eu sou a décima filha de meus pais, então, eu fui muito mimada. Era a caçulinha, tudo, mas eu me lembro que éramos muito felizes; vivíamos em

harmonia, não havia discórdia entre os irmãos mais próximos de minha idade. Era uma casa limpa; minha mãe sempre prezou pela limpeza da casa. Nós tínhamos um quintal enorme, com pomar, com frutos e, pensando agora, e imaginando como era, era uma casa limpa, não tinha entulhos, tinha um galinheiro no fundo do quintal, e a gente buscava ovos. Foi uma infância legal, gostosa, bem orientada.

Eu agradeço muito meus pais pela educação que eu tive. Eu acho que eles...eu acho, não, eu tenho certeza que eles proporcionaram o melhor.

E a escola... é uma escola de 1ª a 4ª série, tranqüila; até a 3ª série que eu fiz não tenho muitas lembranças significativas de como eram. Eu sei que nunca tive problemas para estudar, sempre conseguia ir bem.

Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?

Eu escolhi Ciências porque era um curso que estava bem ligado com aquilo que eu gostava, que era exatas. Como não tinha Matemática, então, eu tenho a impressão que minha primeira idéia foi fazer Ciências mesmo.

Era uma faculdade particular com professores excelentes. Atualmente, esse meu curso já está vinculado à UFU – Universidade Federal de Uberlândia; inclusive a uns anos atrás, nós fomos comemorar 30 anos de formados, e o curso estava ligado à Universidade de Uberlândia, já com o nome de Biologia, pois já não é mais licenciatura curta. Foi um curso bom, puxado, tinha um professor, me lembro muito bem deste professor – Lairton Neves de Miranda – que dava física para nós. Ele exigia pra caramba da gente e isso fez com que a gente se dedicasse muito aos estudos. Era um curso noturno, só tinha noturno na faculdade; bons colegas, fiz bons amigos lá; professores excelentes... correu tudo bem. Eu trabalhava para poder pagar a faculdade. Consegui uma bolsa de estudos; meia bolsa com a Lions Club; trabalhava na secretaria do Lions Club e tive a felicidade de contar com esta bolsa. A outra parte eu pagava com meu trabalho. Foi uma coisa assim; não foi fácil, mas vamos dizer, foi gratificante, muito bom.

Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou este período para você?

Eu sempre fui assim, preocupada com relação ao ambiente, então, independente de ter essa perspectiva de fazer o curso em Educação Ambiental, enquanto eu estava numa sala, eu sempre procurava levar essa conscientização para os alunos com relação ao ambiente, tanto do lar deles, como o ambiente na escola, e com relação ao planeta, então eu sempre, sempre a minha proposta era essa de trabalhar com eles a interdisciplinaridade, antes de conhecer essa palavra, como ela é falada e conhecida.

Quando eu tive notícias, através de um folder do curso, eu me interessei, me inscrevi e participei da primeira turma. curso, o que marcou este período para você?

Adorei fazer o curso; foi muito bom conhecer os professores, os colegas; foi uma turma muito legal, você sabe disso, você se lembra.

Ai eu falo de expectativa. Eu li a pouco tempo uma frase que a gente tem que separar expectativa de possibilidade. Quando a gente faz um curso e isso vai para a expectativa de poder transformar alguma coisa, você acaba se frustrando. Então, eu aprendi que eu estava com uma expectativa, depois que eu terminei o curso, de revolucionar, de transformar e eu me deparei com muitas dificuldades, muitas barreiras. Eu aprendi que se eu considerar a possibilidade de transformar pouco a pouco, eu não vou sofrer frustrações. Porque a expectativa chega num ponto que você sofre, a possibilidade não. Você sempre vai ter aquela possibilidade de poder fazer qualquer coisa, então, é em cima disso que eu venho me expressando, trabalhando. Quando a gente tem a fé só em algumas áreas de conhecimento, a gente pensa que é fácil transformar o mundo, mas se você tem dentro de si essa vontade, esse querer-fazer, você não vai conseguir mudar o mundo. Então, você tem que primeiro buscar o que aquele outro tem pra te oferecer e começar a trabalhar em cima disso.

Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?

Somou, porque é como eu disse, eu já tinha em mim esta preocupação, essa vontade de conhecer e tentar fazer com que outras pessoas também chegasse a esse

nível. Então, meu marido, por exemplo, ele tinha uma gaiola com um passarinho. Eu nunca gostei de ter uma gaiola com passarinho dentro na minha casa; isso, desde que ele arrumou a primeira gaiola. E eu falava pra ele: “não me faz bem, eu não gosto de ver um pássaro preso em gaiola.” E ele argumentava: “Não, mas se eu o soltar, ele vai morrer, porque ele já vivia em cativeiro, então, eu não estou prendendo um pássaro numa gaiola.” Eu pensava: “bem, se alguém tinha esse pássaro em cativeiro e você pega e continua mantendo-o em cativeiro, você está alimentando cada vez mais que as pessoas tenham pássaros em cativeiro para poder oferecer para outros.” É bonito? Olha o lugar em que a gente mora, olha quantos pássaros a gente tem; quanta natureza, quanta coisa bonita! Eu não preciso ter um passarinho preso em casa. Então essa certeza de querer fazer com que as pessoas tenham uma visão de liberdade, mas conscientemente, demora pra gente conseguir. Hoje eu não tenho, como você pode ver, passarinhos em casa. Mas é uma coisa assim, eu usei o exemplo do passarinho, mas, quantas coisas na natureza que a gente tem que não combina com a nossa forma de ver, que a natureza é livre. Então, vai formando, aquilo que eu vi no curso forma, inclusive na escola também, na orientação com os professores, com os alunos nos projetos também. Sempre que a gente tenta impor ou sugerir um projeto voltado para a Educação Ambiental, ele não concretizado. Então, a partir do momento que eu fui colocando algumas situações, na sala de aula, que eu já tinha esse hábito também, eu mesma agachava e pegava o papel que estava no chão; eu ia no vitraux e olhava por fora e estava os papéis que os alunos jogavam, eu, sem dizer nada, ia até lá, pegava, jogava no lixo. Isso motivou os professores para que comessem a fazer também. Então, muitas vezes um modelo, um exemplo, fala mais do que você estabeleceu num projeto. Agora, projetos são necessários também, para que você tenha organização naquilo que você está fazendo, mas é complicado. Eu considero muito difícil, e é uma coisa assim, que está caminhando, mas não é com aquela velocidade que a gente gostaria que fosse.

Para você, quem é o Educador Ambiental?

O Educador Ambiental começa do pai, da mãe, a própria criança, o inspetor do aluno, o funcionário da escola, alguém na rua que passa...O Educador Ambiental pode ser qualquer um e deve, deveria pelo menos, ser todos nós. Não precisa necessariamente ter um título. Agora, se você falar o profissional Educador Ambiental, aí esse tem uma responsabilidade muito grande porque além de ser o que todo mundo deve ser, ele tem que buscar mecanismos para que consiga solucionar alguns problemas, como é meu caso na escola. Eu me sinto responsável por muitas coisas, apesar de ainda não conseguir. Como profissional, com a formação de Educação Ambiental, às vezes me cobro muito por não estar fazendo mais do que eu deveria fazer. Aí eu começo a investir de novo, trabalhar de novo, a puxar para perto de mim aqueles professores que eu sei que vão corresponder ao meu convite; eu faço propostas, aos alunos também, convido alguns líderes de classe, que eu sei que posso contar e aí a gente começa a se envolver em algumas atividades voltadas para a conservação do ambiente.

Você é um Educador Ambiental? Por que?

Me considero, sim, porque eu estou o tempo todo fazendo com que através das minhas ações eu possa mostrar aos outros como a gente pode cuidar do meio ambiente em que nós vivemos, seja aqui em casa, seja com meus netinhos. Eu tenho uma netinha de 2 aninhos e ela pega papelzinho de bala e já sabem que não podem jogar no chão. Sempre eu estou tentando fazer a coisa da melhor maneira possível, não com perfeição, porque não somos ainda, mas sempre buscando por esse lado. Ou na escola, eu estou andando no corredor da escola, indo da minha sala para outra sala de aula, instintivamente, automaticamente eu me abaixo e pego um papel que está no chão. Eu não consigo passar por um local em que eu estou vendo que tem alguma coisa e não me abaixar, pegar e colocar no lixo; uma planta com galho quebrado, uma planta que está precisando de água, qualquer coisa, não é só em relação com a sujeira; qualquer coisa do ambiente. Me preocupo com a devastação, assisto, leio quando tem alguma reportagem na revista, eu mando e-mail. Sabe, então, todos os setores; eu

procuro, quando eu sei de cursos, palestras, participar, incentivar os alunos, professores a participarem também.

Fazendo um balanço, como suas vivências todas, suas trajetórias mais formação acadêmica, influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

Sim, porque é importante vir com a formação acadêmica. Se você não tem como, você pode fazer as coisas espontaneamente e pronto, é um trabalho individual. Agora se você estuda, se você tem acesso a esses trabalhos de outros que estão realizando, essa troca de experiências que o mundo acadêmico me oferece, aí faz com que você cada vez mais aja com propriedade, fazendo o que deve ser feito mesmo, com consciência de causa. Então, eu aprendi também com tudo isso, que as vezes eu me cobrava muito. Logo que eu terminei o meu curso de Educação Ambiental, eu fui como eu disse, com aquela expectativa, “eu vou fazer um projeto”... então, eu estava na coordenação de uma escola de 1^a a 4^a séries, já reuni os alunos, vamos dar um nome para o projeto, e os alunos falam assim: “SOS Planeta”. Começamos fazer reuniões e tudo mais... daí eu fui embora daquela escola. E aí? Será que alguém continuou aquele trabalho? Então, não basta você começar um projeto: começo, meio, fim e depois? A Educação Ambiental tem que ser para sempre. Então você assimila as informações que você tem e transforma isso em conhecimento para a renovação da vida ou você desiste.

Eu acho que o Educador Ambiental é exatamente esse profissional, aquele que realmente consiga transformar as informações em conhecimento, que faça parte do contexto. Então, as pessoas que convivem com você vão se lembrar que teve aquela pessoa que conviveu e que passou determinadas coisas e que incorporou no seu dia-a-dia, porque, tem que incorporar no dia-a-dia.

Aqui perto de casa esses dias, até há uma certa dúvida, não sei se você observou, tem um terreno ali que seria uma praça. Aqui cada morador cuida, por exemplo, minha casa é na esquina e tem um terreno aqui que eu sou responsável, no limite da minha casa.. Eu tenho que contratar jardineiro, ele cuida da grama, plantei

algumas árvores, porque aqui o bairro é novo. Mas ali, tem uma plantação de milho, onde deveria ser uma praça. Deveria ser arborizada, flores, plantas ornamentais e tudo mais, e plantaram milho. Eu como Educadora Ambiental, ainda não sei se isso é correto ou não. Não sei se esse milho no meio de um conjunto residencial pode trazer em questão ambiental: pragas, animais, aves? Quem teve a idéia de plantar milho ali? Eu acho muito estranho! Então, é uma coisa que está me intrigando e que eu vou atrás, saber o por quê aquilo está ali. Eu moro a um quarteirão de distância, mas eu passo por ali de carro e estou achando muito estranho aquilo ali, mas se tiver uma explicação lógica, dentro da questão ambiental, eu vou respeitar. Até o momento eu não sei, eu vou ter que pesquisar.

APÊNDICE D

IV – Entrevista/ Profa. de Arte

Formação e atividade atual.

Formada em Artes Plásticas e Artes Visuais pela FAAP/SP e atualmente dou aulas em escolas municipais de 5^a a 8^a. Séries e na rede estadual em Botucatu.

Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e o lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela.

Nasci onde hoje é a Faculdade de Agronomia de Botucatu (Fazenda Experimental Lajeado); fui criada num ambiente rural com muitas coisas boas. Minha primeira escola também foi na fazenda, de 1^a. a 4^a. séries... foi uma infância normal, brincando muito, tive um contato grande com o meio ambiente natural; contato maior porque era uma área rural. Depois fiz o que hoje é o ensino médio na Escola Industrial de Botucatu, depois me mudei para São Paulo e fiz a faculdade de artes. Depois de formada pela FAAP, voltei para Botucatu e fiz o curso de Educador Ambiental e comecei a dar aulas.

O que representou nesta fase de sua vida, a casa e a escola?

Traz recordações muito boas. O que tenho na vida hoje, foram ensinamentos que recebi nesta etapa da vida, inclusive isso se manifesta em minhas relações com as pessoas, naquilo que penso e minha formação, aquilo que tenho de mais essencial adquiri nesta época.

Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?

A escolha tem haver com a questão estética, que é algo que me interessa muito. Gosto muito de coisas bonitas, inclusive pensando na natureza, que é bonita, no sentido do perfeito, do ideal. Sempre me interessei por coisas belas e na faculdade, o que aconteceu de interessante foi poder vivenciar as experiências diante da vida e

aprender técnicas; se relacionar com as matérias e ter uma vivência no ambiente urbano. Mas também o que me interessou foi o contato com os materiais, aprender a respeitar os materiais, as possibilidades dos materiais e se relacionar com eles; também a parte intelectual que a gente busca pela vida toda, o conhecimento. Foi nesse período que comecei a me interessar por leituras mais profundas, mais abrangentes.

Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou este período para você?

Busquei este curso, porque justamente estava retornando para Botucatu, minha cidade natal, por ter nascido nas fazenda e ter esta preocupação com o meio ambiente, no sentido de preservação, na adequação do meio ambiente construído, ter relações saudáveis no meio ambiente construído e pelo fato de dar aulas para crianças de 5ª a 8ª séries, para conhecer um pouco mais alguns conteúdos... para poder trabalhar em sala de aula.

O que achei interessante foram alguns autores que foram trabalhados no curso; tomar conhecimento desses autores...

Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?

Mais acrescentou do que mudou, porque juntamente com aquele curso que eu já tinha, contava com o interesse e vivenciava esse tipo de proposta. O que aconteceu foi que na sala de aula estou trabalhando mais esta questão de meio ambiente; trabalhando mais para que desperte o interesse mesmo em ambiente construído; para que respeite os materiais e suas possibilidades.

Para você, quem é o Educador Ambiental?

O Educador Ambiental é aquele que respeita o meio ambiente e que tem com ele uma relação saudável. Uma relação saudável entendo, como você, cultivar e preservar.

Você é um Educador Ambiental? Por que?

Eu me considero uma Educadora Ambiental.

Fazendo um balanço, como suas vivências todas, suas trajetórias mais formação acadêmica, influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

Eu acho que nas propostas de trabalho que eu realizo com os alunos. É nesse momento que eu incluo a Educação Ambiental; no fazer, assim, dentro das propostas de trabalho com material, sempre tem um gancho da origem dos materiais, da história dos materiais. Eu também já trabalhei com xilogravura com alguns alunos da 8ª série; falei sobre a madeira, tudo o que está relacionado com ela; as possibilidades de uma árvore e como ela é organizada especificamente naquele trabalho, que a gente estava fazendo. Ainda tem as frutas, petróleo, é nesse momento que entra a Educação Ambiental. Ela está vinculada à origem dos materiais; eu uso este gancho para falar do meio ambiente natural.

APÊNDICE E

V – Entrevista/ Bióloga – Agente de Turismo

Formação e atividade atual.

Minha formação, sou Bióloga e Educadora Ambiental, mas trabalho como agente de turismo a vários anos.

Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e o lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela.

Eu nasci em Botucatu, sempre estudei aqui. Na realidade eu comecei no Grupo José Gomes Pinheiro, que era um quarteirão de minha casa; sempre morei no centro de Botucatu. Meu pai era ferroviário, então, em casa sempre o mais importante era o estudo. Então eu estudei, me formei, escolhi a profissão de bióloga, também porque na minha época, você não tinha outras opções em faculdades particulares, porque no meu tempo quase que não existiam, eram mais as do governo mesmo. Eu fiz cursinho em São Paulo, aqui em Botucatu, que no começo eu preferia fazer Medicina, porque também tinha uma idéia ainda errônea, e acabei fazendo Biologia Bacharelado; eu queria me voltar para a pesquisa. E foi assim: acabei entrando na Biologia bacharelado, e me formei em 1977, aqui na faculdade. Na época minha ideologia seria para a Saúde Pública, porque eu via que o índice de mortalidade infantil sempre foi , a fome, a desnutrição e a falta de saneamento básico. E eu achando isso, queria fazer Saúde Pública, exatamente por essa ideologia de tentar fazer alguma coisa para a sociedade; e foram vários anos de batalha nessa área, mas que, realmente, não acabou dando certo devido o que a gente acabou de falar, devido ao salário, a má remuneração dessa área, a falta de políticas governamentais, vamos dizer, para os agentes sanitários. Eu não falo de médicos, porque talvez eu teria que voltar, fazer uma medicina pra poder ficar nessa área efetivamente. Eu fui a primeira bióloga a entrar num concurso que houve na saúde pública, aqui no departamento, para biólogos; fui a primeira a entrar como estagiária remunerada, na época, de 1984 para 1985. Na realidade todos eram médicos e eles não sabiam o que fazer com a minha trajetória nesses 2 anos em

termos de currículo. Aí eu acabei até fazendo um parte que eu via, eu acho que eu “iluminei” bem até, uma trajetória de um biólogo na saúde pública. Nesse período eu fiz várias propostas, projetos que eu via que estava errado em termos de ação do médico na saúde pública. Por exemplo, eu passei 6 meses no Centro de Saúde Escola, e como eles não sabiam o que fazer comigo, por mim mesmo eu comecei a ver os resultados dos exames que eles pediam. 90% dos exames que os médicos pediam eram negativos. Então, eu concluí que o diagnóstico dos médicos, era baseado, simplesmente, num amontoado de exames; eles não diagnosticam mais pelo histórico da pessoa, o que a pessoa está sentindo e etc. Para mim eles estavam pedindo tudo para daí tirar uma certa conclusão. E nessa época eu propus um exame mais direcionado para quando houvesse, por exemplo, uma suspeita de verminose, assim se faria um exame parasitológico seriado, que seria mais viável do que pedir um exame desnecessário, principalmente para as crianças que iam até o posto. Na época eles gostaram desse meu projeto por ser um Centro de Saúde Escola; até ficaram de me contratar, mas não me contrataram. Aí, eu fui prestando os concursos do Adolph Lutz para ser pesquisadora em Saúde Pública. Eu fiz aqui em Botucatu, uma pesquisa orientada, na época sobre hepatite na cidade e já estava para publicar. Eu achei mais de 130 casos de hepatite na época. Eu ia de casa em casa, eles não tinham como me levar, muitas vezes meu marido me acompanhou com a perua da escola, porque faltavam pessoas disponíveis. Eu corria todos os laboratórios para ver todos os exames alterados para hepatite. Daí eu ia na casa de cada pessoa, fazia entrevista para ver como eles adquiriram a doença, se era hepatite A ou C, que é uma hepatite mais perigosa. Durante este curso eu tive aulas com médicos que estavam em formação; eu tive Ciências Sociais, que dado para a Medicina, eu fiz toda a parte de Saúde Pública. Dei aulas para residentes sobre hepatite, que eu fique *expert* nessa área. E nesse momento, quando eu estava terminando a minha bolsa, eu ia partir para a AIDS, que estava começando, e tinha as características iguais a da hepatite. Aí eles simplesmente acabaram com a vaga de biólogo, e eu fiquei praticamente na rua, porque não tinha como eu me manter, não tinha bolsa, não tinha nada. Eles realmente acabaram com a vaga de biólogo dizendo que saúde pública tem que ser só para médico.

Então, eu achei isso...foi assim uma virada na minha vida, porque eu com toda aquela vontade de fazer as coisas, vontade fazer uma pesquisa que eu possa aplicar daqui, você tem um resultado muito mais rápido. Eu acabei depois mudando totalmente de profissão, segui mais ou menos a que meu marido já estava, que é o ecoturismo. Hoje a gente está fazendo esse receptivo aqui em Botucatu, que é o passeio ecológico pela cuesta, e que todos esses cursos aí de grupo, eu vou para justamente falar ou dar uma noção da Educação Ambiental. Então eu abordo vários temas, assim, da água, do lixo, da mata e comparando com o que a gente tem e com o que nos deixaram; e isso é muito bom. Eu uso muito o nosso velho amigo índio, o indígena, para fazer isso; eu tenho aplicado da maneira que eu posso esses conhecimentos nessa área de Turismo, que é o Ecoturismo. Acho que hoje, o Ecoturismo, vem ao encontro dos Educadores Ambientais, à Educação Ambiental. Porque hoje tem várias pessoas que se dizem ambientalistas e tal, mas na realidade, na prática, eles não exercem suas idéias, vamos dizer assim. Então, eu acho que esse trabalho nosso de formiguinha, que é o que a gente faz em nosso entorno, no futuro ele valerá a pena.

Infelizmente, eu queria fazer isso, propus para várias escolas estaduais e até mesmo as particulares que teriam até um aproveitamento melhor, de se iniciar um curso, assim, de Educação Ambiental, ou então uma noção, de pelo menos eles levarem aqui nesse passeio, para que eles tenham uma visão diferente sobre o meio ambiente. Mas, infelizmente, hoje as próprias escolas estão voltadas para aos parques temáticos, tipo Hopi Hari, Playcenter e eles não estão preocupados. Eles estão ensinando mais, eu acho, se voltando para o consumismo. Então numa viagem eles consomem shopping, etc; em detrimento dessa que a gente vai dar uma visão não só da parte ambiental, mas também da nossa cultura, o resgate da nossa cultura, de nossa história. O que a gente fala aqui, é que a gente está em cima do Aquífero Guarani, que aqui tem a recarga. Aqui, a gente já tem o nosso roteiro que nós fizemos aí para a Faculdade de Agronomia, por exemplo. Então, eu acho que toda nossa contribuição, a gente está fazendo; infelizmente, hoje ainda, um trabalho de formiguinha, porque não há uma política, um incentivo que faça que as escolas se

interessem por esse tipo de roteiro, vamos dizer assim. Eu acho que isso, então, a minha ideologia não muda, eu sempre lutei pelas causas justas, não é. Eu continuo sendo a mesma pessoa, sempre.

O que representou nesta fase de sua vida, a casa e a escola?

Olha, eu acho que existem vários períodos, porque a escola naquela época.. você não tinha televisão, você não tinha nada; era na escola que você encontrava vários amigos, era onde você até brincava, porque a gente adorava, por exemplo, as aulas de Educação Física, que hoje eu vejo que o pessoal detesta. Mas era gostosa a aula de Educação Física.

Naquele tempo eu acho que eles incentivavam muito a cultura, porque eu me lembro que eu sempre participava de danças, por exemplo, era aniversário do EECA e tinha tipo de uma dança criada pelas professoras de Educação Física, assim, temática, sabe; às vezes de baiana, dançava um samba, outra vez era o cowboy, o bandido e o mocinho; então, eram coisas assim, diferentes, como um espetáculo.

Eu sempre gostei de escrever, e nós tivemos um professor de português muito bom na época, que era o professor Ari. Ninguém esqueceu que foi ele quem alavancou o Alcides Nogueira, que hoje está com a minissérie. Minha irmã foi ligada ao teatro;naquela época a gente fazia muitos jograis. Isso incentivou muito a gente na área de cultura e foi uma época que realmente marcou bastante no EECA. Nessa época a gente estava na 6^a , 7^a séries, já fazendo os jograis, se apresentando, cada um decorava; então, era um tal de decorar poesia para falar na frente...! Foi uma época diferente, com um ensino voltado para a cultura.

Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?

A faculdade, eu acho que foi uma outra época. Eu sempre participei do Centro Acadêmico Pirajá da Silva antigo; eu sempre fui muito ativa. Para tudo, estão, nós brigamos muito na faculdade pela melhoria do ensino. Eu participava de várias assembléias, sempre fui da diretoria do centro acadêmico na parte de Biologia e ao

mesmo tempo, sempre gostei da parte teatral. Então, concomitante, a gente fazia alguns eventos culturais, dentro do centro acadêmico e tal. Então, eu acho que a minha formação é, assim, bem abrangente.

Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou este período para você?

Eu acho que você se lembra da poesia que eu fiz no final do curso, não é? Eu acho que eu disse um pouco de tudo. Então, essa poesia que eu fiz, no final, porque eu realmente fiquei com saudades do curso. Acho, assim, que no começo, o curso estava muito voltado para a área dos educadores, então, o que eu senti, é que ele não abrangia a área que eu queria, pois eu sempre acreditei que a Educação Ambiental vinha ao encontro do Turismo. Então, eu fiz, primeiro pela facilidade de ser aqui em Botucatu; já com os filhos grandes, e também, pela vontade que eu tinha. Sou bióloga, então, gostava muito dessa área; eu queria aplicar mesmo, fazer. Eu queria até seguir, para você ter uma idéia, um Mestrado em Educação Ambiental, coisa que eu não consegui. Eu achava que depois desse curso, que era *Latu Sensu*, eu poderia ter alguma oportunidade também, como você está fazendo, só que nesta área não existem muitos cursos no Brasil, voltados ao meio ambiente e ao ecoturismo, entendeu? Eu procurei depois, ainda estou procurando um curso nesta área ou pelo menos próximo. Vejo muitos cursos nessa minha área, muito técnicos, ou mesmo de meio ambiente, também muito técnicos. Então, não existe no Brasil ainda, e eu achava que deveria existir, uma pós-graduação voltada para o ecoturismo. Não estou falando do turismo radical ou coisa parecida, mas ainda estou procurando. Eu até procurei uma pessoa, o qual me baseio no livro dela, “Turismo sobre pedras”, agora me fugiu o nome. Nesse livro, ela falava justamente disso, e, se u não me engano, ela dá aula na UNICAMP. E a gente tenta, mas eu acho que o departamento falhou no sentido dele não ter esse leque; que eles indicassem para nós podermos continuar uma formação mais abrangente de Educação Ambiental. Eu acho que muitas outras pessoas se voltariam para essa área. Eu acho que o que faltou foi ser criado um curso e não ter a continuidade dele; porque, acredito que a maioria de nossos colegas ficaram na profissão em que estavam, sem se preocupar. Acho que são poucos os que ainda têm

essa visão para aplicar no seu dia-a-dia. Acredito que a maioria é professor de escola e, então, de uma certa maneira, pode até aplicar, uma coisa básica; mas, eu acho que uma coisa mais abrangente, como essa minha pegaria uma boa parte da população. Então, até agora eu estou procurando uma pós-graduação, que eu possa me encaixar, porque, eu gostaria de dar aulas e de formar mais pessoas com essa visão que, não só eu tenho, mas também outras, nessa área de Turismo e do o ambiente que é uma coisa que anda junto com a outra.

Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?

Olha, eu acho que principalmente a sensibilidade, que, como eu falei, os profissionais hoje, você pode pegar um médico, um engenheiro, que as vezes não têm esta noção; eles não tratam o meio ambiente com a mesma visão que a gente ficou. Acho que foi mais a sensibilidade, várias coisas que a gente estudou, que fez com que, pelo menos, aqui, dentro de minha casa todo mundo é ambientalista, todo o mundo tem esta visão; já começou em casa, essa sensibilidade.. E mudou porque, eu mudei também, o estilo do turismo que a gente sempre. Nossa agência já fazia este turismo receptivo e eu acabei dando este enfoque mais detalhado sobre o meio ambiente. Realmente não dá para você, numa viagem de um dia, dar uma Educação Ambiental completa, mas acho que as noções... tem que especificar, sensibilizar, e é o que eu estou tentando sempre, sensibilizar o turista pra esse fato.

Para você, quem é o Educador Ambiental?

Acho que pessoas que têm esse mesmo pensamento. O Educador Ambiental, ele tem que ter esse pensamento de mudança, de conscientização das pessoas e, ser realmente, posso até chamar, de um grande político, um idealizador. Mas eu acho que tem que por em prática; não adianta você falar sou Educador Ambiental e não colocar isso na prática. Se não essas coisas vão ficar pra você e você não vai formar outras pessoas, ou pelo menos conscientizar outras pessoas no sentido da preocupação com o meio ambiente.

Então, eu costumo fazer um trabalho, quando eu falo alguma coisa, meio de choque, pois a maioria das pessoas não sabem que existe só 1% de água potável no planeta. Então, só choca as pessoas quando eu falo da água e de outras conseqüências. Eu sempre gosto de falar que a próxima guerra do Bush, vai ser pela água. Como a gente está falando sempre do aquífero Guarani, antigo aquífero Botucatu, já existem uns israelenses engarrafando a água ali na Argentina ou no Uruguai, lá para baixo, com o nome deles. É o que está acontecendo muito no Brasil, você vê, ultimamente fizeram, acho que o nome da rapadura, não sei que país pegou o nome, até o governo ia entrar na justiça... então, eles estão registrando o nome e de repente, o nosso aquífero, que é o maior potencial de água potável do mundo, vai acabar na mão de estrangeiros. Aí nós vamos ter que comprar água deles, que está em baixo de nosso país.

É uma coisa que eu falo muito para que as pessoas fiquem sabendo, que isso não são coisas que saem em jornal, não são muito comentadas. É muito difícil eu ver algum detalhe na televisão, a não ser na Cultura, que tem o Repórter ECO; aqueles programas voltados para essa área. Mas, na grande mídia, as pessoas não vêem esse tipo de debate. Então, eu acho, não sei, talvez reunir os únicos que ficaram nessa prática e de repente fazer alguma ação, sabe, tentar, eu sei lá... Hoje existem muitas ONGs, mas essas ONGs, eu já sei que a maioria delas estão comprometidas com estrangeiros, por causa do dinheiro. Eu não acredito muito nas ONGs. A gente pensou até em criar uma ONG para fiscalizar outras ONGs, porque hoje elas estão voltadas, aqui mesmo em Botucatu, existem algumas que estão vivendo com dinheiro estrangeiro, sem fazer nada. Então eu acho que isso é uma coisa que a sociedade tem que saber, tem que se debater mais e reunir mais pessoas, assim, pra que se tente mudar alguma coisa, fazer algum planejamento.

Eu estive no Rio Bonito e fiquei pasma, pois o lixo que vem pelo Tietê está parando ali no Rio Bonito. Então, você vê de tudo nas margens da represa. Eu pensei o seguinte: uma coisa tão simples que a Prefeitura poderia fazer, pegar pessoas, que existem inúmeros desempregados lá, humildes, fazer ali uma reciclagem de lixo, uma cooperativa de reciclagem, aproveitando o lixo que está no rio. Além do rio ficar mais bonito, ficar limpo, eles colheriam material, olha...toneladas de materiais. Eles vêm de

São Paulo e vão ficando na margem ali, vai parando ali. Então, só que isso não adianta, não existe política pra isso, é uma coisa que entristece a gente, porque, de repente, a gente como Educador Ambiental aqui, poderia até fazer alguma coisa, que os políticos não fazem. Então, é isso o que eu vejo, ficou horrível, é deprimente você passar ali e você ver de tudo o que você possa imaginar na margem do rio. Então, eu acho que meu pensamento é esse, mas aqui eu praticamente fico sozinha, por que, quem é meu parceiro? Com quem eu vou? Sou autônoma, não tenho nenhum órgão governamental, nenhum órgão público, então não posso propor muitas coisas, assim, em termos, mas na medida do possível a gente faz; eu e o Fernando, meu marido.

Você é um Educador Ambiental? Por que?

Acho que foi de tudo isso que eu falei, não é? Eu me considero, porque no meu dia-a-dia eu vivo fazendo isso. Eu critico quando posso; a gente vê aqui dentro, com os próprios olhos que deveriam fiscalizar muitas coisas, que a gente vê errado, que a gente pega, mas a própria promotoria não faz nada, isso a muito tempo. A gente vê a devastação, assim, correndo solta; cada vez que você sai por aí, porque a gente sai muito aqui, pela região, cada vez mais aumenta a monocultura – a cana-de-açúcar, a laranja; eu estou vendo sempre animais mortos na estrada; a gente encontrou com cobras, falando daqui, do Rio Bonito, pelo menos; a gente já encontrou com onça, esses dias, ali no trevo da Marechal Rondon. A onça estava magra, entrou ali; quer dizer, logo iria ser morta, atropelada, porque está faminta; eles vão queimando, queimando... cada queima, eu conversei com as pessoas que estão lá plantando cana; eles plantam e fica aquela empreiteira ali, pra fazer tudo. O que morre de cobra, onças, tatus, outros animais em extinção, estão morrendo direto! Então, o ecossistema está cada vez mais piorando. A gente fica querendo batalhar, mas você não tem uma pessoa que você fale:” olha, vai lá fiscalizar, não deixa fazer isso, barre tal coisa, entendeu?” Ou conscientizar as pessoas, mas, eu já falei, ali só daria certo como essa da reciclagem do lixo do rio, que eu acho que daria alguma coisa. E são ações assim que, eu sozinha, não vou conseguir. Veja esses fiscais técnicos do IBAMA, que estavam em completo acordo com os madeireiros. Então, a Amazônia está indo direto; cadê a política do governo para aplicar? Eu acho que está na hora de alguém se mexer;

aos poucos, os Educadores Ambientais que existem, deveriam se unir e fazer alguma coisa, mais criteriosa, porque o negócio está avançando de segundo em segundo. Então, é uma coisa que entristece a gente. É uma proposta que fica no ar.

Fazendo um balanço, como suas vivências todas, suas trajetórias mais formação acadêmica, influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

Olha, eu acho que é a própria formação, porque se eu fosse depender, por exemplo, dos meus pais... meu pai é filho de italianos e minha mãe é filha de sírios; na cultura deles não tinha nada haver; tanto que eu me lembro que meu pai caçava. Eu acho que essa formação foi dos próprios professores que eu tive, porque, naquela época, a gente se virava muito sozinho, não tinha a quem recorrer. O que eu sou hoje, acho que devo à minha formação que eu fui adquirindo ao longo dos anos. Não falo nem de amigos, nem nada, mas eu acho que já é uma ideologia que você vai adquirindo no decorrer de sua vida. Por exemplo, eu tenho uma ideologia diferente das minhas irmãs; cada uma tem sua formação. Eu sou bem radical, porque eu acho que tudo o que eu pensei, até hoje, tentei colocar em prática. Eu acho que a formação mesmo, veio da própria educação que eu tive, na época, nas escolas.

Eu estudei em escolas públicas, só que naquela época, o EECA era uma excelente escola. Fiz o científico, depois peguei parte do colegial, quando começou o colegial, fiz cursinho e me voltei para essa área. Mas eu acho que a leitura também é muito, e eu sempre lia. E eu acostumei meus filhos; todos têm o mesmo pensamento. A minha filha mais velha se formou agora em Turismo, mas pretende fazer eventos e a do meio fez, Propaganda e Marketing e já trabalha também, numa empresa americana. A minha pequena, eu acho que tudo a ver, ela está com 15 anos, ela escreve muito bem, também. Ela fez um artigo de Filosofia o ano passado e foi publicado na revista do La Salle nacional, que era voltado à política, do jovem ligado à política. Então, eu acho que a formação delas, e isso foi se incentivando mais na pequena, está até fora do consumismo. Ela luta, por exemplo, com os amigos, contra o McDonald's. Ela leu artigos sobre isso, então ela não come mais nada no McDonald's. Eu acho que isso já é uma herança que a gente já deixou, porque ela luta fielmente; tanto que ela está

querendo fazer jornalismo, ligado à área da política, porque ela já não concorda com um monte de coisas. Pela idade dela, 15 anos, eu acho que ela está até meio fora da adolescência, apesar de gostar de tudo o que um adolescente gosta; ela curte rock, por exemplo, mas nessa parte de lutar pelas coisas que ela acha errado, ela está lá. Também em relação ao meio ambiente, ela respeita demais; ela vive procurando passar isso para os colegas. Então, você pega os lixinhos que estão nos bolsos, não joga lixo na rua de jeito nenhum, então...eu acho que a formação é tudo, e começa, de alguma forma, em casa. Mas, no meu caso, eu acho que... lógico, tive uma boa formação em termos de ser honesto, mas na área de formação ambiental e da formação também ideológica, eu adquiri mesmo, com a vivência.

APÊNDICE F

VI – Entrevista/ Biomédico

Formação e atividade atual.

Como formação universitária eu sou Biomédico, só que nunca exerci minha profissão, mesmo; eu atuei mais como Biólogo. Eu comecei minha atividade, digamos assim, ambiental, trabalhando como Biólogo, quando eu trabalhava na CETESB, em 1975, e desde então, eu nunca mais parei como ambientalista, propriamente dito. Eu me especializei mais em análise de água quando trabalhei na CESP, para controle dos reservatórios da empresa, que na época eram 24. Eu era encarregado de controlar a qualidade da água, com o intuito de repovoar os reservatórios com espécies nativas de peixes; uma atividade que perdurou até a privatização em 1999, propriamente.

Como experiência profissional também, apesar de eu ser biomédico, trabalhando como biólogo, eu fiz mestrado em Agronomia.

Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e o lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela.

Eu nasci numa cidadezinha pequenininha chamada São Pedro do Turvo, aqui no estado de São Paulo mesmo; fica ali entre Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo. Talvez, por isso, minha atividade ambientalista tenha sido já, desde esta época, desenvolvida. Tinha muitas coisas relacionadas, porque era uma cidade pequena, não tinha asfalto na época em que eu morava lá, não tinha praticamente nada dessas coisas, então, a nossa atividade era mais rural. A gente era campestre, vivia nadando no rio, correndo atrás de passarinho, fazendo um monte de algazarras. E nós, desde pequenininhos, a minha turma, sei lá, a minha gang, vamos chamar assim, já éramos preocupados com isso, então... tinha uma cachoeirinha lá, queríamos preservar esta cachoeirinha, os peixinhos que haviam lá... enfim, talvez esta seja uma das coisas que vem enraizadas em mim. Depois, meus pais também, não vou dizer que eram ambientalistas, mas em termos, entre parênteses, eram.

Minha mãe sempre foi de reaproveitar coisas, reutilizar, nunca foi de jogar plástico no rio; desde pequenos aprendemos que não devemos jogar lixo, não devemos contaminar a água... estas coisas vêm vindo, eu estou transmitindo para os meus filhos também; estou tentando. Então, esta seria talvez, conseqüências de minha formação.

Eu também fiz o primário lá em São Pedro do Turvo; tenho boas lembranças de lá. Aí, com 10 anos de idade, eu vim interno para um colégio aqui em Botucatu, em 1958, num internato, porque em minha cidade não haviam escolas ginasiais. Eu vim para ser interno aqui no colégio, que na época era de padres; não era nem La Salle ainda, era Diocesano, depois virou Arquidiocesano. Minha irmã veio para Colégio Santa Marcelina, e eu e meus primos todos para o Arquidiocesano.

O Arquidiocesano, naquela época, já desenvolvia atividades ambientalistas. Por incrível que pareça, não se falava, nesta época, de ecologia, mas já fazíamos algumas coisas: recuperação, limpeza, limpeza da piscina, plantio de árvores... quantas árvores plantamos naquele colégio! E tinha o seminário também, que era ao lado do colégio, com um vasto terreno. Tinha um monte de seminaristas naquela época, então, havia uma integração, entre eles e o pessoal do internato. As atividades que tinham oriundas daquela formação eram muito boas. Eu me afeiçoei a este tipo de comportamento, por isso é que eu me dou bem em todo o lugar, faço amigos, não tenho grandes preocupações, digamos assim, financeiras, de busca de poder, etc., meus sonhos são mais limitados.

Terminei o ginásio aqui em Botucatu; tentei e fiz a faculdade aqui também, que na época era a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas. O meu intuito era continuar Medicina, por incrível que pareça, porque a Biomedicina, na época, lhe dava a alternativa de continuar. Mas cheguei no último ano, eu estava fazendo estágio e um médico da faculdade, que foi meu orientador, me ofereceu uma bolsa da FAPESP para fazer mestrado na USP, no antigo Instituto de Energia Atômica (IEA). Aí foi o interiorano, nunca havia ido para São Paulo; fui lá concorrer com um monte de gente e pasme, fui muito bem classificado. Comecei fazer o mestrado no IEA, mas aí, como faz parte da vida, já estava namorando, queria me casar; meu orientador falo-me que iria demorar para me contratar aqui, não sabia como iria ficar no futuro, se a bolsa iria

continuar...conclusão: larguei aquela pós graduação e me aventurei na vida profissional.

Aí fui trabalhar: trabalhei um pouco na 3M do Brasil, no departamento de marketing, onde desenvolvi um trabalho muito bom com os vendedores. Era um departamento novo na empresa e me incumbiram de treinar os vendedores de materiais cirúrgicos. Foi uma atividade bonita; participei de muitas cirurgias, porque, nós entrávamos na sala cirúrgica mesmo, eu e mais alguns vendedores, para treina-los e usávamos os equipamentos da 3M para mostrar aos técnicos, como se deveria vender o material. Os médicos, então, utilizavam nossos equipamentos, aparelhos, etc. Foi um período bom, mas não era isso que eu queria; meu negócio era outro.

Saí da 3M e fui para a CETESB, onde trabalhei uns bons tempos também. Lá comecei a desenvolver minha atividade ambientalista. Depois de algum tempo na CETESB, um conhecido meu me chamou na CESP, dizendo que estava fazendo entrevistas pois estavam montando um departamento de meio ambiente na empresa. Eu fui entrevistado lá, e o cara me incumbiu de montar um laboratório de limnologia, para análise das águas dos lagos. Ele queria montar um laboratório destes em Promissão. Lá fui eu; morei de 10 a 15 anos em Promissão. Fui um dos pioneiros na CESP neste sentido; um trabalho bonito.

A CESP começou um trabalho pioneiro no Brasil; não tenho nenhum desmérito em dizer que eu fui limpador de ralo de usina. Um dos trabalhos que nós fizemos, pioneiro, foi o salvamento de peixes quando se fazia a para das máquinas. A cada 10.000 horas na CESP, em que uma máquina funcionava, nós parávamos para fazer a manutenção e, nesta parada, eles fechavam as comportas á jusante e à montante, e os peixes ficavam presos lá. Morriam toneladas e toneladas de peixe. Aliás, existia até um mercado paralelo disso. Lá em Jupia, por exemplo, morria Pacu, Pintado... e o pessoal da empresa vendia. E nós, começamos a fazer esse tipo recuperação, salvar os peixes. Como que nós fazíamos?

O projeto da usina nunca contemplou o salvamento de peixes; era para morrer mesmo. Em Ibatinga, nós temos histórias na CESP, que fedia a quilômetros e quilômetros o cheiro daquele peixe podre; o pessoal passava na estrada e sentia

aquele mau cheiro. Nós entrávamos lá para baixo, onde passava a água, naquelas câmaras e íamos resgatando os peixes, em tambores de 200 litros, para cima, com um guindastezinho, e jogávamos depois na parte de cima dos reservatórios. Era um trabalho indescritível! Ficávamos dias lá dentro, mas era um trabalho salutar. Começamos fazer isso rotineiramente. Cada vez que a CESP ia para as máquinas, nos avisavam, então, nós tínhamos uma equipe já de prontidão ali. Fizemos salvamento de peixes em praticamente todas as usinas da CESP.

Para você ter uma idéia, Itaipu, na época, veio copiar de nós o que fazíamos, porque lá também morriam muitos peixes. Foi um trabalho pioneiro. Hoje, quer dizer, antes da privatização, porque hoje em dia eu não sei como está, pois já me aposentei, nós conseguimos, depois de muito tempo, mudar a cabeça dos engenheiros. Cada vez que fechava, então, as comportas da CESP para fazer a manutenção nas máquinas, eles faziam lá uma jogada, que não ficava quase água e nem peixes dentro do reservatório. Então, isso é Educação Ambiental: você mudar o comportamento das pessoas.

Engenheiro nunca gostou de meio ambiente e nós, na CESP, conseguimos mudar uma cabeça. Puxa vida, a CESP era fortíssima na área de engenharia e nós conseguimos mudar o comportamento da cúpula que fazia os projetos de engenharia das usinas. Depois de muitos anos, os engenheiros estavam caminhando lado a lado conosco e não morriam mais peixes nos reservatórios da CESP. Isso é Educação Ambiental: você mudar a cabeça das pessoas, conforme você precisa fazer preservação do meio ambiente. E quantas outras coisas mais nós fizemos nesta CESP! Eu me orgulho de ter participado dessas atividades.

Atividades, por exemplo, vou te adiantar alguma coisa, atividades de meio ambiente que nós fazíamos com pescadores. Era papel nosso? Não, não era, mas nós fazíamos. Aqui, no reservatório de Barra Bonita, tinha uma colônia de pescadores, no rio Piracicaba, que nós acabamos ficando amigos deles. Eles pescavam peixes em malhas que eram proibidas, em determinadas épocas e nós mostrávamos para eles que não podiam fazer isso, porque estavam prejudicando a eles próprios. Conclusão: eles ficaram tão amigos nossos que, cada vez que nós íamos fazer coleta de água no

reservatório, nós parávamos para almoçar com eles lá. Bem, enfim, virou uma família. Isso é Educação Ambiental, entendeu? Essas atividades ambientalistas acabam se tornando assim..., você acaba ficando amigo de quem prejudicava, desde que você lhe dê as condições necessárias, adequadas para ensinar o que é bom e o respeito. Você não vai explicar, você vai mostrar a ele que o que ele está fazendo está sendo ruim para ele mesmo.

O que representou nesta fase de sua vida, a casa e a escola?

Eu praticamente fui criado sozinho. Vim interno para o colégio com 10 anos de idade, então, o que eu me lembro, posso dizer é o seguinte: minhas dúvidas escolares eu tinha que esclarecer com meus amigos mesmo; pai e mãe estavam longe, não estavam presentes naquele momento. Então, no meu caso, a minha casa... eu já mudei, me separei de meus pais aos 10 anos de idade; só voltei a viver com eles cerca de 6 anos depois. Meus pais se mudaram para Botucatu depois, em 1961; então, eu fiquei de 1958 até 1961-62 longe deles, quer dizer, só os via eventualmente, nas férias, feriados, etc. Mas, eu diria para você, mais importante para mim, na minha formação profissional, foram meus professores e meus colegas.

Eu tive um professor, por exemplo, que hoje Botucatu recebe o nome dele na praça e na escola, Pedro Torres. Pedro Torres foi meu professor de matemática, e eu, para variar, todo ano ficava de segunda época, que tinha naquele tempo. Cada vez que eu entrava na sala lá, com ele ele falava: “oh! Celso, você aqui de novo?” Quando me formei no ginásio, foi ele quem me entregou o diploma da 4ª série ginasial, hoje 8ª série. Eu tenho uma lembrança espetacular desse professor! Ele foi como um pai; cada vez que eu encontrava com ele na rua, ele só faltava me abraçar e beijar. Então, é isso que eu falo; eu resgato estas coisas de minha formação pelos professores que, foram mais do que fraternos, eles foram, digamos assim, paternos. Eles me ensinaram a dividir... talvez porque eu fosse pequeno, 10,11 anos; então, professor é isso também, além de “ensinador”, educador, ele tem que ser amigo, sabe. Hoje está faltando talvez, a gente percebe, um pouco disso. Talvez pela violência, sei lá; hoje em dia é diferente. Se o professor for muito amigo, sei lá, é capaz dele virar traficante junto também (risos).

Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?

Esse período meu de faculdade foi um período tumultuadíssimo. Entrei na faculdade em 1968; época em que a atividade estudantil aqui em Botucatu era coisa terrível. Nós éramos muito, digamos assim, politicamente bem... nós tínhamos uma meta do que queríamos; nós não brigávamos por picuinhas. Haja visto que hoje, por exemplo, nós temos o Milton Flávio (Deputado Estadual), que foi presidente, na época em que eu estava lá, do Centro Acadêmico Pirajá da Silva. Então, nossa vida estudantil não se limitava em só sentar-se na cadeira e ficar; nós tínhamos atividades políticas muito grandes. Eu participei de várias atividades políticas na época, uma delas foi quando veio... como se chamava o governador?... Abreu Sodré. Ele veio para Botucatu e, naquela época a faculdade estava pleiteando um monte de coisas e o governador não dava nada para nossa cidade. Nós demos uma “salva de ovos”... jogamos, não só eu, mas vários estudantes que estavam lá, tantos ovos no Abreu Sodré que, o mesmo tirou tudo de Botucatu na época: delegacias regionais, correios, etc., foram todos para Bauru. Ficamos muito a dever para Botucatu, não é? (risos). Mas foi uma época salutar; criei bons amigos nessa época; fizemos excelentes participações. Nossa vida estudantil não se limitava à sala de aula, tínhamos muitas atividades práticas. A faculdade estava começando; eu sou da 5ª turma de Biomedicina; 5 anos não é nada para uma vida acadêmica de uma faculdade. Portanto, quando você me pergunta o porquê da escolha dessa profissão, eu, na realidade queria fazer medicina, mas como todo jovem, na época eu não sabia direito o que eu queria.

Eu fiz o teste vocacional e deu para eu ser engenheiro. Falei: “como ser engenheiro? Eu não gosto de física, de matemática...” Aí fui tentar Medicina. Não consegui entrar em Medicina, mas entrei em Biomedicina, que naquela época tinha uma lista de espera, e eu acabei ficando nela. Acabei cursando e, na realidade, a Biomédica dava para, depois de formado, continuar em Medicina. Tenho muitos colegas que fizeram isso; hoje são médicos. Mas eu, como já disse, no último ano, me ofereceram uma bolsa para eu desenvolver um projeto, que na época era uma assumidade, chamado de radioimunoensaio. Você vai falar, o que é isso?

Radioimunoensaio mexia com isótopos e nós queríamos desenvolver a técnica. Hoje em dia isso é feijão com arroz, mas na época era uma coisa que estava engatinhando. Nós queríamos fazer isso com ratos, dosar hormônios de crescimento. Aliás, tem o Pedro Achilles que é médico na faculdade, que desenvolveu uma tese sobre isso, na época, sobre esta pesquisa. Minha bolsa na FAPESP era sobre esta pesquisa; era sobre o radioimunoensaio que eu iria trabalhar no Instituto de Energia Atômica. Então, minha formação acadêmica começou e eu perdi aquele ímpeto de fazer medicina.

Eu comecei a gostar de pesquisa e de outras atividades que eu participava ali. E porque eu me voltei para a Biologia?

Quando eu fui trabalhar na CETESB, comecei a ter essas “pontadas” de ambientalista e eu comecei a gostar. Na CETESB eu estava trabalhando como biologista, sendo que eu era contratado com biomédico; eu trabalhava num laboratório de pesquisa na CETESB. Aí, eu comecei a sair a campo, junto com os biólogos e meu lado biólogo começou a surgir aí. Eu comecei a gostar mais de ficar em campo, do que propriamente em laboratório; foi aí que começou minha atividade ambientalista. Praticamente toda minha vida profissional eu vivi em campo. Eu abri peixe para ver o que ele comia; fizemos levantamento de espécies junto à Universidade de São Carlos, que tinha um professor na época, que pegava peixes exóticos para catalogar; nós fizemos levantamento de todos os peixes que existiam nos lagos da CESP. Hoje estão tentando fazer isso em vários lugares, mas aqui, no estado de São Paulo, foi um trabalho inédito e muito bonito.

Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou este período para você?

Bom, por que eu fui fazer Educação Ambiental?

Eu comecei fazer Educação Ambiental aqui porque este curso estava sendo oferecido na época e eu achei interessante; nós vimos que poderia acrescentar mais de informação; eu acabei gostando do curso.

O que marcou mais no curso foram as atividades práticas que nós fizemos: nós fomos conhecer o morro do Japi, nós fizemos um levantamento junto com aquela professora, conhecemos o rio Pardo, fomos visitar locais e, enfim, essas atividades que

fazem com que um ambientalista ponha a mão na massa e veja o que está acontecendo; essa tem que ser incorporado mesmo. Aliás, uma das coisas que eu sempre falava no curso, com o Prof. Gilberto e até com o Prof. Renato, era por que não existia uma integração aqui, na própria faculdade? Por que nós, que fazemos um curso de Educação Ambiental não vamos ao Lajeado (Faculdade de Ciências Agrônomicas) para ver as atividades que eles fazem lá, voltadas para o meio ambiente? Mas existia um lado obscuro das coisas que a gente não sabia e fica sabendo depois. Alguém não se dá com alguém, um professor de lá tem ciúmes porque você está fazendo isso e o outro não...Não deveria ocorrer isso; deveria ocorrer uma integração. O ambientalista que está fazendo Educação Ambiental ele tinha que conhecer os meios que a faculdade poderia oferecer para ele se tornar um bom profissional. Porque o ambientalista, o professor, sei lá o quê, o técnico que vai sair daí treinado em Educação Ambiental, ele precisa de ferramentas para poder, às vezes atuar. E estas ferramentas não fica só na boca, na vontade, você tem que ter meios. E quais são os meios? A própria universidade deve oferecer esses meios.

Eu gostei do curso de Educação Ambiental; além do grupo de amigos que foi muito bom de conhecer, a faculdade me proporcionou ainda mais conhecimento, principalmente de coisas que eu não conhecia, que não tinha muito achego, como a parte filosófica, da pedagogia, que são mais achegadas a vocês, onde a gente vê meios de se chegar numa criança. Aliás, algumas técnicas aí –que eu fui presidente da ONG “SOS Cuesta” de Botucatu, logo depois do curso – e algumas ferramentas da Educação Ambiental nós usamos para trabalhar com crianças. Nós fizemos plantio de árvores no ribeirão Tanquinho... é interessante a gente abordar este aspecto, que a gente não discute, fica só guardando. Essa pergunta sua vem a calhar. O curso lhe dá condições de desenvolver uma série de coisas, mas ele tem que oferecer outros meios, outras ferramentas, do que estas que acabei de mencionar, coisas práticas.

Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?

É uma pergunta muito interessante, porque aqui em casa, se você visse as mudança que aconteceu...! Eu sempre fui ambientalista; minhas crianças cresceram me

vendo assim. Aqui em casa nós mudamos nosso comportamento; minha esposa que nunca ligou para isso, tornou-se também uma ambientalista. Hoje ela faz separação de todo o material; quando não passa o pessoal para coletar aqui, ela coloca ali fora tudo separadinho, vidro, plástico, etc., fora as coisas que ela reaproveita. Então, em nossa casa nós fizemos um elo, digamos assim, entre nós, a educação e o meio ambiente. Não só em minha casa, mas, minha família praticamente mudou com isso aí; eu consegui fazer todo mundo ficar “cri-cri” com relação ao meio ambiente. Aqui na vizinhança, meus irmãos, todos fazem isso, na casa de meu sogro, todos fazem isso. Então, foi o curso que me fez isso? Provavelmente ele veio somar as coisas; ele organizou mais a minha cabeça. Eu já era ambientalista, sim, mas o curso me propiciou mais uma organização. Então, realmente, foi salutar.

Para você, quem é o Educador Ambiental?

O Educador Ambiental realmente é um desafio. Quem é?

O ser humano desde que ele veio a face da Terra, ele só veio para destruir. Quer dizer, de cada 1.000 seres humanos na face da Terra, você acha 1 que quer preservar. Essa estatística minha é chutada, tá? Mas, vamos dizer assim, só para você entender meu raciocínio; de cada 1.000 seres humanos, 1 quer preservar, os outros querem destruir. Destruir de diversas formas, seja por ganância, seja por hábito, seja por má educação, ou, sei lá, seja por retardamento mental da pessoa. Mas de cada 1.000, 1 vem defender e é um número pequeno se você parar para pensar. Então, você pega países, como os Estados Unidos, que praticamente manipula o mundo, são contra a preservação ambiental, porque a ganância, a economia fala mais alto do que a preservação. Então, quem é o Educador Ambiental?

A família; para mim, é a família; começa aqui. O pai, a mãe, quando vêm as crianças, começa a educar; você tem que criar. Quando você está viajando, seu filho chupa uma bala e joga o papel pela janela do carro, é um gesto tão insignificante, no entanto, isso repercute bem: “filho, por que você jogou? Por que não pôs aqui, no saquinho, para jogar depois, lá em casa?” Você vai à praia e vê aquele monte de crianças comendo espiga de milho, comendo bala, chupando sorvete e jogando papel na praia, jogando aquelas coisas; você, pai, teria a obrigação de falar: “filho, coloca aqui

no saquinho, depois nós jogamos fora.” Agora, esse pai que está fazendo isso, teve esse ensino também? Provavelmente não.

Então, quem são os maiores Educadores Ambientais? São os próprios pais, eu diria isso. A escola só vem acrescentar, vem somar ou reforçar. Você chega numa favela: o cara não pode ser um ambientalista morando na favela? Pode sim. Poderia chegar pra dona Maria do lado ali, que está jogando lixo dentro do rio, que depois quando chove, inunda sua casa e ela fica reclamando do prefeito, do governo e tal. Por que lá não pode ter um ambientalista? Então, o que eu estou querendo dizer para você é o seguinte: o ser humano, ele tem que ser formado desde pequenininho, de uma forma a preservar o ambiente, etc. Depois que ele chegou num estágio da vida dele, não se faz mais nada. Você vai achar os “Chicos Mendes” da vida aí, tudo morto, porque não tem mais o que fazer; porque depois que ele começa a brigar, vem um fazendeiro troglodita e mata, porque o cara não foi criado para isto.

O que eu quero reforçar com você é o seguinte: o Educador Ambiental para mim, seria a família; começar da família. Agora, para você começar da família, alguém tem que começar; o pai, a mãe tem que ter também este gesto. Eu tenho este gesto, mas meu pai, se não tivesse essa formação, ele não iria passar para mim. Conclusão: hoje, eu também seria um tapado, em termos ambientais.

Quando você constata, por exemplo, aqui na minha vizinhança, você vê de vez em quando, um vizinho pegando lixo e jogando no meio da rua; já passou o lixeiro, então, por que ele pôs o lixo lá? Daí você chega e fala para ele: “ô fulano, você não sabe que o lixeiro passa às 7:00h da noite? Por que por o lixo às 10:00h da manhã?” Ele pode dizer: “Para não ficar lá em casa, fedendo.” “Então, você tem que se programar e antes do lixeiro passar, você põe o lixo para fora.” Isso é uma forma de você educar uma pessoa, quer dizer, não são todos que vão aceitar. Tem um deles que já me agrediu, verbalmente: “o que você tem com isso?” Quer dizer, é exatamente isso a colocação do ser humano: ninguém tem o direito de interferir na vida dos outros. Mas, desde que o que você está fazendo, não esteja interferindo na minha. É difícil, viu! Mas eu continuo insistindo; a Educação Ambiental tem que começar na casa.

Você é um Educador Ambiental? Por que?

Bom, eu me considero tal, como Educador Ambiental. Eu sou chato em termos de preservação de bichos, de árvores. Agora, eu educo? Procuo educar.

Como já falei para você, a minha família, pelo menos, ouviu muito das coisas que eu tinha a dizer. Pasmee..., a minha sogra, que já faleceu, aproveitava muito as sementes, fazia mudinhas. Hoje eu saio com a minha mulher e ela é a primeira a pegar ipê, aqui na rua Costa Leite, que tem os ipês centenários; quando caem, as mudinhas brotam na calçada; minha mulher é a primeira a pegar. Você pode me perguntar, mas, quem ensinou à ela? Posso te dizer que fui eu mesmo. Isso é um tipo de Educação Ambiental. E ela passa isso para os outros.

Então, nós já fizemos centenas de mudas de ipê ao longo desses anos todos; botamos em saquinhos e de, de vez em quando, nós saímos plantando por aí. Então, o exemplo é uma forma de Educação Ambiental. Você falar, é uma coisa, agora, mostrar é outra. Eu me considero um Educador Ambiental, diria, nato; eu já nasci com esse espírito.

Fazendo um balanço, como suas vivências todas, suas trajetórias mais formação acadêmica, influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

A minha geração, praticamente, viveu numa época conturbada. Começou-se falar em Ecologia a uns 20 anos atrás, e foi exatamente a época em que eu comecei a acompanhar as coisas. Aqui mesmo, em Botucatu, o bairro onde eu moro, terminava na ponte, ali em baixo. Hoje, a cidade se estendeu para tudo quanto é canto. Eu cheguei a nadar no rio Tanquinho quando eu era moleque. Então, todas essas coisas vão se somando; a vida é uma somatória de coisas; quanto mais você participa, mais você aprende sobre a vida.

Então, nós cidadãos, participantes de uma comunidade, nós temos por obrigação participar de todas as coisas que existem. Não vou dizer tudo, porque você não consegue, mas, você participando de algumas coisas você consegue somar ensinamentos; conhecimentos de coisas que você precisa. Como eu sempre fui participativo, o meio ambiente veio incorporar na minha vida dessa forma. Você pode

falar,mas, do que você participava? Eu participei desde de plantio de árvore na escola, até dar palestras.

Para você ter uma idéia, quando eu estava lá como presidente da ONG, convidaram-me para dar palestras. Eu montei ma palestra daquelas terríveis! Como aquele filme “O dia de amanhã”, eu preparei uma palestra catastrófica. Não foi nada chutado, eu pesquisei; fiz todas as transparências, baseado em dados que estavam nos jornais; usei literaturas; revistas. Disse para todos que provavelmente a gente lê, mas não percebe as coisas que estão escritas. Mostrei a desertificação tomando conta do mundo; o Brasil, mesmo, vai se tornando um deserto, daqui a alguns anos, se continuar desse jeito; 40% do nordeste está indo para o “beleléu”, outro tanto no Rio Grande do Sul... dados assim, que sai no dia-a-dia nosso e nós lemos e tudo fica por isso mesmo.

APÊNDICE G

VII – Entrevista/ Sociólogo – Coordenador Pedagógico

Formação e atividade atual.

Eu fiz Ciências Sociais, e fiz alguns cursos de extensão na UNIFAC – Geografia, História Oral – e fiz aquele curso na UNESP de Educadores Ambientais. Atualmente, nesse último ano, por exemplo, eu dei aulas no Ensino Fundamental de História em uma escola e de Geografia em outra; sou professor-coordenador da EE Dom Lúcio Antunes de Souza no período noturno.

Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e o lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela.

Eu nasci em uma família de professores. O Euclides de Campos, que dá nome ao Cevila é meu avô. Minha mãe foi professora. Eu nasci numa fazenda, mas fui registrado em Cerqueira César (SP), então eu me considero de Botucatu, porque eu vim para Botucatu com 01 ano de idade e fiz toda minha vida aqui. Estudei aqui no EECA, no La Salle, no Cevila e fiz Ciências Sociais no Colégio São Luís em São Paulo. Trabalhei no Bradesco, um banco particular, durante 25 anos, mas como eu sempre gostei de escola, quando saí do banco, ao invés de procurar outro banco, eu procurei uma escola.

Vivendo assim, na família em que eu vivia, sempre houve uma preocupação muito grande com a política; era uma família muito politizada, muito religiosa, muito preocupada com justiça social, com a pobreza... então minha infância foi mais ou menos assim, aqui em Botucatu.

Me casei muito jovem, fui para São Paulo, trabalhei em banco; lá fiquei por 20 anos e trabalhei na Camargo Corrêa também. Trabalhei mais no banco, por cerca de 25 anos. Hoje tenho 4 filhos e 4 netos.

O que representou nesta fase de sua vida, a casa e a escola?

A minha ligação com a casa e com a escola sempre foi muito grande. Como minha mãe era professora, meus tios eram professores, meu avô era professor, minha

família inteira era de professores, eu já vivia numa casa que desde pequenininho já ganhava livros. Mesmo antes de ir para escola, já ganhava livros de presentes. Morava numa casa em Vitoriana; uma casa, assim, de fazenda, onde minha mãe foi dar aulas, e não tinha casas para alugar, então, a gente foi morar numa casinha, assim, de sítio praticamente.

Foi uma infância muito gostosa, vivia no meio do pomar; minha mãe criava alguma coisa, lá, para vender. Tinha criação de porcos, de galinhas... foi uma infância muito boa, em Vitoriana. Mas tive muito ligado com escola.

A gente veio para Botucatu pois minha mãe foi transferida para dar aulas no EECA. Eu sinto, assim, a escola, quase como uma igreja, e, às vezes, eu estou passando em frente ao EECA, daí eu faço o sinal da cruz. Então, para mim, a escola representa assim uma coisa quase sagrada.

Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?

Bom, a escolha foi o seguinte: eu fiz Ciências Sociais, mas a idéia mesmo era fazer História. Fiz Ciências Sociais porque era uma faculdade próxima, era uma faculdade boa – o Colégio São Luís – era próximo onde trabalhava, no banco, em Osasco e essa escola ficava na Paulista; para mim ficava muito fácil. A escolha é porque eu sempre gostei de História. Uma vez, inclusive, eu fiz vestibular, aqui na UNIFAC, para Estudos Sociais e passei em primeiro lugar. Fui lá ver o resultado e comecei a ver da metade para baixo e não vi meu nome. Um amigo que estava comigo disse: “Olha aqui...” e apontou o primeiro lugar. Sempre li muito História, sempre me interessei muito por política e o curso que eu fiz foi ótimo. Os meus professores, em sua maioria, eram da PUC. O meu professor de Política era diretor da PUC, era professor do mestrado; então, eu tinha professores excelentes. Peguei aquela época da revolução. Houve aquele grande problema na PUC, que a polícia andou batendo em gente lá. A minha escola estava no meio e eu não fui por um acidente; eu estava explicando algumas coisas para uma meninas que estavam de 2ª chamada e acabei não indo com o pessoal. Mas, toda aquela época foi muito boa, muito interessante; foi a

época mais produtiva de minha vida. Estudava, era um bom aluno, ainda dava tempo de ir ao teatro, lia muitos romances e foi ótimo.

Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou este período para você?

Eu acho Educação Ambiental primordial; acho que tinha de ser falado muito mais do que é na escola, porque a natureza está aí, os problemas ambientais estão aí, esse clima louco que a gente está vivendo, é ou não é? Com toda essa variação eu acho que a Educação Ambiental é primordial. Então, quando saiu este curso na UNESP e a gente morando aqui, não tinha como não fazer. Até mesmo antes de fazer o curso, a gente sempre discutiu sobre isso aí, sempre conversou sobre isso na escola, em casa, na rua, em tantos lugares, porque eu acho extremamente importante. E o curso foi muito bom, não é?

Porque, você lembra, a gente teve professores excelentes, como a Marília, alguns que vieram depois; alguns jovens, lá, que trouxeram tantas coisas interessantes para a gente e, para mim, foi muito bom, tanto para minha vida como professor, e até como cidadão. Esse curso que eu fiz deu mais suporte para a gente poder até falar alguma coisa, dialogar, colocar alguma questão e foi muito bom.

Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?

Eu diria que somou muito. É claro que muita coisa mudou porque muita coisa a gente não conhecia, por exemplo, muitas coisas que a gente viu lá, muita orientação que a gente teve, trabalhos que tentamos fazer; aprendemos que nunca devemos fazer mas, deixar que a comunidade faça, deixar ela se sentir importante; eu acho que isso foi primordial. Geralmente quando a gente vai fazer alguma coisa, a gente faz, toma tempo e muita coisa que a gente viu, veio assim como novidade. Mas muita coisa somou e a gente já tinha essa preocupação, não é? Então, eu acho que é muito bom.

Para você, quem é o Educador Ambiental?

Olha, o professor é o Educador Ambiental, a mídia poderia ser uma Educadora Ambiental muito mais do que é; os pais, porque as crianças aprendem se a gente ensinar. Às vezes os meus vizinhos aqui, eu chamo a atenção deles, não como professor, quando percebo que chupam sorvete e jogam papel no chão; “não faz isso, a rua vai ficar suja...vê se pega isso daí.” Hoje mesmo eu encontrei uma vizinha; ela tomou o sorvete e foi segurando o papel na mão, sem falar nada; ela ia depois jogar aquele papel. Eu acho que poderia ser muito mais, não é? Eu acho que do jeito que a gente tá, hoje em dia, tem muita gente jogando coisas na rua, até aqui perto de casa o pessoal joga muitas coisas na rua, nos terrenos baldios. Nós temos um terreno baldio ali, você está vendo, aquele terreno é do correio. Só que o correio vem aí, e deixa um monte de lixo; é um absurdo. Então, falta ainda muita legislação; eu acho que deveria ter aí até uma legislação mais rigorosa. Porque muita gente conhece, e por que que não faz? Como eu estou falando, o correio vem com uma perua aí e despeja um monte de lixo neste terreno, porque o terreno é deles. Está errado!

Eu acho que numa cidade como Botucatu, o prefeito deveria chamar os padres, os pastores protestantes, entendeu, e falar para que os padres falem disso nas missas e os pastores nos cultos para que não joguem lixo nas ruas, que depois vai para os rios, vai contaminar, etc. Na escola a gente tem campanhas, depois, para de falar. Agora, acho que cabe também a nós professores, principalmente. Você falou no início de nossa conversa que isso aí é uma questão política, que a Educação Ambiental é uma questão política, e não tenha dúvida que é, então, importante também a população saber, certo?

A mídia não vai falar isso nunca; eu acho porque a mídia está muito presa com alguns grupos. Mas acho que os professores deveriam falar muito sobre isso com os alunos para eles perceberem que isso é uma questão política e que alguns países poluem porque têm interesse e não concordam em diminuir essa poluição. É o caso lá do problema de Kyoto com os EUA. Eles se recusam a participar de alguma ação porque eles estão muito mais preocupados com os lucros das empresas de seu país. Acho muito importante que os nossos alunos saibam isso aí; isso é papel do professor.

'Você é um Educador Ambiental? Por que?

Eu não sou um Educador Ambiental. Eu tenho uma boa noção, eu fiz o curso, mas eu acho que poderia ser mais do que eu sou. Eu sempre procuro, tanto dando aulas de História como de Geografia, falar de Educação Ambiental; mesmo dando aula de Sociologia, que é minha matéria... tenho poucas aulas de Sociologia. Mas, por exemplo, eu dei aula de Sociologia em Pardinho, em Conchas e propus para os alunos alguns trabalhos voltados para a Educação Ambiental; sobre a história da cidade, falando dos monumentos históricos das cidades deles. Então, eu não perdi o compromisso com o curso e com aqueles alunos que já tinha antes do curso, embora eu acho que poderia fazer mais; um educador ambiental mais atuante. Por isso não me considero um Educador Ambiental, pois, poderia estar fazendo mais.

Fazendo um balanço, como suas vivências todas, suas trajetórias mais formação acadêmica, influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

Eu acho que influencia porque aquilo que a gente havia discutido: sai com minha neta para tomar um sorvete aqui perto e ela veio com papel na mão. A gente passou perto de um lugar, próximo ao Chailot que estava todo sujo, cheio de capim e eu mesmo falei para Bárbara: “joga aí, ta sujo mesmo”. Ela ficou brava comigo e nem ligou: “Vou jogar lixo na rua?” E veio até em casa com o papel de sorvete nas mão e aqui ela jogou no lixo. Então eu acho que as crianças atendem. Os pais ensinam, a família ensina e eu acho que aprendi desde pequeno. Vai passando para os filhos, os filhos vão passando para aos netos e depois é todo um processo, não é?

O lugar que eu fui criado, independente de ter tido uma infância pobre, sempre foi falado sobre isso. Eu acho que influi sim, minha criação, a escola, os professores que eu tive desde o primário, a 5ª série do fundamental, que naquela época era a primeira do ginásio e mais o curso, é claro, outros cursos que gente fez. Eu acho que alguns programas, até da mídia, da televisão, por exemplo, os programas da Cultura também ajudam a gente a formar, mudar de opinião, a ter uma opinião desses problemas. Mas é todo um processo, sim, que vem, vem, vem da infância, sem dúvida.

APÊNDICE H

VIII – Entrevista/ Prof. Geografia – Gestor Ambiental

Formação e atividade atual;

Formação: Geografia – Unifac; Gestão Ambiental – Unilins;

Especialista em Educação Ambiental; Atualmente cursando MBA em Gestão Ambiental.

Atividade atual: Supervisor Ambiental na Empresa Centroflora em Botucatu.

Fale-me sobre sua vida: onde nasceu, cresceu, sua casa e lugar da infância, sua primeira escola e sua trajetória por ela;

Sou nascido na cidade de Maringá-PR, aos 05 anos me mudei para Botucatu (terra natal dos meus pais), sempre cresci num ambiente cercado de matas, árvores, terrenos enormes, sítios, e sempre em contato com animais.

Diferente de Maringá, Botucatu possuía (pois houve grande mudança na cidade desde 1974) rios onde ia com amigos pescar, até que por ter o tímpano rompido, deixei um pouco esse lazer, jogava bola em campo de terra, vivia brincando em árvores.

Minha primeira escola foi a EEPG José Gomes Pinheiro (hoje delegacia de ensino), estudei até a 3ª série, depois mudei para a EEPG Martinho Nogueira, onde fiz a 4ª série, de 5ª à 8ª série estudei no Pedretti Neto, fiz colégio Técnico em mecânica na Industrial, onde após isso fui trabalhar na ferrovia paulista (Fepasa) por 13 anos.

O que representa(ou) nesta fase de sua vida, a casa e a escola?

Como disse anteriormente, por ter tido uma infância com bastante liberdade, apesar de sempre vivermos com dificuldades financeiras, consegui estudar e tinha sempre e principalmente o ombro e a criação amiga de minha mãe, pois meu pai era um tanto rígido, o que de certa forma as vezes acabava nos acuando.

A escola sempre foi um local onde tinha algo novo para assimilar, não cheguei a ser um aluno exemplar (principalmente nas primeiras séries), após ingressar no colégio industrial, passei a ver o ensino com outros olhos, pois fiquei 05 anos sem estudar em razão de trabalhar na ferrovia, quando voltei a estudar não parei mais.

Formação acadêmica: como se deu a escolha, o que marcou sua passagem pela faculdade?

Minha formação acadêmica foi bem interessante, quando fiz cursinho, meu objetivo era fazer Engenharia Florestal, porém ao passar e ficar na lista de espera e não ser chamado, coloquei como segunda opção, a Geografia, pois o meu objetivo era trabalhar com o meio ambiente, e a Geografia de certa forma me deu esse embasamento, e vejo ainda uma grande vantagem nesta formação, ela me deu um conhecimento amplo dos diversos seguimentos, sejam eles na área humana, sejam eles na área ambiental.

Na época trabalhava na ferrovia ainda, e era uma época de transição e o período em que vivíamos era de privatização, não tínhamos idéia do que iríamos viver, diante disso, achei melhor me preparar para o mercado de trabalho e ter uma formação universitária.

Formação em Educação Ambiental: como surgiu o interesse pelo curso, o que marcou esse período para você?

Após sair da ferrovia com uma indenização um tanto gorda (para um jovem de 26 anos), achei que o melhor investimento que podia fazer para mim era, aprimorar meus conhecimentos e focar os meus objetivos enquanto outros queimavam o seu dinheiro com carros, mulheres e coisas sem nenhum valor, via que a melhor coisa que podia me dar era o conhecimento, já que tinha essa tendência em trabalhar na área ambiental, tinha que conhecer a fundo e na época veio a calhar o curso de especialização em Educação Ambiental, foi um período de grande aprendizado e principalmente de novos horizontes a serem explorados, uma vez que o meu conhecimento profissional num ambiente totalmente formatado para a educação, me fez ser um diferencial dentro do curso, pois comecei a traçar um perfil que iria no futuro fugir totalmente da tendência daquela clientela de alunos do curso, pois como disse eu vinha de uma empresa

grande (ferrovia com visão empresarial) num ambiente totalmente voltado a educação (pessoas ligadas diretamente a salas de aula).

Neste período tracei meus objetivos e busquei formas de alcançá-los.

Após o curso, o que mudou e/ou somou às suas concepções, em seu trabalho, em seu cotidiano particular, família, etc?

Como coloquei a pergunta anterior, estava desempregado, fui atrás de uma empresa com um projeto de implantação da educação ambiental num ambiente industrial, onde essa proposta seria o meu objeto de estudo para a minha monografia, onde apresentei essa proposta a empresa Centroflora, e ali comecei a trabalhar, onde estou até hoje.

Conseqüentemente tudo o que me cercava (família, cotidiano trabalho) mudou, minhas concepções relacionadas a empresa, meio ambiente teve uma brusca mudança em razão da própria ideologia que os diretores da empresa defendiam, e que acabava calhando com os meus propósitos.

Diante disso foi um grande passo para meu aprimoramento e minha ascensão dentro da empresa

Para você, quem é o Educador Ambiental?

Educador Ambiental para mim é o profissional que trabalhará através do uso de seus conhecimentos e informações na conscientização das pessoas (apesar que esse termo muito usado não concordo muito) porém muito mais na mudança de hábito de sua clientela (seja ela de escola, trabalho, universidade, centros, etc).

Ela levará conhecimentos a essas pessoas para que elas consigam modificar seus hábitos diários em prol de um meio ambiente mais equilibrado e em prol de uma população mais ciente do seu papel na sociedade.

A sua arma é a quebra de paradigmas e conceitos pré concebidos.

Você é um Educador Ambiental? Por que?

Sim me considero além de um ambientalista um Educador ambiental, pois ações em prol da defesa do meio ambiente, tem que estar atreladas a transmissão de

conhecimento, é um dever do cidadão ser um educador ambiental seja ele formado ou não, pois a educação ambiental tem que estar caminhando em paralelo com a cidadania.

Em resumo todos somos um pouco educadores ambientais.

Fazendo um balanço, como suas vivências todas, trajetórias mais formação acadêmica influenciam suas concepções e seu trabalho como Educador Ambiental?

Se uma criança for “adestrada”, a gostar da natureza ela gostará da natureza, se ela for “adestrada”, a degradá-la, será perfeitamente normal a ela quando adulta, derrubar uma árvore ou caçar um animal, ou até jogar resíduos em rios, parques, etc.

A minha infância tem um papel extremamente preponderante para a minha formação como cidadão (a educação familiar é o alicerce da formação de um cidadão) o meio ambiente externo influencia e muito, mas não modifica totalmente, principalmente se essa educação familiar foi eficiente.

Sempre tive uma aversão ao abate de pássaros, nunca matei passarinhos apesar de possuir estilingue, meus amigos o faziam, o que fez com que a minha ação fosse diferente de meus amigos? Minha formação familiar, sabia que um pássaro poderia significar a morte de outros, pois poderia ser uma mãe levando o alimento ao seu ninho.

A minha formação escolar me deu várias possibilidades de seguimento, porém meu foco sempre foi o meio ambiente.

As duas faculdades e mais a especialização me deram a base necessária para começar a criar, transmitir, informar e principalmente transformar o que achava de certa forma não correto, numa ação correta baseada nos preceitos ambientais.